



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
DOUTORADO ACADÊMICO EM ARTES**

VALÉRIA FERNANDA SOUSA SALES

**SAUDADES, REENCONTROS E MANICUERA:
Espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA**



**BELÉM DO PARÁ
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES
DOUTORADO ACADÊMICO EM ARTES

VALÉRIA FERNANDA SOUSA SALES

SAUDADES, REENCONTROS E MANICUERA:
espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em
Curuçá – PA

BELÉM – PARÁ

2022

VALÉRIA FERNANDA SOUSA SALES

SAUDADES, REENCONTROS E MANICUERA:
espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em
Curuçá-PA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção de título de Doutora em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Miguel de Santa Brigida Júnior.

Linha de Pesquisa 2: Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes.

BELÉM – PARÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S163s Sales, Valéria Fernanda Sousa.
Saudades, Reencontros e Manicuera : espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá – PA /Valéria Fernanda Sousa Sales. — 2022.
175 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Miguel de Santa Brigida Júnior
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2022.

1. Espetacularidades-Luto-Curuçá-PA. 2. Etnocenologia.
3. Iluminação dos Mortos. I. Título.

CDD 791.092




INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ.


Aos vinte e oito (28) dias do mês de janeiro do ano de dois mil e vinte e dois (2022), às quinze (15) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência do orientador professor doutor Miguel de Santa Brígida Junior, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Tese de Valéria Fernanda Sousa Sales, intitulada: **Saudades, Reencontros e Manicuera: espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA.**, perante a Banca Examinadora, composta por: Miguel de Santa Brígida Junior (Presidente); Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (Examinador Interno); João de Jesus Paes Loureiro (Examinador Externo ao Programa); Daniela Maria Amoroso (Examinador Externo à Instituição); Jorge das Graças Veloso (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, o professor doutor Miguel de Santa Brígida Junior, passou à palavra a doutoranda, que apresentou a Tese, com duração de quarenta e cinco minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela doutoranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o **conceito** EXCELENTE, Distinção e indicação para publicação. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela doutoranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor doutor Miguel de Santa Brígida Junior agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela doutoranda. Belém-PA, 28 de janeiro de 2022.


MIGUEL DE SANTA BRIGIDA JUNIOR


IVONE MARIA XAVIER DE AMORIM ALMEIDA


JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO


DANIELA MARIA AMOROSO


JORGE DAS GRAÇAS VELOSO


VALÉRIA FERNANDA SOUSA SALES

Dedico esta pesquisa à memória das mais de 660 mil vítimas da Covid-19 no Brasil.

À Apolônia Macedo, Rui Márcio Viana, Felipa Ferreira, Emanuel Gomes, Nely Gomes, Benedito Favacho, Margareth Favacho, Rosa Protázio, Prof. João Protázio, Francisca Protázio, Agenora Miranda, Raimundo Figueredo, Raimundo Setubal, Jacira Lima, Francisco Lima, Prof^a Jane Lima, Prof. Naldo Gonçalves, Prof. Jorge Loló, Prof. Carlos Praça, Prof. Adílio Gomes, Prof. Paulo Paixão, Prof. Silvio Holanda, Prof. Felipe Barata, Prof. Neuton Reis, Alcir Miranda, Edinaldo Silva, Ediberto Silva, Antônio Macêdo (Quepe), Nilton Lobato, Francisco Negrão (Piça), Cláudio Rendeiro (Epaminondas Gustavo), Paulo Gustavo, Josely Cruz, Xavier Cardoso, Antônio Galvão Ferreira, Ulisses Manaças, Lya Luft.

Ao meu amado pai, Fernando Sales.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Célia Sales, irmãos, sobrinhos e aos demais familiares pelo amor, carinho, abraços que afagam, gargalhadas que energizam e o estar junto sempre cheio de muita aprendizagem!

À Anataciara Ferreira pela felicidade que é viver ao seu lado há 17 anos.

Aos meus sogros Aluísio Barbosa e Ermita Favacho, cunhados, sobrinhos e demais familiares pelos encontros, mãos dadas e amor que vencem todas as barreiras visíveis e invisíveis!

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, aos professores Sônia Chada, Ana Flávia Mendes, Giselle Guilhon, Wlad Lima, Ivone Xavier, Afonso Medeiros, Orlando Maneschy, Marisa Morkazel, Miguel Santa Brigida e João de Jesus Paes Loureiro pela generosidade em partilhar conhecimentos e nos direcionar no caminho das artes.

Ao meu orientador, professor e amigo Miguel Santa Brigida, por trilharmos juntos caminhos de enfrentamento do medo sobre a morte, o entrelaçamento com o amor pelos nossos pais, ressignificando a saudade deixada por eles e assim, a cada passo dado, possamos curar nossas crianças interiores.

Aos professores da banca avaliadora da tese: Ivone Xavier, Daniela Amoroso, João de Jesus Paes Loureiro e Jorge das Graças Veloso, por aceitarem o convite e pelas primorosas arguições. Meu afeto profundo!

À gestão do Arquivo Público Municipal de Curuçá pelo acesso ao *livro de óbitos 1826 a 1872* da Vila Nova D'El Rey.

À Secretaria Municipal de Cultura de Curuçá pelo apoio à pesquisa!

À ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais) por me encontrar na trajetividade espelhada e me reconectar às questões sobre a temática da morte que me falam ao coração! Gratidão, Maria Elizia Borges, Cláudia Rodrigues, Elisiana Trilha Castro, Marcelina Almeida, Michelle Ferreira, Viviane Comunale, Andréia Vicente, Francisco Neto e Paulo Renato.

Gratidão pela correção dos textos da pesquisa, Otávia Castro e Valéria Cabral!

Aos gestores Evanildo Sabino e Paulo Henrique Ferreira, coordenadoras pedagógicas Érica Colins e Ivana Campos, aos colegas de trabalho das Escolas Estaduais Prof^ª Olinda Veras Alves e Prof^ª Raimunda Sena da Silva que me ajudaram a conciliar minhas aulas de Literatura Luso-brasileira às aulas do Doutorado em Artes, visto que não me foi concedida

licença para aprimoramento profissional pela Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA).

Aos meus alunos do Ensino Médio das escolas estaduais e das Licenciaturas em Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, pela escuta da pesquisa, força e motivação para mais anos de estudo.

Aos amigos do Doutorado Acadêmico em Artes 2017.2 (PPGARTES/ICA/UFPA). O afeto de nossas vivências e pesquisas nos conectou aos indígenas, danças circulares, música, corinhos, Cinema, Moda, rua, aos mestres do violão, fotografia, à Iluminação dos Mortos, à Festa de São Marçal, analisou o ProfArtes, abraçou a Árvore de Mim e desfilou em homenagem a São Benedito na Escola de Samba de Maquete Arco-Íris. Ligamos Pará, Maranhão e Ceará. Que encontro lindo, obrigada amigos!

Aos Grupos de Pesquisa TAMBOR (CNPq 2008, UFPA), UMBIGADA (CNPq 2012, UFBA), AFETO (CNPq 2018, UNB), GIPE-CIT (UFBA), NETPOP (UFBA), GTEtnocenologia (ABRACE) e aos demais etnocenólogos por sempre buscarem a essência de estar juntos, mesmo virtualmente nestes tempos pandêmicos.

À Juciara Rodrigues, Ana SÉrgia Rocha, Raimundo Negrão, Juliana Rodrigues, Marlon Ziel, Família Silva, Famílias Monteiro, Hítalo Magno, Carolina Oliveira, Celina Palheta, Maicon Monteiro, Arquelau Pereira, Antônio Carlos Pereira e Marta Borges pela concessão de entrevistas.

Aos colaboradores das imagens da pesquisa: Anataciara Ferreira, Tamara Luso, Silva Drone, Yago Williamses, Beatriz Lispector, Márcia Gomes, Shirlene Almeida, Eduardo Wagner, Danielly Vasconcelos, Carolina Oliveira e Thiago Azevedo.

Aos amigos que me ajudaram a ampliar os conhecimentos sobre a pesquisa do doutoramento através de livros, teses, dissertações, artigos e indicações de congressos: Carol Magno, Aninha Moraes, Aninha Costa, Rosângela Colares, Otávia Castro, Eduardo Wagner, Fernando Hage, Simei Andrade, Cláudia Palheta e Cláudio Didimano.

Ao Zumba Explosion, à professora Juliana Rodrigues e às colegas, que junto a mim buscaram o caminho de volta a si mesmas.

Ao O Corpo Explica, à Vanessa Cesnik e Elton Euler, pelas aulas que ajudaram a conhecer e respeitar os meus traços.

Ao Jardim Consciente, à Neusa Tamaio e Majô Celestino pela atenção e conteúdo que me ajudaram a sair da procrastinação, ao entender que eu precisava curar a minha criança interior.

À Lua Valentia, Pierre Rinco, Diana D'Lune e Tommy Kelly por suas criações,

sabedoria e liberdade.

Ao Terreiro de Mina Nagô Ogum Rompe Mato, ao pai Antônio, à mãe Érica e meus irmãos de santo que me acolheram com todo amor, pés descalços, ouvidos atentos, cantoria, sons do atabaque que atingem o coração e respeito à espiritualidade que nos acompanha.

Gratidão, Oxóssi, Omolu, Xangô, Oxum, Mariana, Zé Raimundo, Tereza Légua, Zé Pelintra, Princesa Juliana e tantos que estiveram comigo nesta caminhada.

Gratidão, Terreiro de Umbanda Caminho de Luz (Pouso Alegre – MG) pela cura espiritual e vida renovada.

Aos meus antepassados que me fortaleceram neste momento!

Aos espíritos de luz que me guiaram, sustentaram-me, acolheram-me e iluminaram minha jornada!

Gratidão à egrégora estabelecida nesta pesquisa!

Viva, Nossa Senhora de Nazaré!

Viva, viva, viva!

“Comigo, a casa estava mais vazia. O frio entrava e, dentro de mim, solidificava. As várias sombras da sombra de mim, imóveis, passeavam-se de corpo em corpo, porque todos eles, todos meus, eram igualmente negros e frios. E abri a janela. Muito longe do luto do meu sentir, do meu ser, ser mesmo, o sol-pôr a estender-se na aurora breve solene da nossa casa fechada, pai.”

(PEIXOTO, 2015, p. 17)

“Na Iluminação... principalmente nesse dia... como é um dia especial pra eles, os mortos, e pra gente também como uma forma de demonstrar carinho por eles... Nesse dia, eles estão ali [no cemitério] em espírito, mas estão. É onde se reúnem os familiares e aí... eles contemplam todo mundo ali.”

(RODRIGUES J., 2021, entrevista)

“[...] não acredito que possamos falar no desaparecimento da relação dos vivos para com os mortos, mas sim no ofuscamento da intermediação do clero entre o mundo terreno e o do além-túmulo [...] no limiar da eternidade, nas fronteiras do além, os vivos mostravam atitudes mais autônomas em relação à morte, ao morrer e ao além-túmulo.”

(RODRIGUES C., 2005, p. 352)

RESUMO

SALES, Valéria Fernanda Sousa. **Saudades, Reencontros e Manicuera:** espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA. 2022. 175f. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém-PA.

Este estudo compreende a alteridade que vivenciei no cemitério São Bonifácio e Bosque da Igualdade com biscateiros, famílias enlutadas, vendedoras de manicuera, de doces de tapioca, de grinaldas de flores e com os praticantes da Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA nos anos de 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021. Vivência que trouxe à luz o *corpo da pesquisa* em suas dimensões econômicas, sociais, simbólicas e de pertencimento como etapa importante para a saída do luto e o apaziguamento entre vivos e mortos. Com o mergulho epistemológico na Etnocologia, enquanto Etnocóloga de Ritos Fúnebres, adenso as discussões sobre espetacularidades apresentando o *corpo-cemitério*, territorialidade habitada por mortos que possuem *vizinhos de sepultura*, *zeladores de túmulos* e *biscateiros* (trabalhadores exclusivos para construção, pintura, limpeza e identificação de *casas-túmulo*) – nomenclatura própria do fenômeno e que compreendo como um *papel social* dentro das Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados (Armando Bião). Na Iluminação dos Mortos, os túmulos são enfeitados com grinaldas de flores, velas são acesas e preces são realizadas pelos praticantes que desfilam seus estilos escolhidos para aquela ocasião em um verdadeiro *Cemitério Fashion*, com camisas personalizadas homenageando o morto familiar, sendo o corpo, o templo do afeto (Miguel Santa Brigida) para honrar seus antepassados. Para desenterrar as concepções que cercam a mudança de mentalidade sobre *a morte de si mesmo* para *a morte do outro* (Philippe Àries), pelo deslocamento do espaço geográfico da *igreja cemitério* para o *cemitério secular*, na secularização da morte em Curuçá-PA, movi meus estudos para a igreja histórica da Ordem Terceira do Carmo em Sabará – MG, por ainda conservar indícios de igreja cemitério. Assim, apresento como contribuição epistemológica o *Campo Movente*, noção que possibilita ao pesquisador mover seus estudos para outro campo/corpo que abriga semelhanças históricas, territoriais, simbólicas e/ou de pertencimento para a compreensão do fenômeno estudado. Na trajetividade desta pesquisa, enfrentei a morte do meu pai em 2019, passei pela compreensão do luto, acompanhei os curuçãenses que se reconectaram aos seus entes queridos através de preces e velas acesas em quintais e cruzeiros do município durante a Pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Iluminação dos Mortos; corpo-cemitério; Curuçá-PA; espetacularidades; campo movente; afeto.

ABSTRACT

SALES, Valéria Fernanda Sousa. **Saudades, Meetings and Manicuera:** intertwined Spectacularities of affection in the Illumination of the Dead in Curuçá-PA. 2022. 175f. Thesis (Doctorate in Arts) - Graduate Program in Arts, UFPA, Belém-PA.

This study understands the otherness I experienced at the São Bonifácio and Bosque da Igualdade cemeteries with biscateiros, bereaved families, sellers of manicuera, tapioca sweets, flower wreaths and with practitioners of Illumination of the Dead in Curuçá-PA in 2017, 2018, 2019, 2020 and 2021. Experience that brought to light the *body of the research* in its economic, social, symbolic and belonging dimensions as an important step towards the solution of mourning and peace between the living and the dead. With the epistemological dip in Ethnology, as an Ethnologist of Funeral Rites, the discussions about Spectacularities presenting the *cemetery-body*, territoriality inhabited by the dead who have *tomb neighbors, tomb caretakers biscateiros* (exclusive workers for construction, painting, cleaning and identification of *tomb-houses*) – the phenomenon's own nomenclature, which I understand as a *social role* within Organized Spectacular Human Practices and Behaviors (Armando Bião). In Illumination of the Dead, tombs are decorated with wreaths of flowers, candles are lit and prayers are performed by participants who parade their chosen styles for that occasion in a true Fashion Cemetery, with personalized shirts honoring the dead family, being the body, the temple of affection (Miguel Santa Brígida) to honor his ancestors. To unearth the conceptions that surround the change of mentality about the *death of oneself* to the *death of the other* (Philippe Ariès), by the displacement of the geographic space from the church-cemetery to the cemetery-secular, in the secularization of death (Cláudia Rodrigues) in Curuçá -PA, I moved my studies to the historic Church of the Third Order of Carmo in Sabará – MG, as it still conserves signs of a church-cemetery. Thus, I present as an epistemological contribution the *Moving Field*, a notion that allows the researcher to move their studies to another field/body that houses historical, territorial, symbolic end/or belonging similarities for the understanding of the studied phenomenon. In the trajectory of this research, I faced the death of my father in 2019, I went through the understanding of mourning, I accompanied the people of Curuçá who reconnected to their loved ones with prayers and lit candles in backyards and cruises in the municipality during the Covid-19 Pandemic.

Keywords: Illumination of the Dead; cemetery-body; Curuçá-PA; spectacularities; moving field; affection.

RESUMÉ

SALES, Valéria Fernanda Sousa. **Saudades, Reencounters et Manicuera**: Spectacles d'affection croisés dans l'Illumination des Morts à Curuçá-PA. 2022. 175f. Thèse (Doctorat in Arts) - Graduate Program in Arts, UFPA, Belém-PA.

Cette étude comprend l'altérité que j'ai vécue dans les cimetières de São Bonifácio et Bosque da Igualdade avec des biscateiros boulots, des familles endeuillées, des vendeurs de manicuera, des biscuit au tapioca, des couronnes de fleurs et avec des praticiens de Illumination des morts à Curuçá-PA en 2017, 2018, 2019, 2020 et 2021. Expérience qui a mis en lumière le *corpus de la recherche* dans ses dimensions économique, sociale, symbolique et d'appartenance comme une étape importante vers la solution du deuil et de la paix entre les vivants et les morts. Avec le plongeon épistémologique en spectacularités ethnocénologie, comme ethnocénologie des rites funéraires, les discussions sur les présentant le *corps-cimetière*, la territorialité habitée par les morts qui ont *des voisins de tombe, les gardiens de tombes et les biscateiros* (ouvriers exclusifs pour la construction, la peinture, le nettoyage et l'identification de *maisons funéraires*) – la propre nomenclature du phénomène, que je comprends comme un *rôle social* au sein des pratiques et comportements humains organisés spectaculaires (Armindo Bião). Dans Illumination des morts, les tombes sont décorées de couronnes de fleurs, des bougies sont allumées et des prières sont exécutées par les participants qui défilent les styles choisis pour cette occasion dans un véritable cimetière de la mode, avec des chemises personnalisées honorant la famille décédée, étant le corps, le temple de l'affection (Miguel Santa Brigida) pour honorer leurs ancêtres. Déterrer les conceptions entourant le changement de mentalité de *la mort de soi à la mort de l'autre* (Philippe Àries), en déplaçant l'espace géographique de l'église-cimetière au cimetière laïc, dans la sécularisation de la mort (Cláudia Rodrigues-) à Curuçá – PA, j'ai déplacé mon mes études vers l'église historique du Tiers-Ordre de Carmo à Sabará - MG, car elle conserve encore des traces d'une église-cimetière. Ainsi, je présente comme contribution épistémologique le *Moving Field*, une notion qui permet au chercheur de déplacer ses études vers un autre champ/corps qui recèle des similitudes historiques, territoriales, symboliques et/ou d'appartenance pour la compréhension du phénomène étudié. Dans la trajectoire de cette recherche, j'ai fait face à la mort de mon père en 2019, j'ai traversé la compréhension du deuil, j'ai accompagné les habitants de Curuçá qui se sont reconnectés à leurs proches à travers des prières et des bougies allumées dans les arrière-cours et des croisières dans la municipalité pendant la pandémie de Covid-19.

Mots-clés: Illumination des Morts; corps-cimetière; Curuçá-PA; spectacularités; moving field; affection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Primeira imagem-força – Espiral de ideias.....	31
Ilustração 2 – Segunda imagem-força: Desenho do cemitério São Bonifácio.....	32
Ilustração 3 – Terceira imagem-força: Maquete do cemitério São Bonifácio.....	33
Ilustração 4 – O Corpo-Afeto do Etnocenólogo orientador em Curuçá-PA.....	35
Ilustração 5 – A pesquisa no corpo. Gira do TAMBOR. Fórum Bienal de Pesquisa em Artes. 2017.....	37
Ilustração 6 – Marias de Barro. Auto do Círio 2017.....	39
Ilustração 7 – Círios.....	41
Ilustração 8 – Luzias. Auto do Círio 2018.....	42
Ilustração 9 – Auto do Círio 2019.....	43
Ilustração 10 – Auto do Círio 2021.....	46
Ilustração 11 – A felicidade renasceu ao me reconectar com as minhas crianças.....	50
Ilustração 12 – Igreja da ordem Terceira do Carmo em Sabará – MG.....	59
Ilustração 13 – Túmulo no interior da Igreja da Ordem terceira do Carmo em Sabará-MG.	60
Ilustração 14 – Cemitério da Ordem Terceira do Carmo em Sabará-MG.....	62
Ilustração 15 – Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto- MG.....	63
Ilustração 16 – Localização do Adro da igreja de N. Sra. do Rosário, Curuçá-PA.....	64
Ilustração 17 – Esquema conceitual sobre a Morte de Si Mesmo e a Morte do Outro.....	65
Ilustração 18 – Imagem aérea do Cemitério São Bonifácio em Curuçá-PA.....	71
Ilustração 19 – Placas na capela do cemitério São Bonifácio.....	73
Ilustração 20 – Arquitetura funerária no São Bonifácio.....	75
Ilustração 21 – Esculturas no São Bonifácio.....	76
Ilustração 22 – Adornos no São Bonifácio.....	77
Ilustração 23 – Cruz, Cruzeiro no São Bonifácio.....	79
Ilustração 24 – Sepulturas de Anjos.....	80
Ilustração 25 – Caixas-túmulo e cruzes à venda no cemitério.....	82
Ilustração 26 – Arquelau Pereira e outros biscateiros no cemitério São Bonifácio.....	84
Ilustração 27 – Banda Lauro Sodré fez apresentação na Iluminação dos Mortos 2017.....	88
Ilustração 28 – Palestra: O curuçaense e a relação com a morte.....	90
Ilustração 29 – Administração Pública e serviços de saúde na Iluminação dos Mortos em Curuçá.....	92
Ilustração 30 – Xavier Cardoso passeou com a família e vendeu grinaldas na Iluminação.....	95
Ilustração 31 – Juciara Rodrigues e as grinaldas para o seu falecido marido.....	97
Ilustração 32 – Colheita da mandiocaba.....	99
Ilustração 33 – Equipamento caseiro para moer mandiocaba.....	100
Ilustração 34 – Ana Sérgia vendendo manicuera no Bosque da Igualdade.....	101
Ilustração 35 – Dona Celina Palheta quando ainda fazia os doces da Iluminação.....	103
Ilustração 36 – Receita da cocada, beijo de moça ou doce de tapioca.....	105
Ilustração 37 – Dona Marta e Beatriz venderam doces de tapioca e cocada no Bosque da Igualdade.....	107
Ilustração 38 – A Iluminação dos Mortos com as homenagens dos familiares.....	113
Ilustração 39 – Religiosos na Iluminação: Testemunhas de Jeová e Freiras.....	115
Ilustração 40 – Vizinhos de sepultura reencontram amigos ao iluminarem o túmulo do ente querido.....	116
Ilustração 41 – Iluminação noturna e a grande movimentação no São Bonifácio.....	117
Ilustração 42 – Elementos presentes em arraiais e festas diversas que são vendidos na	

Iluminação dos Mortos.....	118
Ilustração 43 – Reencontro de amigos no Bosque da Igualdade durante a Iluminação dos Mortos.....	119
Ilustração 44 – Curuçenses e a Iluminação dos Mortos nas redes sociais.....	121
Ilustração 45 – Jovens com seus estilos no cemitério.....	124
Ilustração 46 – Familiares vestidos com camisas personalizadas para homenagear os mortos.....	126
Ilustração 47 – Marlon Ziel em seu túmulo em que acendeu velas para si mesmo.....	128
Ilustração 48 – Família Nascimento homenageia a matriarca com flores e velas no túmulo.....	130
Ilustração 49 – Criança acendeu velas no túmulo da avó pela primeira vez.....	131
Ilustração 50 – Maria de Fátima zela pelo túmulo do pai.....	132
Ilustração 51 – O cemitério é um lugar festivo para a família Monteiro.....	133
Ilustração 52 – Esquema conceitual da Iluminação dos Mortos, Curuçá-PA.....	134
Ilustração 53 – Imagens dos praticantes da Iluminação captadas por Carolina Oliveira.....	136
Ilustração 54 – Agentes de saúde controlaram o acesso ao cemitério São Bonifácio na pandemia.....	140
Ilustração 55 – Iluminação diurna durante a pandemia 2020.....	141
Ilustração 56 – Bosque da Igualdade e São Bonifácio na Iluminação durante a pandemia em 2020.....	142
Ilustração 57 – Família Magno chora a perda de familiares para a Covid-19.....	143
Ilustração 58 – Família Gomes ilumina pela primeira vez o túmulo da matriarca.....	150
Ilustração 59 – Família Monteiro iluminando o túmulo da matriarca.....	152
Ilustração 60 – Nas redes sociais a resposta sobre a restrição de horário da Iluminação 2021.....	154
Ilustração 61 – Nota de Jornal sobre a confusão causada pela pintura do muro do cemitério em 2009.....	155

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

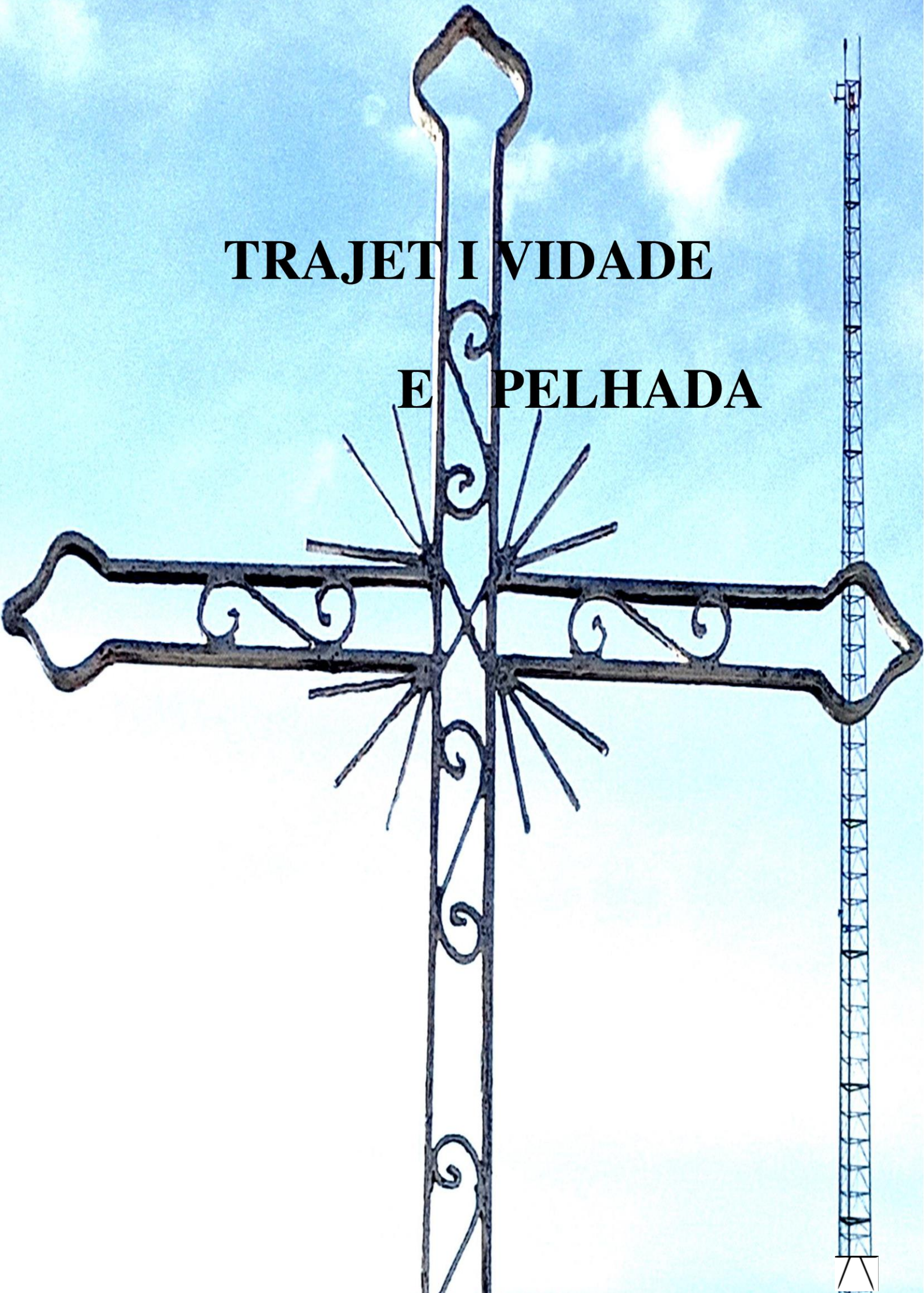
- AFA (Associação Brasileira da Preservação da Cultura Afro-ameríndia)
- ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais)
- ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas)
- AFETO (Grupo de Pesquisa em Etnocologia. UnB. CNPq, 2018)
- COMARA (Comissão de Aeroportos da Amazônia)
- ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará)
- GTEtnocologia (Grupo de Trabalho em Etnocologia – ABRACE)
- GIPE-CIT (Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade. UFBA)
- ICA (Instituto de Ciências da Arte – UFPA)
- NETPOP (Núcleo de Estudos em Teatro Popular. UFBA)
- PPGAC (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA)
- PPGARTES (Programa de Pós-Graduação em Artes – UFPA)
- TAMBOR (Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocologia. UFPA. CNPq, 2008)
- UFBA (Universidade Federal da Bahia)
- UFPA (Universidade Federal do Pará)
- UMBIGADA (Grupo de Pesquisa em Dança, Cultura e Contemporaneidade. UFBA. CNPq, 2012)
- UnB (Universidade de Brasília – DF)

SUMÁRIO

1	TRAJETIVIDADE ESPELHADA.....	17
1.2	O Corpo do Campo.....	20
1.3	O Campo no Corpo.....	29
2	DA MORTE DE SI MESMO À MORTE DO OUTRO: LUGARES SAGRADOS, SALVAÇÃO DA ALMA E A SECULARIZAÇÃO DOS CEMITÉRIOS NO SÉCULO XIX.....	53
2.1	O <i>Campo Movente</i>: a estrutura dos primeiros cemitérios na igreja histórica da Ordem Terceira do Carmo em Sabará – MG.....	57
2.2	<i>Corpo-cemitério</i>: a extensão da cidade dos vivos no São Bonifácio.....	66
2.3	O Papel Social do <i>Biscateiro</i> que constrói e realiza reparos nas casas-túmulo.....	81
3	ILUMINAÇÃO DOS MORTOS EM CURUÇÁ – PA.....	88
3.1	Preparativos para a Iluminação dos Mortos.....	88
3.1.1	<i>As Grinaldas de Flores</i> na Iluminação dos Mortos.....	93
3.1.2	<i>Manicuera</i> : Patrimônio Cultural do Município de Curuçá – PA.....	98
3.1.3	<i>Doce de Tapioca</i> : técnica e possibilidade de extinção.....	103
3.2	Festa de Finados: espetacularidades e afeto.....	107
3.2.1	<i>Cemitério Fashion</i> : a espetacularidade de vestir-se para a Iluminação dos Mortos.....	122
3.2.2	<i>Autoiluminação</i> : o retorno da <i>Morte de Si Mesmo</i> e os túmulos dos vivos.....	127
4	A ILUMINAÇÃO DOS MORTOS EM UM MUNDO PANDÊMICO.....	139
4.1	Velas, preces e solidariedade.....	146
5	CAMINHOS ILUMINADOS.....	158
	REFERÊNCIAS.....	163
	ANEXO A – REDE TURU VISÃO INFORMA.....	172
	ANEXO B – CONTROVÉRSIAS CURUÇAENSES.....	173

TRAJETIVIDADE

E PELHADA



1 TRAJETIVIDADE ESPELHADA

A minha trajetividade de retorno às pesquisas sobre a temática da morte se deu no ano de 2017, através da tomada de decisão entre continuar com o cortejo fúnebre do Frete¹, seguindo a homenagem e reverência ao ente querido falecido, que ao se despedir da Vila São João do Abade, é levado por *corpos-frete* – corpos alterados pela dor, lembranças, cansaço e ingestão de cachaça que carregam o caixão por 4,5 km. O *corpo-fretado* é retirado de sua *casa-viva* (casa enquanto vivo) para a nova morada, na *casa-túmulo* (casa enquanto morto), o cemitério São Bonifácio no centro do município de Curuçá-PA². Ou seria o momento de compreender o rito da Iluminação dos Mortos – homenagem aos entes queridos falecidos, em que a cada vela acesa, têm os caminhos iluminados e envolve a diminuição da saudade dos vivos que rumam para a saída do luto, realizando assim, o apaziguamento entre os vivos e mortos.

Em orações à Nossa Senhora de Nazaré³ – mãe que acolhe meus pedidos, afaga minhas dores, que sigo caminhante no Círio em sua homenagem e a tudo que ela significa para muitos de nós paraenses – recebi suas bênçãos para iluminar os mortos, e assim, seguimos juntas de mãos dadas, seja ao chegar à Ermida de Nossa Senhora de Nazaré⁴ (Cabo de Santo Agostinho – PE), seja orando aos pés de sua imagem no Santuário Imaculado

¹ O Frete foi o meu fenômeno de pesquisa no Mestrado Acadêmico em Artes: **Lágrimas e Cachaça: a Espetacularidade do cortejo fúnebre do Frete em São João do Abade, Curuçá – PA.** (PGARTES/ICA/UFPa). 2014. Link para acesso à dissertação: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/7438>

² Município paraense distante 120 km de Belém, capital do Estado do Pará.

³ Nossa Senhora de Nazaré é um dos títulos dados à Maria, mãe de Jesus. A devoção teve início com uma famosa aparição e milagre ocorridos em Portugal e espalhou-se pelas colônias portuguesas. No Brasil, a devoção à Nossa Senhora de Nazaré tem grande expressão em vários locais, nomeadamente Belém e Saquarema. [...] Introduzida no Pará pelos jesuítas, há mais de 200 anos, a devoção à Nossa Senhora de Nazaré é cultuada na festa do Círio de Nazaré. Consta que a imagem de Nossa Senhora de Nazaré foi encontrada pelo caboclo Plácido José de Souza no ano de 1700, às margens do igarapé Murucutu. Plácido levou-a para sua casa e no dia seguinte a imagem havia desaparecido. O caboclo tornou a encontrá-la no igarapé, recolhendo-a novamente. O fato repetiu-se duas vezes até que foi construída uma pequena capela no local. Com o aumento da devoção, foi construída a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré nesta localidade, hoje Belém do Pará. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Nazar%C3%A9). Acesso em 27 de dez. de 2021.

⁴ Não se sabe ao certo a data exata da construção da pequena capela que deu origem à Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, em torno da qual se ergueu um povoado que ainda mantém as características da arquitetura colonial. Localizada no ponto mais alto do cabo, já servia como referência aos navegantes no final do século XVI, pois os mais antigos roteiros da costa brasileira faziam referência a uma ermida “que parece uma vela branca” na elevação do Cabo de Santo Agostinho, que podia ser vista a grande distância. A antiga construção recebeu duas ampliações, em 1679 e 1872. É uma construção simples e despojada e a capela-mor, com sua torre piramidal, guarda traços do corpo da ermida primitiva. O grande largo, diante da igreja, ainda hoje é ponto de reunião da comunidade de Nazaré. A Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, localizada no centro da Vila de Nazaré, é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1961. (<http://wikimapia.org/7758746/pt/Igreja-de-Nossa-Senhora-de-Nazar%C3%A9>). Acesso em 27 de dez. de 2021.

Coração de Maria⁵ (Pouso Alegre – MG), seja recebendo a notícia de minha aprovação no doutorado em Artes, quando passava em frente à Basílica de Nazaré em 2017 (Belém – PA), seja sentindo seu afago divino quando soltou minhas mãos para segurar as do meu pai ao acompanhá-lo até o caminho da eternidade no ano de 2019.

A decisão em compreender a Iluminação de Mortos, levou-me à uma trajetividade espelhada e, a cada passo dado no caminho, vi minha imagem refletida e pedaços de significação que formam *o corpo* do fenômeno de homenagem aos mortos. *Corpus* teóricos encostaram na pesquisa, encostaram na artista-pesquisadora, que naquele momento estava afetada por toda a energia recebida para a aprovação no doutoramento, o início dos estudos com o meu pai em uma unidade de tratamento intensivo (UTI) e o falecimento dele no ano de 2019.

Os encostamentos teóricos, espirituais e de lembranças, desenterraram meus medos, mágoas, cansaço, saudade... Iluminaram em mim o que estava adormecido, coberto pelo véu do tempo, anunciando a morte do que não me cabia mais.

Os espelhos são símbolos de sabedoria espiritual, conhecimento e iluminação: no Budismo Tibetano, a sabedoria do Grande Espelho ensina que o mundo de formas refletido nele é ilusório, enquanto para os taoístas, o espelho do coração reflete o Céu e a terra. Através de sua associação com a inteligência, o espelho frequentemente é um símbolo solar; o mito japonês conta que a deusa do sol, Amaterasu, foi seduzida a sair de sua caverna por um espelho sagrado para refletir sua luz no mundo. O espelho também é um símbolo feminino e lunar, além de ter associações com a sorte e a superstição. Na China, o espelho é sinal de harmonia e casamento feliz, com um espelho quebrado sugerindo separação. No folclore ocidental, dizem que um espelho traz sete anos de azar para a pessoa que o quebrou. (AIREY; O'CONNELL, 2010, p. 93)

Diante do espelho da sabedoria espiritual, conhecimento e iluminação, a trajetividade foi pausada pela dor da morte e encarei a minha imagem sobreposta à do meu pai. Morri também, entrei no espelho, vi minha criança interior⁶ ferida, chorando escondida no escuro,

⁵ A história desse Santuário tem início junto com a Diocese de Pouso Alegre, em 1901. Ao ser nomeado como primeiro bispo, Dom João Batista Correa Nery convoca os Missionários Claretianos para colaborarem nessa nova Igreja particular. A pedra fundamental da igreja foi abençoada no dia 04 de janeiro de 1902 pelo próprio Bispo. Em 07 de dezembro de 1905 a nova igreja foi inaugurada. O dinheiro para a construção vinha dos próprios religiosos, em suas missões pastorais, bem como do povo, com doações e eventos. E não demorou muito para que as obras fossem finalizadas. O Santuário do Imaculado Coração de Maria apresenta rica contribuição não somente religiosa, mas também histórica e arquitetônica, para cidade de Pouso Alegre e região sul mineira. (<https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/pouso-alegre/santuاريو-imaculado-coracao-de-maria>). Acesso em 27 de dez. de 2021.

⁶ A criança interior é uma parte da nossa mente que experimentou a vida e se adaptou a certos comportamentos e padrões para viver. É uma parte **inconsciente** de nossa mente, onde carregamos nossas necessidades não satisfeitas, emoções reprimidas da infância, nossa criatividade, intuição e capacidade de brincar. A criança interior é aquela que se manifesta em nós e cujas experiências ainda não “foram embora”. Muitas vezes, ainda vemos o mundo através dos olhos de nossa criança. O relacionamento que tivemos com nossos pais em nossa infância molda cada relacionamento que temos na fase adulta. Quando crianças devemos aprender a nos

de olhos fechados para as próprias sombras. Sombras que me pressionaram a descer, assim com a depressão cheguei “lá embaixo na sujeira, uma sujeira curativa” (JUNG, 2015, p. 64).

O que bem observou Louis-Vicente Thomas ao colocar que há a evocação de nossa própria morte a partir da consciência da morte do outro, sendo neste momento que tomo consciência da minha finitude:

cada instante de minha vida se carrega de todo o peso do meu destino. Cada um dos meus atos se inscreve nele como uma peça nova de uma edificação irreversível que continua por toda a duração da minha existência, deixando-me cada vez com o gesto do inacabado (THOMAS, 178, p. 24 apud RODRIGUES, 2006, p.23).

Percebi-me incompleta, precisando me reconstruir, edificar-me... Ao entender o processo de consciência que me fez morrer, deixando-me acordada somente para trabalhar e me alimentar, fui viver o luto pela morte do meu pai, fui chorar... O que antes era inaceitável por ser a primogênita, sentia-me responsável em cuidar de meus dois irmãos – mesmo depois de adultos – e de meus pais.

Eu desligava para não enfrentar a realidade, sentia-me derrotada pela doença que o levou. Não conseguia ler, escrever ou falar sobre minhas pesquisas, pois se eu conseguisse, entraria no universo do fenecer e encontraria a dor. Eu procrastinava, fugia para os afazeres domésticos, culinária, cuidado com as plantas ou ajudar minha mãe durante a pandemia de Covid-19.

Neste processo, precisava me reencontrar, conhecer minha morada, meu lugar.

Com o corpo paralisado pelo luto, fui para a fisioterapia, estudar sobre procrastinação, entender o funcionamento, formato e traços corporais. Precisava viver a dor, enfrentar as sombras e atravessar este portal espelhado. Fui dançar, andar de bicicleta, cuidar da alimentação, permitir que o afeto alheio chegasse. Fui brincar com meus sobrinhos, ouvi-los, dar-lhes colo e atenção. Permiti-me parar, errar, não ser perfeita... O meu ego gritava para cumprir as tarefas, a minha criança interior se distraía nas redes sociais... “Precisamos ter coragem e humildade para abrir mão do orgulho e assumir nossos erros. Precisamos nos curar do egoísmo. E somente o autoconhecimento pode nos curar” (PREM BABA, 2017, p. 8).

O autoconhecimento, autocuidado e a autoescuta me reconectaram: voltei ao lar.

1.1 O Corpo do Campo

O caminho se fez caminhando, o meu caminhar na pesquisa continuou e se ampliou com a Etnocenologia, em consciência transdisciplinar dos corpos do fenômeno e da pesquisa. Expansão em que a *trajetividade* da artista-pesquisadora construiu o *projeto* para a vivência em campo com os praticantes do Fenômeno, juntando-se ao *afeto*:

[..] enquanto substância fundante para o resultado qualitativo e original dessas travessias na construção do pensamento e da teoria etnocenológica. Afeto enquanto amálgama da energia do corpo pesquisante no envolvimento com o objeto e fenômeno de pesquisa, seus sujeitos, seu contexto e suas relações humanas. Afeto comungado, somado, dividido e multiplicado como dimensão criativa, operativa e espiritualizada [...] (SANTA BRIGIDA, 2015, p. 23).

Foi um caminhar de entrega à escuta na alteridade, que constituiu a compreensão do fenômeno e a imersão da artista-pesquisadora em sua imagem espelhada. O afeto do artista-pesquisador é levado a campo, seja de forma consciente ou vibrando através de suas percepções entranhadas do fenômeno, sem ainda ter sido traduzido em palavras, seja multiplicado na alteridade, seja parte constituinte de sua obra artística. Armindo Bião (2009, p. 40) nos falou da apetência, a “qualidade, simultaneamente essencial e existencial, que justifica o interesse do sujeito em seu objeto de pesquisa, sem a qual não se pode construir a competência”, assim, o afeto está amalgamado à apetência para se construir a competência, qualidades essenciais ao trabalho do etnocenólogo.

Ao adentrar nos estudos sobre a Iluminação dos Mortos, minhas lembranças chegaram à Vila de Murajá⁷ em Curuçá no ano de 1989, quando viajei de Belém⁸ ao município para acompanhar minha mãe. Compramos velas, colhemos flores, encomendamos consertos e pinturas em túmulos de familiares. Vivi momentos de expectativa para ir ao cemitério, acender velas e iluminar os caminhos da minha falecida avó Ana Sousa. Expectativa frustrada pelo impedimento de crianças não frequentarem o cemitério, assim, enquanto eu esperava o término da Iluminação, escutava histórias de visagens e assombrações contadas por crianças que comungavam da mesma espera e frustração, momento que me marcou o peito com uma avidez por histórias do sombrio, misterioso e encantador tema da morte e do morrer.

Com a chegada das primeiras disciplinas do doutorado, reflexões sobre leituras, atos de escritas criativas e o meu pai na UTI, o campo de entendimento, lembranças e medos abriram um portal em mim. A segunda lembrança chegou, levou-me à sala de estar da casa da

⁷ Vila distante 14 km do centro de Curuçá.

⁸ Capital do Estado do Pará, Brasil.

minha avó paterna, confeccionávamos grinaldas de flores a serem levadas aos túmulos de meus tios, Raimundo e Maria Sales, no cemitério Santa Izabel II em Icoaraci⁹. Eram tardes cortando e colando papéis crepom que foram transformados em flores para demonstrar nossa saudade.

Como não me lembrava dessas tardes? Onde ficaram escondidas as lembranças de que minha avó paterna é curuçaense¹⁰ igual minha mãe? Como não percebi as semelhanças entre meu pai e eu: somos icoaracienses¹¹ de mães curuçaenses e temos o mesmo nome (Fernando/Fernanda)? Eu não sabia que me encontrava na trajetividade espelhada, olhando minha imagem através do rosto do meu pai:

Debruçar sobre a compreensão da morte está intrinsecamente ligado ao entendimento da vida. A morte é o espelho da vida, por isso, observá-la, estudá-la, permite-nos compreender a maneira como, enquanto estamos (estivermos) vivos, enxergamos a vida. Observar-se nesse espelho que é a morte, permite-nos refletir sobre nossa vida, nossa finitude e nossa relação com a espiritualidade. (NEGRÃO, 2014, p. 45)

A aproximação da morte, através de um morto familiar nos deixa frente a frente com a nossa própria morte, a reflexão sobre a finitude da vida é inevitável. Enquanto os mortos não eram familiares em minhas pesquisas e leituras, meu olhar era de solidariedade com os enlutados, quando ultrapassei essa linha tênue que separa os enlutados dos não enlutados, emudeci. Minhas palavras não saíram por três meses. Ainda hoje, em 2022, conhecidos do meu pai chegam em casa perguntando por ele, pois muitos não souberam de seu falecimento naquela sexta-feira 29 de março de 2019.

A pesquisa sobre a Iluminação dos Mortos veio junto a lembranças, a dor em acreditar na nova realidade, o perdão pela partida de um familiar e o perdão de si:

O conhecimento de si e do mundo é um fenômeno reflexivo e trajetivo. Trajetivo no sentido de revelar essa duplicidade e ambiguidade da relação entre o subjetivo e objetivo. O conhecimento dá-se nesse trajeto (Gilbert Durand) permanente entre o si

⁹ Icoaraci é um dos oito distritos em que se divide o município de Belém, capital do estado do Pará, no Brasil. Distante aproximadamente 20 km do Centro da capital estadual. Possui aproximadamente 200 000[3] habitantes, de acordo com o IBGE. [...] Icoaraci se destaca como importante polo de artesanato em cerâmica, instalado precisamente no bairro do Paracuri, onde se produzem réplicas de vasos típicos de antigas nações indígenas principalmente Marajoara e Tapajônica a partir de peças catalogadas pelo Museu Emílio Goeldi. O que garante, ao lugar, imensurável importância, sobretudo cultural, mais até do que econômica, não só para Belém ou para o Pará, mas para a região amazônica, já que também é lar de diversos grupos folclóricos de danças típicas (Asa-Branca, Vaiangá, Balé Folclórico da Amazônia, Grupo de Expressões Culturais Art Marajoara), de músicos (Mestre Verequete, Nazaré Pereira) e do poeta Antônio Tavernard, que lá viveram, entre outros expoentes da arte amazônica que ainda lá vivem, como Mestre Cardoso (ceramista) e professora Etelvina (dança folclórica), ambos pioneiros na arte em que atuam. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Icoaraci>). Acesso em 27 de dez. de 2021.

¹⁰ Adjetivo pátrio, aquele que nasceu no município de Curuçá – PA.

¹¹ Adjetivo pátrio, aquele que nasceu em Icoaraci, distrito de Belém do Pará.

e a alteridade, entre o eu e o mundo. A melhor metáfora compreensiva é a experiência-expressão do espelho (Jacques Lacan), que multiplica ao infinito a reflexividade (BIÃO, 1996, p. 13).

Os passos dados em um trajeto são imprevisíveis de encontros, reencontros, desencontros e da reverberação entre os envolvidos. O etnocenólogo vive o campo em alteridade com os praticantes do fenômeno, relações e momentos únicos que são presentificados em corpos, corpus, procedimentos de escritas e escutas. Tessituras, discussões, reflexões, dobras, costuras, cortes, tensões são realizados para a melhor compreensão do foi estar junto em lugares e tempos únicos.

Minha relação com a morte sempre foi de afastamento, medo de ver o corpo morto, nunca me sentia à vontade durante os velórios, ficava nervosa imaginando que a alma do morto estava ali, como se ele virasse assombração, um sentimento de terror causado por coisas sobrenaturais.

O meu medo era de não reconhecer aquele ser tão enraizado em minhas vivências, dele se tornar estranho, não me reconhecer por ter mudado de condição, não estar vivo. Mas o que vi foram olhos fechados, ouvi o silêncio e senti a ausência.

Diante destas relações vividas entre os municípios de Belém e Curuçá no Estado do Pará, em que cada lugar tem suas particularidades dentro da Amazônia, Paes Loureiro em *A Poética do Imaginário* nos coloca que:

Há, no mundo amazônico, a produção de uma verdadeira teogonia cotidiana. Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, por meio dos labores do dia a dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios. É como se aquele mundo fosse uma só cosmogonia, uma imensa e verde cosmo-alegoria. Um mundo único real-imaginário. Foi-se construindo nele uma poética do imaginário, cujo alcance intervém na complexidade das relações sociais. (PAES LOUREIRO, 2001, p. 73).

É nesta Amazônia de um mundo real-imaginário em complexas relações sociais entre dois lugares diferentes em um mesmo Estado, entre estas fronteiras geográficas que cresci e me relacionei com maneiras de olhar a morte, um imaginário potente que revela relações dispares entre a capital e o interior. A capital do trabalho sem tempo para acompanhar a finitude e seus ritos, e a cidade do interior que demonstra seu pertencimento com espetacularidades ao homenagear seus mortos.

Cresci dentro da visão da *Morte Selvagem* (ARIÈS, 1990), que quanto mais distante da morte melhor. Vi este distanciamento com a morte acontecendo em hospitais e de lá os corpos em caixões sendo levados a capelas mortuárias com todos os seus paramentos (bandeira

fúnebre, o Cristo crucificado, velas), músicas tristes que representam o luto e muito choro. Distanciamento entre vivos e mortos dentro de uma sociedade que exclui o corpo sem vida. Ao jacente, a morte acontece em hospitais, ele não tem mais direito de voltar para casa, muitos não têm a presença de familiares na despedida, pois funerárias vendem pacotes de dados de acesso a velórios online.

Tudo bem distanciado quando a Pandemia de Covid-19 chegou e transformou em realidade coletiva o que já era vivido em mundos particulares, como em Belém. O que trouxe à tona o sentimento de saudade sobre o que nem se vivia, compartilhava, pensava ou se permitia viver.

Em Curuçá, vivenciei o oposto das tradições funerárias que conhecia, com o velório na casa do falecido em que são servidas bebidas e comidas. São realizados jogos de baralho, dominó e contam-se histórias sobre o falecido. Durante o mestrado em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA, 2012-2014), o meu fenômeno de pesquisa, o Frete, veio-me como rito de passagem para enfrentar meus medos e conhecer o cotidiano do município de Curuçá, terra da minha mãe que eu só conhecia nas férias. Foram momentos de superação emocional, de energia vital, amizade, humildade em me reconhecer como um ser de carne que morre, que sofre.

Ao me conectar aos estudos da Etnocenologia, aprendi a respeitar o léxico do fenômeno, a alteridade em campo com os seus participantes, praticantes e observadores. Com esta perspectiva transdisciplinar, minhas percepções foram para além do fenômeno, fui ao meu próprio reflexo, minhas crenças, medos e afeto.

Os conceitos da pesquisa foram chegando em leituras sobre as Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados – PCHEO, sendo estas divididas em três subconjuntos a compreender sobre as espetacularidades: as substantivas (Substancialmente espetaculares – Artes do Espetáculo), adjetivas (Qualitativamente espetacular – Ritos espetaculares) e adverbiais (Circunstancialmente espetaculares – Papéis Sociais) (BIÃO, 2009, p. 93-94) e que em posteriores reflexões, chegou-me a compreensão da Iluminação dos Mortos, sendo um *Rito Espetacular Adjetivo Sagrado Secular* em sua dimensão política-econômica-social-sagrada-espetacular.

As relações de alteridade que vivi com observadores, participantes e praticantes da Iluminação em que assumo o meu corpo-afeto de Etnocénologa de Ritos Fúnebres, adenso as discussões sobre espetacularidades, apresentando a nomenclatura própria do fenômeno e à compreensão metodológica e da episteme etnocenológica, proponho o *Corpo-cemitério*: um Cosmos com microcosmos (túmulos) e um centro-umbigo (cruzeiro) que conecta vivos aos

mortos que estão sepultados em outros lugares. Um território que está de braços abertos em formato de cruz, com a cabeça para a entrada e os pés para a saída – assim como também chegam os novos moradores, contrário do que acontece no nascimento que se chega à vida pela cabeça, na morte se chega pelos pés. Cemitério secular que possui *Vizinhos de Sepultura*, *Zeladores de Túmulo*, *biscateiros* (trabalhadores exclusivos para a construção, limpeza e reparos nas casas-túmulo) e que no Dia de Finados presencia o *Cemitério Fashion*.

Como proposição autoral também apresento o *Campo Movente*: noção que possibilita a movência da percepção do pesquisador a outro campo/corpo para a compreensão do fenômeno estudado. Sendo campos de pesquisa que comunguem da mesma esfera histórica, imaginária, artística, de pertencimento ou outras, para se compreender as características do campo original quanto aos seus significados.

As questões norteadoras aqui abordadas, estão situadas na Linha de Pesquisa 2: *Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes* do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará. Linha de pesquisa que embrica reflexões artísticas na escrita autoral do artista-pesquisador sobre o fenômeno compreendido.

Ao participar, iluminar os túmulos e comungar dos ritos no Dia de Finados em Curuçá, estabeleci como objetivo geral desta tese: Compreender a Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA em suas origens, espetacularidades, importância política-econômica-social-religiosa e de afeto para os observadores, participantes e praticantes deste fenômeno.

Para os objetivos específicos: a) Refletir sobre os ritos fúnebres no município de Curuçá-PA: a mudança da *igreja-cemitério* para o *cemitério secular*; mudança da mentalidade da *morte de si mesmo* à *morte do outro*; b) Contextualizar o cemitério São Bonifácio e sua importância política-econômica-social-religiosa e de pertencimento para a Iluminação dos Mortos; c) Etnografar o campo dos trabalhadores da Iluminação: *biscateiros*, vendedora de grinaldas de flores, vendedora de manicuera, vendedora de doce de tapioca e cocada; d) Ampliar discussões etnocenológicas através das espetacularidades *Cemitério Fashion*; *Zeladores de Túmulos e Vizinhos de sepultura*.

Os diálogos conceituais na escritura da tese são realizados com Armindo Bião (Aspectos epistemológicos e metodológicos da Etnocenologia), Miguel Santa Brígida (O Auto do Círio, Afeto), João de Jesus Paes Loureiro (Cultura Amazônica), Ana Cláudia Moraes (Corpo-encostado), Filipe Dias (A Etnocenologia no Brasil e suas espetacularidades), Karl Arenz (Missões Jesuíticas na Amazônia), Paulo Henrique Ferreira (Fragmentos históricos de Curuçá), Sri Prem Baba (Propósito), Deepak Chopra (O efeito sombra), Carl Jung (Sobre sentimentos e a sombra), Maria Lúcia Montes (As Figuras do Sagrado), Goston

Bachelard (A chama de uma vela), Renata Pitombo Cidreira (A moda numa perspectiva compreensiva), Mircea Eliade (Imagens e símbolos), Michael Pollak (Memória e Identidade Social), Michel Maffesoli (O reencantamento do mundo), Chimamanda Ngozi (luto), Philippe Ariès (Morte Domada, A Morte de si mesmo, Morte Selvagem, A morte do outro), Arnold Van Gennep (Os ritos de passagem), Edgar Morin (O homem e a morte), João José Reis (Ritos fúnebres no Brasil do século XIX), Cláudia Rodrigues (A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)), Ricardo Luiz de Sousa (A morte no Brasil), entre outros.

À compreensão da Iluminação dos Mortos enquanto dimensões de tempo, territorialidade e simbologias, foi necessário experienciar procedimentos metodológicos para o registro de entrevistas, captura de imagens, vivências em campo. Questões que giravam em como captar as falas, expressões, os momentos do luto. As entrelinhas da dor da separação de alguém muito importante e familiar na vivência em que, muitas vezes, a dor está escondida no silêncio, na negação ou fuga aos elementos que podem estabelecer uma ligação a temas não superados, escondidos, muito bem guardados ou esquecidos em uma gaveta do subconsciente.

Na medida em que a pesquisa seguiu seu fluxo, novas demandas surgiam, assim, leituras e reflexões sobre a Iluminação dos Mortos e suas aproximações com diversas temáticas foram necessárias. Para conversar sobre esse caminho trilhado, apresento aqui o Estado da Arte sobre o fenômeno a ser compreendido, bem como, estudos que tensionam as discussões metodológicas e epistêmicas da Etnocologia no Brasil.

Iluminando os mortos: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis – Pará (PPGA/UFGA. Belém-PA, 2014). Na dissertação de Marcus Vinícius Nascimento Negrão, a Iluminação dos Mortos, em alguns municípios do nordeste paraense, têm como particularidade o acendimento de velas nos túmulos e a confraternização de familiares no cemitério, no período da noite. A Iluminação dos Mortos funciona como um dispositivo que aciona sociabilidades em torno da morte, reintegrando, simbolicamente, os mortos à vida social e os vivos à vida espiritual.

A carnavalização da morte no rito do Frete em São João do Abade de 2016-2018 (Licenciatura em História/UFGA. Bragança-PA, 2018). A monografia de Sérgio Odilon Macedo Lucena investigou o rito de celebração da morte na Vila São João do Abade em Curuçá, onde a morte é um evento diferente. Através do rito do Frete, a morte se torna escancarada, barulhenta, festiva, com bebidas, risos, em festejos na rua como um bloco de carnaval que celebra a vida em detrimento da morte.

Arte Funerária: eternização social no cemitério São Bonifácio de Curuçá-PA

(Licenciatura em Artes Visuais/PARFOR/UFGA. Castanhal-PA, 2014). A monografia de Kleber Douglas Neves de Campos investigou o grande valor do cemitério São Bonifácio para a Arte Funerária, por apresentar em seu interior túmulos que se destacam em estilos, iconografias e particularidades, propiciando leituras sobre as influências sociais, econômicas, culturais e artísticas de uma sociedade curuçaense do final do século XIX.

Processos de Conhecimentos Tradicionais: do plantio da mandioca à degustação da manicuera em frente ao cemitério, no Dia de Finados, em Curuçá-PA (Especialização em Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial/ FIBRA. Belém-PA, 2010). A monografia de Maria do Socorro Pinheiro Ruivo examinou a manifestação cultural presente no Município de Curuçá, que é a comercialização da Manicuera, bebida extraída do sumo da mandioca (mandioca doce) consumida apenas no período do Dia de Finados no Bosque da Igualdade. Apresenta o percurso da desvalorização da bebida e seu desaparecimento de eventos sociais e culturais locais.

Festa dos Mortos e Iluminação: semelhanças culturais entre mexicanos e curuçaenses (Licenciatura em Letras – Espanhol/UNAMA. Belém-PA, 2015). A monografia de Patrick Renan de Oliveira Penha apresenta a Festa dos Mortos no México no dia 02 de novembro, celebrada com alegria e animação por acreditarem que seus amigos e parentes defuntos os visitarão neste dia, ideia que se assemelha à Iluminação dos Mortos em que curuçaenses iluminam os túmulos com velas, enfeitam com flores e fazem um arraial com comidas e bebidas da região para alegrar o evento.

Morte e Vaidade: Transformações das Práticas de Enterramentos na Sociedade Belenense na década de 1850 (Anais do VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. UNIRIO, Rio de Janeiro-RJ, 2015). O artigo de Nayara Santana Costa e Francisco Rodrigues da Silva Neto se propõe a analisar as mudanças ocorridas na sociedade belenense, acerca das práticas de enterramentos, realizados no interior das igrejas da cidade. Através de leituras que circunscrevem o período de proibição, por parte da Igreja e das políticas relacionadas ao higienismo, utilizando documentos da época que dão conta dos valores e números de enterramentos, principalmente, durante o período dos casos de mortes em decorrência da epidemia de cólera em 1855. Registros que apontaram para algumas tensões que envolveram a abertura de um campo santo, que afetou o cotidiano da morte entre os belenenses oitocentistas, mas que possibilitou, de maneira gradativa, o repensar das práticas do bem morrer, possibilitando compreender a importância do primeiro cemitério público da capital paraense.

O Equipamento Público Cemitério no ordenamento urbano dos séculos XIX e XX

(Anais do VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. UNIRIO, Rio de Janeiro-RJ, 2015). No artigo de Jamile Barbosa, o cemitério é um equipamento público urbano, imprescindível para o funcionamento da cidade. Ele é o portador da maior carga simbólica de um evento em vida, em qualquer cultura e tempo de existência humana, o que o torna de altíssima importância para a sociedade, de um valor inestimável para o bem coletivo.

O AUTO DO SANTO PRETO E A BÊNÇÃO DAS TRÊS FOMES: A carnavalização-afeto das festividades jurunenses de São Benedito em Belém do Pará. (Doutorado Acadêmico em Artes. PPGARTES/ICA/UFGA. Belém-PA, 2020). A tese de Eduardo Wagner traduz a imersão em dez anos de sua vida nos passos das muitas procissões, festas, ladainhas, alvoradas integrantes do complexo de eventos que compõem as festividades dedicadas a São Benedito, realizadas anualmente no bairro do Jurunas, em Belém do Pará. Imersão vivida na carne de um carnavalesco-etno-devoto, por meio da qual percebe essas festividades como práticas culturais espetaculares, possuidoras de um vocabulário simbólico requintado que une memórias, pertencimento, identidades, identificações, singularidades; ações sustentadas pela carnavalização-afeto, conceito formulado à luz dos entendimentos de carnavalização, festa e afetos. Na perspectiva metodológica, somada ao horizonte epistemológico, o trabalho é produto etnocenológico, trazendo a própria vivência daquele que pesquisa como ferramenta do olhar, de onde emerge o conceito de espetacularidade e o vislumbre dessas festas como Práticas e Comportamentos Humanos Espectaculares Organizados.

Putá, Pistoleira, Dona de Cabaré: a espetacularidade do corpo-cavalo-travestido de Dona Rosinha Malandra no Templo de Rainha Bárbara Soeira e Toy Azaka. Icoaraci/Pa. (Doutorado Acadêmico em Artes. PPGARTES/ICA/UFGA. Belém-PA, 2021). A tese de Ana Cláudia Moraes de Carvalho tece uma escrita aérea sobre o corpo-cavalo de Dona Rosinha Malandra, Entidade da Esquerda umbandista. Dona Rosinha é recebida por Rosa Luyara, Mãe de Santo trans-travesti da periferia de Belém, fator preponderante para o desenvolvimento de epistemologias encruzilhadas, libertárias de cunho imoral, cujos atravessamentos poéticos foram vivenciados pela atriz-pesquisadora-bacante, na encruzilhada afetiva da Umbanda Amazônica. A metodologia desenvolvida na tese se realiza por meio de um etno-método-afetivo. Putá, Pistoleira, Dona de Cabaré revela mistérios, segredos de uma cosmovisão malandra pertencente a um tempo presente, para o empoderamento social de uma comunidade. Como contribuição epistemológica para a academia, é desenvolvido a noção de corpo-encostado, que se configura em uma proposta

epistemo-metodológica de um corpo em processo de criação. A pesquisa pretende alçar arduos voos borboletários, fundamentados em noções etnocenológicas de Armindo Bião e Miguel Santa Brigida, imagens bachelardianas, no imaginário de Durand e no pensamento sensível de Maffesoli para preparar os caminhos a serem percorridos na construção identitária de gênero, de comunidade e de liberdade epistêmica-artística.

A Etnocenologia no Brasil e suas espetacularidades: encruzilhadas metodológicas e teóricas (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. PPGAC/UFBA. 2021). A tese de Filipe Dias Santos da Silva é, poeticamente, uma carta ao professor Armindo Bião, despachada na encruzilhada Etnocenológica da academia, da vida e da arte. Sua construção entrelaça a trajetória do autor – em suas perspectivas metodológicas e teóricas, artísticas e docentes – à produção epistemológica sobre a Etnocenologia no Brasil. Apresenta uma leitura particular do legado deixado por Bião. Coteja-se a produção teórica do Grupo de Trabalho (GT) de Etnocenologia na Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), entre os anos de 2008 e 2018, como reveladora de trilhas. Essa investigação descortina outras fontes bibliográficas, como teses, dissertações, artigos e ensaios publicados em periódicos e livros de norte a sul do Brasil. Percebe-se, assim, a necessidade de se pensar, tensionar, questionar e ampliar as principais noções teóricas e metodológicas da Etnocenologia no país, uma vez que esta perspectiva transdisciplinar adquiriu contornos próprios em solo brasileiro e anseia por novas trilhas no contexto da pesquisa em Artes Cênicas.

Trajeto e Narrativas: Entrecruzando Caminhos – Etnocenologia e ABRACE (ABRACE 20 ANOS: CELEBRANDO A DIVERSIDADE. Org. José Tonezzi, Luciana Lyra e Matteo Bonfitto, UFRN – NATAL-RN, 2020. p. 179-185 (e-book)). O capítulo sobre o GT Etnocenologia da ABRACE 2020, de autoria de Graça Veloso e Miguel Santa Brigida, faz uma reflexão sobre a Etnocenologia em seu panorama epistemológico e suas transformações ao longo de 25 anos, sendo a disciplina de permanente transitoriedade: trânsito pelo diálogo e sinergias diversas. Avançando no âmbito metodológico da disciplina, a partir da proposição de Armindo Bião de Trajeto-Projeto-Objeto (2007), Miguel Santa Brigida ampliou e derivou essa tríade metodológica com a inclusão da dimensão dos sentidos do Afeto, propondo então, Trajeto-Projeto-Objeto-Afeto. Sublinhando a emergência de uma etnografia fundada no Afeto enquanto operador metodológico, sendo o Corpo-Afeto, francamente imerso no campo em sua processualidade investigativa, afetiva e geradora de conhecimento. Que percebe o Afeto como energia pesquisante (NO CAMINHO), como substância insubtraível (NO PROCESSO) e como paradigma metodológico (NA

PRODUÇÃO EPISTÊMICA).

Cena e Representação: Reflexões sobre Etnocenologia e algumas atualizações das Noções de Espetacularidade na cena da diversidade cultural humana. (XI Congresso da ABRACE. UNICAMP – Campinas-SP, 2021). O artigo de Graça Veloso apresenta reflexões acerca das noções de Representação e Espetacularidade no âmbito de proposições da Etnocenologia e seus agenciamentos. Questões advindas de diálogos com pesquisadoras e pesquisadores como Oyèrónké Oyéwùmí, Armindo Bião, Daniela Amoroso, Eliene Benício, Miguel Santa Brígida, Filipe Dias e participantes dos Grupos de Pesquisa AFETO (UnB), TAMBOR (UFPA), UMBIGADA e GIPE-CIT (UFBA), para repensar essas duas noções fulcrais para os estudos da cena na contemporaneidade. Reflexões que conduzem a mais uma atualização para a Etnociência das artes do corpo e do espetáculo, utilizando uma “cosmopercepção” e a incorporação em seu léxico de Trajeto - Recorte de Pesquisa – Projeto – Afeto – Percepto.

Além das leituras e realização do Estado da Arte, adotou-se como procedimentos metodológicos para a compreensão do fenômeno, a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico; pesquisa bibliográfica e documental; caderno de campo, fotografias e filmagens; realização de entrevistas não estruturadas, conversas, observações e vivência de campo nas Iluminações do Mortes dos anos de 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021.

Para captar imagens do cemitério São Bonifácio todo iluminado pelas velas em seus túmulos e cruzeiro, em seu horário de maior fluxo de visitas, à noite, fez-se necessário contratar duas equipes: Silva Drone (2017) e Yago Williames (2021) para que os registros fossem realizados através de drones que sobrevoaram o cemitério e assim, ter-se a dimensão e ampliação da compreensão do fenômeno.

1.2 O Campo no Corpo

Os caminhos cruzados pela pesquisa para falar do que me fez vibrar, pensar na finitude ou no nascer de novo, sendo a morte companheira nesta transmutação. O que me colocou em estado de pavor, medo, susto e prazer. O que me acordava do dia a dia acelerado em que não nos olhávamos, cuidávamos, amávamos, só sobrevivíamos.

A gira da vida me chamou, fui viver a pesquisa no caminhar pela terra, vielas, túmulos e encruzilhadas do cemitério. Não tinha ideia de que pisar pela casa alheia sem pedir licença ia me derrubar energeticamente. Adoei com mal olhado de morto que me derrubou com dor de cabeça, febre e dores pelo corpo. O invisível não me saltou aos olhos, ele chegou certo

para assegurar o pedido de autorização para entrar na casa dos mortos. Eu não estava só, o meu campo não era vazio de habitantes, seria uma alteridade também com os mortos ao adentrar o campo santo. Na trajetividade “o curto-circuito subjetividade/objetividade [...] (está) implicado como sujeito no objeto de estudo... Estudo algo que vivi: o outro está em mim” (Bião, 2009, p. 161).

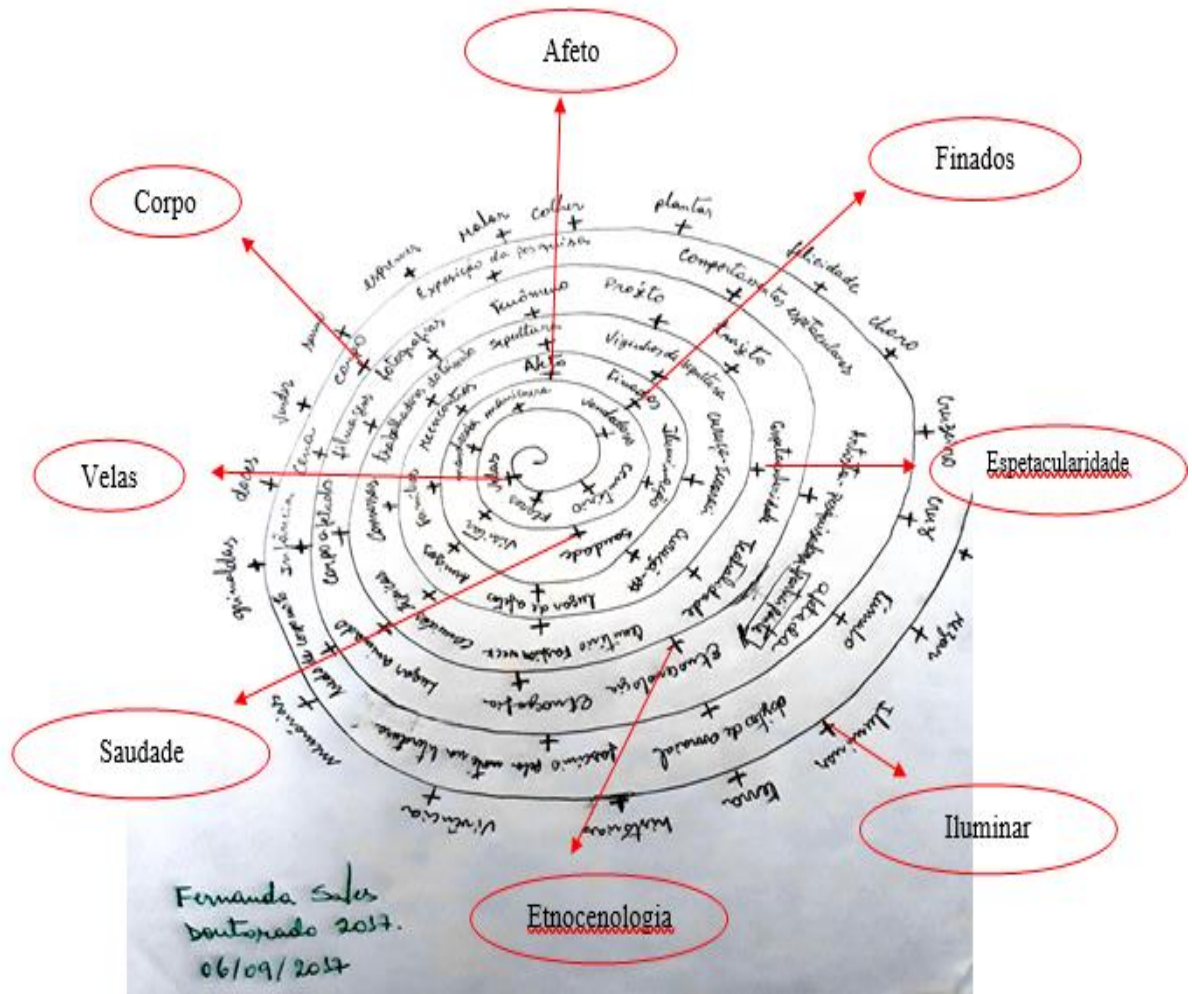
Coloquei-me em movimento, movimentei-me na pesquisa, na disciplina *Movimento Criador do Ato Teórico*¹² (PPGARTES/ICA/UFPA/2017). De início em uma espiral de ideias. Vocábulos que estão no fenômeno, mas não os via em ordem ou grau de aproximação. Comecei pela substância, pelos substantivos: velas, flores, cemitério, vendedores, manicuera, mandiocaba, saudade, iluminação, finados, afeto, reencontros, famílias, amigos, campo, cena, infância, fascínio, arraial, túmulo, cruz, cruzeiro, choro, felicidade, sepultura, conversas, teatralidade, espetacularidade, trajeto, projeto, fenômeno, fotografias, filmagens, etnografia, Etnocenologia. Depois vieram as locuções: artista-pesquisadora, comportamentos espetaculares, exposição da pesquisa, medo do corpo morto, lugar de afetos, vizinhos de sepultura, comidas típicas, cemitério fashion, corpo afetado, lugar animado... Por fim, passei às ações, os verbos: plantar, colher, ralar, espremer, vender, iluminar, rezar, beber, ouvir.

Foi um momento de reflexão e olhar atento para o fenômeno de pesquisa, olhar para a memória da última Iluminação que participei. Momento até então guardado, escondido num baú bem fechado. Muitos termos surgiram e quase não deu para fincá-los em cruces na imagem-força. As cruces, eram elas que vinham em meu pensamento, fincando meu caminho na terra para me conectar aos antepassados.

A espiral em um movimento com as cruces, símbolo da minha pesquisa, que afina ideias no caminho, palavras que foram desenterradas naquele momento, em um atravessar nas memórias guardadas das velas que acendi no cemitério e do medo que me povoou durante muito tempo, em que fui salva pelo prazer imagético da literatura. A primeira imagem-força veio, provocada pelas palavras em seus significados mais profundos que eram interpretados pela professora Ivone Xavier no início da aula:

¹² Ementa da disciplina: A Pesquisa em Arte como movimento criador autônomo e não regulado pelos princípios da ciência positivista. O artista-pesquisador e o seu potencial inventivo no exercício teórico em busca permanente do movimento criador inerente a diversidade de concepções teóricas das artes e em diálogo com outros campos de conhecimento e saberes. Trata esteticamente a linguagem do discurso teórico como um ato disparador de novas práticas, onde ética e estética estão imbricadas, possibilitando o aparecimento de Dobras da Pesquisa em diversos formatos de comunicação pública dos processos, instaurando assim, diferentes produtos da pesquisa como Criações em Rede. Disciplina ministrada pelas Professoras Wlad Lima e Ivone Xavier no Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA/2017.

Ilustração 1 (imagem) – Primeira imagem-força: Espiral de ideias. Palavras da pesquisa que surgiram a partir de reflexões durante as aulas da disciplina Movimento Criador do Ato Teórico.



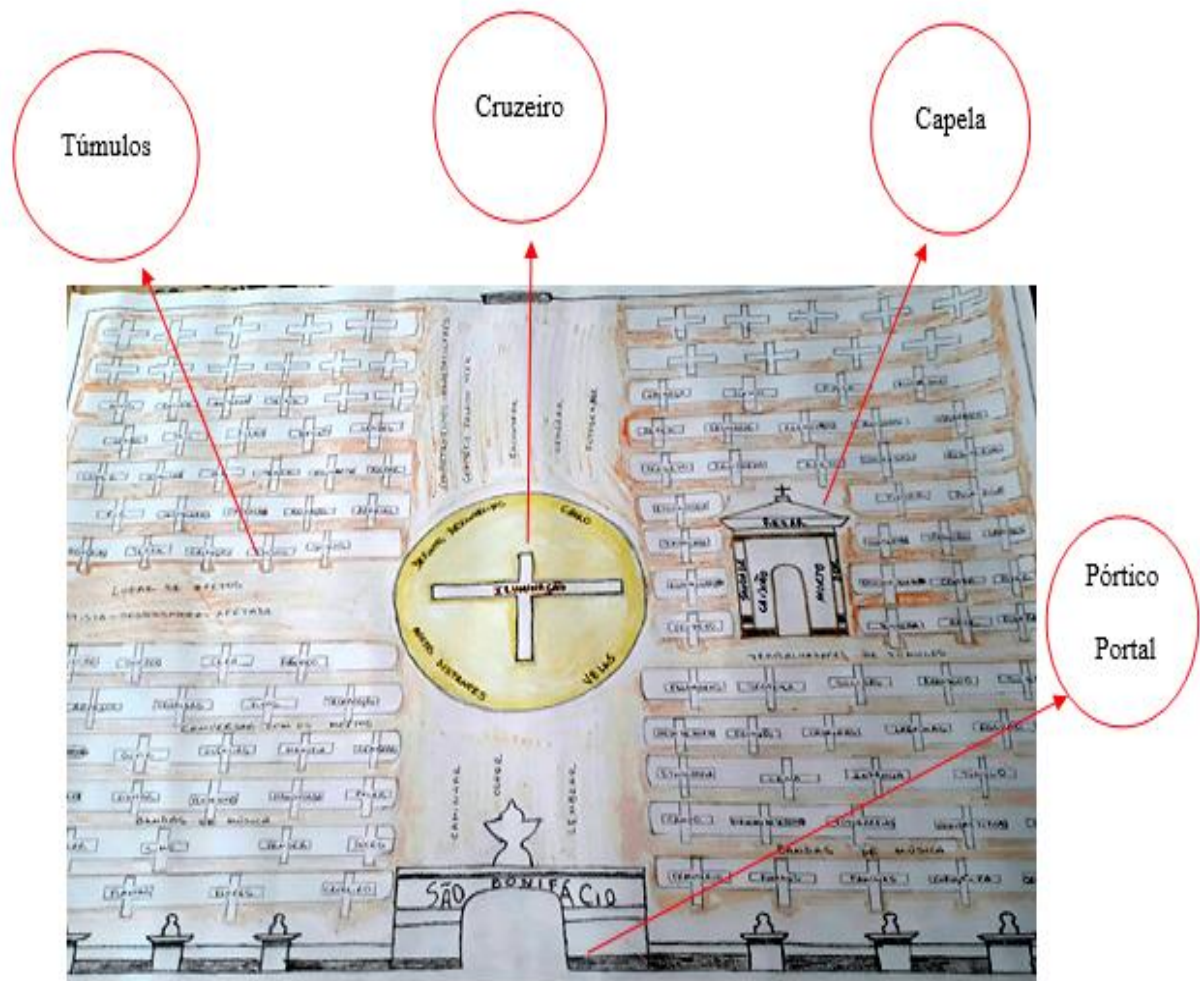
Fonte: imagem da autora, 2017.

As palavras que saltaram da espiral de ideias, a partir do seu polo: Velas, Saudade, Finados, Afeto, Espetacularidades, Etnocologia, Corpo, Illuminar, estão na essência do fenômeno deste estudo, que consegui, naquela aula, desenterrar do que percebi no campo.

O cemitério é um espaço que me assusta e encanta. Ver o movimento da espiral de ideias e criar a primeira imagem-força da pesquisa, puxou-me para olhar o campo de estudos, caminhando nele. Fui sentir a energia, olhar as velas, curvas, túmulos, lacunas, cruzes, cruzeiro e capela mortuária. Caminhei por lá assustada com aquele condomínio vazio de vivos.

Ao adentrar aquele campo santo, fui energeticamente acompanhada por seus habitantes, invisíveis aos meus olhos, mas presentes nos arrepios do corpo inteiro e que abriu as percepções de um portal, percepções antes não compreendidas. Hoje vívidas, em uma relação comunicativa e compreensiva dessas energias invisíveis que se aproximaram e me cercaram. A partir da caminhada pelo cemitério, fiz o desenho da segunda imagem-força:

Ilustração 2 (imagem)– Segunda imagem-força: Desenho do cemitério São Bonifácio. Percepções do campo santo ao caminhar por ele: registros visuais (traços), energéticos (cores) e de lembranças (palavras).



Fonte: Desenho da autora, 2017.

A experiência da caminhada, levou-me a aventura de desenhar. No início, lembrei dos sons, das famílias, as bandas de música, as vielas da frente sendo menos frequentadas que as de trás. Caminhar e pensar. As palavras estavam escritas nas cruzes, vê-se o pórtico ou portal do cemitério, o Cruzeiro, Túmulos e a Capela.

Do desenho veio a maquete do cemitério São Bonifácio, trazendo pequenas lâmpadas que iluminavam os túmulos. O cemitério já me surgia como o corpo visível de ideias e materialidade mais íntima. A construção dos detalhes dos túmulos, árvores, capela, cruzeiro, cruzes, surgia com intimidade de minhas memórias da caminhada e reflexões. Auxiliaram-me na perspectiva de continuação da morada das famílias que refletiam sua casa de vivos, na casa dos mortos no cemitério. A cada detalhe, as lembranças surgiam dos lugares, como uma rede de conexão com imagens de tempos existentes na minha vivência em campo.

A maquete foi apresentada no último dia da disciplina Movimento Criador do Ato

Teórico, na disciplina de Metodologia em Artes e na Gira do Grupo Tambor no VIII Fórum Bienal de Artes (PPGARTES/ICA/UFGA) no final do ano de 2017. A maquete é a terceira imagem-força da pesquisa:

Ilustração 3 (fotografias) – Terceira imagem-força: Maquete do cemitério São Bonifácio. Maquete do espaço cemitérial interno com seus túmulos iluminados por lâmpadas, o cruzeiro, capela e o espaço externo, o Bosque da Igualdade com a barraca das comidas, pula-pula, árvores...



Fonte: Tamara Luso e autora, 2017.

A maquete iluminada e a dimensão do que vivenciei, compreensão aérea do cemitério São Bonifácio, o campo retirado para ser levado a outros lugares e percebido por observadores. Espaço com os túmulos iluminados, em frente está o Bosque da Igualdade com as barracas de vendas de comidas e produtos, o pula-pula, as árvores, o barracão com a venda de manicuera.

A confecção destas imagens-força da pesquisa, saiu de ideias sobre o fenômeno,

passou ao movimento de conhecer o campo da pesquisa, caminhando nele. Depois nasceu o desenho e se concretizou na maquete do cemitério São Bonifácio e Bosque da Igualdade. As ideias foram materializadas em luzes, cruzeiros, túmulos. Imagens-forças somente concebidas através das professoras da disciplina, pois toda pesquisa precisa de orientação e estudos para que a compreensão sobre o fenômeno salte do campo das ideias.

Dentro da perspectiva transdisciplinar da Etnocenologia, em que o artista-pesquisador está em alteridade com os praticantes do fenômeno, a condução para a compreensão das vivências em campo, inserção nos estudos da disciplina através de grupos de pesquisas, eventos científicos/artísticos, estágios, é feita pelo artista-orientador, que dentro da Etnocenologia é um etnocenólogo orientador. Durante o meu processo doutoral, segui junto ao meu etnocenólogo orientador, que também foi à Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA.

Meu relacionamento com o Prof. Dr. Miguel Santa Brígida iniciou no ano de 1999 quando foi sua aluna no curso Técnico de Formação de Ator da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), na disciplina Técnicas Corporais. Momento de oportunidade em participar do Auto do Círio, em que experienciei a energia da rua.

Depois vieram outras disciplinas, outras relações de amizade e no mestrado em 2012, quando o reencontrei, minhas vivências eram outras e as dele também. Vivências trilhadas pelos estudos cimiteriais e ele, completamente afetado pela Etnocenologia.

A primeira pergunta que me fez sobre o Frete, meu fenômeno de pesquisa no mestrado foi: quantos cortejos fúnebres do Frete você participou? Com a minha resposta em ter participado de mais de 17, ficou convencido de que a minha pesquisa deveria ser realmente na Etnocenologia. Porque sem a vivência no campo de pesquisa, sem o artista-pesquisador na cena em alteridade com os participantes e praticantes do fenômeno, não há Etnocenologia.

Com o nosso encontro no mestrado, ele sempre me perguntava o porquê de estudar a morte, sendo o medo da morte latente nele. Com o processo da pesquisa, com as nossas conversas, algumas coisas foram mudando, quebrando ali dentro do orientador. Na última orientação disse ter aprendido muito comigo. O etnocenólogo orientador não só orienta, não só ensina, por ser professor, mais também aprende com o orientando porque a Etnocenologia é o estar junto, em alteridade.

No ano de 2019, Miguel Santa Brígida veio a Curuçá, foi à Iluminação, a campo, veio conhecer o município, provar a manicuera, entrar no cemitério e vencer seus medos:

Ilustração 4 (Fotografias) – O Corpo-afeto do Etnocenólogo orientador em Curuçá-PA. Miguel Santa Brigida em frente ao cemitério São Bonifácio na pesquisa de campo, com amigos, com a vendedora de manicuera, no cruzeiro e contemplando a maré de Arapiranga, Curuçá-PA.



Fonte: Anataciara Ferreira e autora, 2019.

Chegou em Curuçá encantado com o lugar, já dizendo que nós fotografamos tudo errado, nossas fotografias são pequenas e ele ao encontrar o mar na orla de São João do Abade, estava diante de um infinito salgado.

A vinda do Miguel para cá virou um evento, foi orientado a entrar no cemitério com o pé direito e sair de costas. Pensou não conhecer ninguém de Curuçá, porém nos primeiros passos dados no cemitério São Bonifácio foi reconhecido por uma amiga, depois veio a Ana Lúcia Farias (a Dona do Frete), reencontrou bailarinos da Cia Moderno de Dança e o ex-diretor da ETDUFPA, o Prof. Dr. Jaime Amaral que possui moradia em Arapiranga.

Aquela Iluminação dos Mortos foi especial para nós na pesquisa, no campo da pesquisa e no afeto, foi a primeira Iluminação de nossos pais. Do meu pai, por ter falecido naquele ano de 2019 e o Miguel por temer a morte, não entrar no cemitério, não criou a tradição de iluminar os mortos. Nossos pais foram iluminados com velas acesas no cruzeiro do São Bonifácio, foi um momento de estar juntos na pesquisa, em afetos comungados e em conexões com nossos entes queridos.

O etnocenólogo orientador e o orientando estão embricados no trajeto, projeto, fenômeno, afeto e perceptos das vivências da pesquisa. Que segue seu fluxo de reflexões em sua dimensão simbólica, da sabedoria dos praticantes revelada nas múltiplas e diversas formas espetaculares. A orientação da pesquisa em campo rendeu novos momentos presentificados em eventos artísticos-científicos e apresentações artísticas do Auto do Círio.

O Afeto das relações com os elementos do fenômeno que vivenciei em campo, apresentei em comunicações, eventos e encontros de pesquisa em Artes. O figurino na cor preta representou a forma como o luto apareceu desde minha infância, as grinaldas de flores confeccionadas em Curuçá, as cruces vendidas no cemitério, os doces típicos do período de homenagem aos mortos. As imagens da pesquisa em slides, vídeos do campo, na fala, no convite para todos iluminarem os mortos, são elementos da pesquisa em minhas memórias.

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 206)

A memória presente pelas vivências e experiências em campo, uma escrevivência (EVARISTO, 2018), a escrita que se alimenta na experiência da vivência. Em *Vamos iluminar os mortos?* Primeiro convite lançado da minha pesquisa no doutorado, realizado na II Gira de Artistas Pesquisadores do TAMBOR¹³, gira com o intuito de sociabilizar de forma ampla os avanços das pesquisas da Etnocenologia Amazônica durante o VIII Fórum Bienal de Pesquisa em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA) em 2017.

Na rua, na frente, no corredor e no quintal do prédio do PPGARTES, etnocenólogos estão em cena com suas pesquisas. Cláudia Palheta, atrai o olhar para as cores e seiva das árvores amazônicas, Ana Cláudia Moraes, a Rosinha Malandra que canta e ri suas dores, Cláudio Didimano, o Zé Pelintra que se serve da oferenda, Ana Flávia Mendes, a noiva que aguarda sua peia e destino, Arianne Pimentel, o Carnaval riscado no chão, Miguel Santa Brigida, o afro-indígena em sua conexão ancestral e o meu convite para iluminarmos os caminhos dos mortos:

¹³ TAMBOR – Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocenologia (CNPq-2008). O Grupo de pesquisa associa sua linha de pesquisa ao LAC - laboratório de Artes Carnavalescas da UERJ. Ao GIPCIT – Grupo Interdisciplinar sobre Imaginário e Teatralidade da UFBA. Ao NEPA – Núcleo de Estudo das Performances afro-ameríndias-UNIRIO. AFETO- Grupo de Pesquisa em Etnocenologia (UNB). Linha de pesquisa: Etnocenologia e Artes do Espetáculo. Na atualidade, possui 18 pesquisadores associados. (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/16235>). Acesso em 22 de dez. de 2021.

Ilustração 5 (fotografias) – A Gira do TAMBOR. Fórum Bienal de Pesquisa em Artes. 2017. Cláudia Palheta (Amazônias), Flores Astrais (Mariana), Fernanda Sales (Iluminação dos Mortos), Ana Flávia Mendes (A peia de Dinorah), Miguel Santa Brigida (Conexão afro-indígena), Arianne Pimentel (O Carnaval riscado no chão), Cláudio Didimano (Zé Pelintra) e Aninha Moraes (Rosinha Malandra).



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Na Gira do TAMBOR, o convite foi feito para ritualizar o momento de reconexão com o antepassado. Houve o convite para iluminar os mortos enquanto distribui velas. A vela, elemento ritual para a ligação da espiritualidade que desperta muitos sentimentos e lembranças.

A Gira do TAMBOR remarca as reflexões do etnocenólogo orientador do grupo de pesquisa, Miguel Santa Brigida, ao falar das práticas dos pesquisadores:

a prática etnocenológica remarca sua importância na defesa do relativismo metodológico como procedimento de pesquisa, com espaço para livres analogias, aproximação de ideias e conceitos, nas quais liberdade de construção de narrativas, fora de um método investigativo epistemologicamente mais rígido, garante uma dinâmica de construção e desconstrução permanente ao pesquisador de perfil dionisíaco mergulhado na complexidade estética e na diversidade da espetacularidade popular brasileira [...] a importância da autonomia do pensamento dos artistas cênicos que daí resulta ao pensarem a si mesmo analisando seus próprios princípios, processos e produtos como elaboradores de conhecimento imersos na polifonia e polissemia das linguagens cênicas reveladas na contemporaneidade. (SANTA BRIGIDA, 2007, p. 2003).

Os processos de pesquisas vigentes no grupo TAMBOR, dentro de suas particularidades, simbologias, dinâmicas, falas dos praticantes e vivência em campo. Tudo é fruto do trabalho e de estudos etnocenológicos para se pensar o fenômeno a partir da vivência, alteridade, imersão no campo, na pesquisa, na cena... afetado pela alteridade. O *corpo do campo* traduzido em o *campo no corpo*, alterado, encostado, carregado de símbolos, falas e imagens do fenômeno, assim, o TAMBOR se coloca em cena. O corpo é o fulcro de mergulho no fenômeno:

Sem alteridade não há estética, que é a capacidade humana que permite se conhecer no outro por meio de si próprio. Não se sente o que existe completamente fora de si. Sem forma não há relação, sem cotidiano não há extracotidiano e sem coletivo não há pessoa. (BIÃO, 2009, p. 129)

Minhas reflexões com a temática da morte traduzida em poética estiveram também no Auto do Círio 2017¹⁴. Com a temática, vesti-me de *Body Art*¹⁵, cujo tema *Por uma Belém de Paz*, caminhou pelas ruas do bairro da Cidade Velha em Belém revelando o sentimento de insegurança e ausência do poder público no dia a dia da comunidade.

Com a concepção do diretor cênico do Auto do Círio¹⁶, Cláudio Didimano e a direção da performance de Ana Cláudia Moraes, as *Marias de Barro*, foram para rua. A minha Santa Muerte, foi combater a violência que está nas ruas, nas vielas da intolerância:

¹⁴ Referência em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/672-auto-do-cirio-vai-as-ruas-com-o-tema-por-uma-belem-de-paz>. Acesso em 14 de jan. 2020.

¹⁵ A Body Art (do inglês, arte do corpo) é uma manifestação das artes visuais onde até o corpo do próprio artista pode ser utilizado como suporte ou meio de expressão. Surgiu no final da década de 1960 como uma das mais populares e controvertidas formas de arte a se disseminar. As obras de Body art, como criações conceituais, convidam à reflexão, ao enfado, ao choque, ao distanciamento ou ao riso. Referência em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Body_art. Acesso em 14 de jan. 2020.

¹⁶ O Auto do Círio, é um programa de extensão universitária, que foi criado em 1993, pela Professora Zélia Amador de Deus, juntamente com Margareth Refkalefsky, com o objetivo de revitalizar o Centro Histórico de Belém por ocasião das festividades do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, possibilitando aos artistas o exercício da prática do ensino das artes através do Teatro de Rua. Referência em: <http://www.ica.ufpa.br/index.php/pt/ultimas-noticias/269-auto-do-cirio-2019>. Acesso em 14 de jan. 2020.

Ilustração 6 (fotografias) – *Marias de Barro*, Auto do Círio 2017. Santa Muerte, Santa indígena, Iemanjá. Marias, santas, craqueladas nas ruas da Cidade Velha em Belém-PA.



Fonte: Márcia Gomes e Anataciara Ferreira, 2017.

Santa Muerte, a santa da morte no México, vem ceifar a violência que assola as ruas. Com flores, foice e crânios daqueles que a violência carregou para outra dimensão, a santa varre a intolerância religiosa, a violência contra os pobres, homossexuais e demais excluídos da sociedade. A body art feita com argila, maquiagem e flores, alterou minha energia na rua, causou estranhamento em um visual craquelado, criando fendas finas da argila seca no corpo.

Minha vivência artística no Auto do Círio começou no ano de 1999, quando cursei o técnico em Teatro da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará. Neste período o Auto do Círio estava sob a direção do Prof. Dr. Miguel Santa Brígida. Naquele momento, vivi a força da fé na homenagem artística à Nossa Senhora de Nazaré.

O cortejo dramático do Auto do Círio produzido pelo Núcleo de Artes da Universidade Federal do Pará através da Escola de Teatro e Dança – ETDUFPA, surgiu do desejo de criar um espetáculo no qual os artistas de Belém pudessem homenagear sua padroeira, durante a sua maior festa popular e, assim, reinterpretar, através do teatro de rua, o Círio de Nazaré, uma das mais importantes manifestações religiosas e culturais do país. [...]

Tendo como eixo dramático principal o tema gerador o Círio de Nazaré, este espetáculo além de proporcionar a prática de teatro de rua aos alunos do Curso de Formação de Ator da Escola de Teatro e Dança, vem se destacando como um espaço de comunhão entre os artistas de Belém do Pará e as expressões artísticas realizadas pela UFPA, integrando a Escola de Música a própria Escola de Teatro e Dança o departamento de artes do Curso de Educação Artística do NPI (Núcleo Pedagógico Integrado), promovendo a prática vivenciada e a sedimentação dos saberes das artes pensadas na academia.

Na modalidade de livre exercício cênico, vem promovendo a integração de certas linguagens artísticas, entre elas o Teatro, a Dança, a Música, entre os mais variados segmentos culturais: atores, músicos, bailarinos, cantores líricos, grupos folclóricos, escolas de samba, em que se observa ainda uma crescente identificação com o público e, em consequência uma grande aceitação popular. (SANTA BRIGIDA, 2015, p. 12-13).

O Auto do Círio está ligado às artes cênicas da UFPA, ao universo artístico do Estado do Pará e a todos àqueles, que mesmo distantes, tem a oportunidade de participar, como nos anos de 2020 e 2021, que por conta da pandemia, o espetáculo não foi para a rua e, sim para as redes sociais em suas versões virtuais.

O Auto do Círio também se compõe como Desfile Etnocenológico, como Prática e Comportamento Humano Espetacular Organizado:

As artes do espetáculo são observadas na segunda e terceira estações do cortejo (...) onde se opera a prática espetacular substantiva viva revelada nos grupos de teatro, nas companhias de dança, nos artistas circense, entre outros correlatos.

Os ritos espetaculares enquanto prática espetacular adjetiva podem ser observadas na cena mestiça do Auto do Círio (cujo tema é a procissão do Círio de Nazaré), que mistura procissão e Carnaval e onde o público participante se confundem, marcando a tônica singular do (des)envolvimento espetacular da narrativa carnavalesca do cortejo pelas ruas do centro histórico de Belém.

As formas cotidianas dos papéis sociais, em que a prática espetacular é adverbial, revela-se curiosamente nas ruas durante o cortejo, quando observamos a incorporação de vários vendedores ambulantes, com seus carrinhos acompanham o cortejo, vendem seus produtos, assistem aos acontecimentos cênicos das ações, mas também cantam e dançam numa comunhão com o elenco e o público, em especial na apoteose carnavalesca.

Essa mestiçagem do drama, fé e Carnaval promovida quanto o fenômeno espetacular do Auto do Círio acontece nas ruas é determinante, especificando o estado espetacular humano que aí se revela, entendendo-se como a possibilidade de compreensão profunda da natureza dos vínculos que unem práticas diversas sustentadas na unidade corpo/mente. (SANTA BRIGIDA, 2015, p. 44)

É neste universo de sons, danças, teatro, figurinos do Auto do Círio em seu desfile etnocenológico que nos bate um tambor interno de afeto ao ouvir as músicas em homenagem à N. Sra. de Nazaré:

Ilustração 7 (imagem) – Círios. Música em homenagem à N. Sra. de Nazaré que faz parte da apresentação do Auto do Círio.



Fonte: Imagem de moldura da internet, letra e música Vital Lima.

Como diz a música de Vital Lima “Quando vires a Senhora, ficarás pequenininho”, é assim no paradoxo da grandeza de ser pequeno que me sinto diante da energia pulsante revelada por Nossa Senhora de Nazaré, ao mesmo tempo pequena diante de sua magnitude e grandiosa na fé que está em nós. É tão forte e imensa a energia que está na rua em sua homenagem, que temos contato com esse divino, com o nosso divino, com a coletividade, com a energia do sagrado. O Auto do Círio é sagrado aos artistas e a todos aqueles que se propõem a estar de alma aberta para homenagear a nossa mãe.

O Auto do Círio é um dos eventos culturais de Belém, o que para muitas pessoas, é um evento da parte profana do Círio, para nós é sagrado e como coloca Sandra Perlin (2016) há uma linha tênue entre o sagrado e o profano, o que é sagrado para mim pode ser profano para o outro, e vice-versa, então não profane o sagrado de alguém. Nossa Senhora de Nazaré, o Auto do Círio e o Círio são sagrados para nós artistas da cena paraense.

No Auto do Círio 2018¹⁷ com o tema *Maria – Diversidade do Amor*, as ruas da Cidade Velha se vestiram da diversidade cultural, religiosa, artística, do amor, das matrizes negras, indígenas, católicas, dos encantados, noções de circularidade que abrangem o sentido da vida, do sangue que circula pelo corpo humano, pelas encruzilhadas e pela fé de cada um que cruza as ruas no mês de outubro na cidade de Belém. Para a imersão na rua, Cláudio Didimano com a concepção cênica de *Luzias*, através de fricções, corporeidades, noções de ancestralidade, levou reflexões sobre o desmonte da Arte no país, o descaso com o Museu Nacional, representado pelo crânio Luzia. A performance cênica teve a direção de Ana Cláudia Moraes:

Ilustração 8 (fotografias) – *Luzias*. Auto do Círio 2018. Aninha Moraes, Fernanda Sales e Atores da Escola de Teatro e Dança da UFPA participaram da apresentação artística.



Fonte: Tamara Luso, 2018.

¹⁷ Referência em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/9112-auto-do-cirio-celebra-maria-diversidade-do-amor-nesta-sexta-feira-dia-12>. Acesso em 14 de jan. 2020.

Seres estranhos em argila, trêmulos, que circulam e se afastam com a aproximação do fogo. O fogo que arde e destrói o Museu Nacional, o fogo que arde no crânio de Luzia. A morte afetando os corpos, a morte que destrói, causa sofrimento, provoca o renascimento de ideias para novos rumos da pesquisa brasileira. Luzia queima, desaparece no fogo do descaso.

No ano de 2019, fui encostada pelas energias de Nossa Senhora da Amazônia e Oxóssi para combater o fogo que mata a Amazônia, a intolerância religiosa que destrói lugares sagrados e saberes tradicionais da terra. No Auto do Círio 2019¹⁸ com o tema *Maria, Mãe de Todas as Matas*, que celebrou as riquezas da Amazônia, fazendo um ato político contra todo o processo de perdas que a floresta vem sofrendo nos últimos tempos, principalmente com as queimadas e os processos de invasão contemporânea:

Ilustração 9 (fotografias) – Auto do Círio 2019. Alessandra Pinheiro (Iansã), Naldo Gonçalves (Obaluaê), Tamara Luso (Curandeira) e Fernanda Sales (N. Sra. da Amazônia encostada de Oxóssi).



Fonte: Anataciara e Eduardo Wagner, 2019.

¹⁸ Referência em: <http://www.ica.ufpa.br/index.php/pt/ultimas-noticias/269-auto-do-cirio-2019>. Acesso em 14 de jan. 2020.

A energia sagrada em que sou o templo pulsante de Nossa Senhora da Amazônia encostada de Oxóssi, que combate o fogo aniquilador da floresta, a intolerância religiosa, a destruição-morte das curandeiras e seus conhecimentos tradicionais. A energia que me fez girar, fechar os olhos e perceber o percurso pelas vozes de quem acompanha o Auto do Círio pelas ruas da Cidade Velha. Força que assusta em giros, em bater a guia de Oxóssi contra o peito, no olhar, na mão que foi ao chão e banhada pela curandeira, acompanhante da santa-orixá em seu ritual de luta.

O corpo-encostado está para além do trabalho de técnica da atriz para a cena, ele transcende, ele infla. Isso acontece porque a/o artista, de qualquer ordem, mas especialmente a/o artista cênica/o, busca uma ritualização e a sacralização para o adensamento de seu fazer artístico em cena. Para se obter o corpo-encostado a relação da/o artista com seu processo criativo deve ser de profunda entrega com a sua criação, eu diria que de amor mesmo. Porque o encostamento não acontece de forma superficial, ele é denso, durando muito tempo no corpo da/o artista, até porque o instante pode ser muito duradouro em sua espetacularidade. O corpo da/o artista é modificado, “é outro”, “não parece ser você”, cresce de tamanho, assegura, empodera em cena e fora dela. [...] (CARVALHO, 2021, p. 200)

O corpo transcende o universo que se conecta à temática da pesquisa, à rua, ao corpo-encostado da minha ancestralidade. Energia densa que vibrou no meu corpo-templo-artístico-pesquisador etnocenólogo. A alteridade com o fenômeno no campo, na cena, no todo, não há desconexão entre a artista-pesquisadora, o fenômeno pesquisado-vivido e a alteridade com os praticantes-colaboradores da pesquisa. Tudo está junto e imbricado no afeto das relações. Não ver o fenômeno em mim, no meu corpo-artístico é não viver o tempo das relações entre os seres, o campo e a compreensão do fenômeno.

Com o a pandemia de Covid-19 no ano de 2020, o pânico se instalou nas ruas, nas festas, nas escolas, nos encontros, não se tinha noção de onde a contaminação aconteceria. Não podíamos aglomerar, não podíamos fazer o que mais gostávamos: ficar junto. No início se achava impossível usar máscaras o tempo inteiro ou que a morte chegasse assim, de forma invisível, não tínhamos tanto medo em Curuçá, até as primeiras mortes chegarem.

Quando o Prof. Jorge Loló faleceu de Covid-19, houve pânico. As mortes vieram, chegavam uma após a outra, as aulas foram suspensas, a tristeza chegou. Foi desesperador ver a viúva saindo do hospital sem poder se despedir do marido, sem poder ver o corpo, velar, acompanhar o sepultamento.

Pessoas espreitaram o cemitério São Bonifácio para acompanhar os acontecimentos, o que se presenciou foram homens encapados da cabeça aos pés, com máscaras e luvas carregando o caixão. Ninguém pode entrar, nem acompanhar.

No ano de 2020, não participei do Auto do Círio que foi em formato virtual. Não sabia

como lidar ainda com essa nova realidade virtual, deixei passar, a tristeza era muito grande dentro de mim. Para o ano de 2021, fiz uma poética sobre o que vivemos em Curuçá, sobre os sentimentos que nos invadiram e o que íamos fazer daqui para frente. Fui ao cemitério São Bonifácio acompanhada, filmada por drone para pedir a Omolu, orixá senhor da Terra, para a interrupção da pandemia, não queríamos mais sofrer, não queríamos sepultar mais ninguém.

Meu pedido pelo fim da pandemia a Omolu e à Nossa Senhora de Nazaré, veio neste momento dizer que todos estavam juntos ali sofrendo, sentindo falta da presença física do outro, sentindo falta dos que foram embora. Eu sentia falta do meu amigo Naldo Gonçalves, ele foi o meu companheiro dos Autos do Círio de 2018 e 2019, neste último, ele estava encostado do Omolu e este encostamento seguiu como destaque da Escola de Samba Bole Bole e foi campeão do Carnaval de Belém na Escola de Samba Piratas da Batucada, cujo homenageado foi Miguel Santa Brígida.

A poética do Auto do Círio 2021 também falou da saudade do meu pai, o que ainda me deixa engasgada com o choro. Foi à Nossa Senhora de Nazaré que eu recorri quando ele faleceu. Naquela sexta-feira pela manhã, eu liguei para a minha mãe, para saber se estava tudo bem, ouvi a voz dele dizendo: tá tudo bem, filha! Saí de Belém na certeza que estava tudo bem. Na estrada peguei uma chuva tão doida que sabia que algo estava acontecendo. cheguei em Curuçá, saí de casa direto para o trabalho. No intervalo de aulas, saí para tirar cópias de uma atividade, ao retornar havia um senhor carregando uma sacola muito pesada, lembrei do papai e fui ajudar aquele senhor que estava vindo de Belém. Ao deixá-lo em sua casa próximo à escola que trabalho, abençoou-me dizendo que era para eu não me preocupar que Deus estava fazendo o melhor! Que nada ia acontecer comigo, nem com meu carro.

Quando retornei para a sala de aula, lembrei do desejo do meu pai em eu seguir a carreira militar – por ele ser agente administrativo da COMARA (Comissão de Aeroportos da Amazônia) – e eu querendo ser atriz. Junto aos meus alunos, ri das confusões que cercam as relações entre pais e filhos. Depois deste momento de descontração, fui chamada à diretoria da escola e recebi a notícia do falecimento dele. Ao chegar em casa, pedi à Nossa Senhora de Nazaré que acompanhasse meu pai até o encontro com os familiares dele.

A minha poética do Auto do Círio de 2021 é o pedido pelo fim da pandemia, uma homenagem às vítimas da Covid-19 e em respeito a todas as famílias curuçãenses enlutadas:

Ilustração 10 (screenshots) – Auto do Círio 2021 (Virtual). O pedido pelo fim da pandemia, uma homenagem às vítimas de Covid-19 no Brasil e às famílias curuçaenses enlutadas. Fernanda Sales, Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA.



Fonte: screenshots da filmagem de Yago Williames, 2021

Mais de 595 mil mortos no Brasil por conta da Covid-19.
 Mortos sem velório, sem despedida, sem o último adeus da família.
 A epidemia levou várias pessoas queridas: vizinhos, amigos, familiares.
 Em Curuçá, levou o Professor Jorge Loló, o Seu Quepe, o Danguinho, o Edinaldo.
 Os abadienses não puderam velar nem carregar o caixão de seus amigos por 4 km
 até o cemitério no centro de Curuçá.
 A Iluminação de Finados foi nos quintais das famílias, pois não podiam aglomerar no
 cemitério.



Vamos acender velas para os mortos!
 Vamos rezar para os mortos!
 Vamos dar um caminho de luz para que eles encontrem a paz.

Atotô, Atotô, meu pai Obaluaê!
 Dominador das epidemias, de todas as doenças e da peste.
 Omolu, senhor da terra. Abaluaê, meu pai eterno.
 Dai-nos saúde para a nossa mente!
 Dai-nos saúde para o nosso corpo!
 Reforçai e revigorai nossos espíritos
 para que possamos enfrentar todos os males e infortúnios da matéria!
 Atotô, meu pai Obaluaê!
 Atotô, Rei da terra!

Oh, minha mãe N. Sra. de Nazaré intercedei por nós!
 Acalma nossos corações de tanta dor!
 Ilumina os caminhos dos mortos!
 Ilumina o caminho do meu falecido amigo Naldo Gonçalves, nosso companheiro de tantos
 anos do Auto do Círio!
 Ilumina o caminho do meu falecido e amado pai, Fernando Sales!
 Vamos rezar!

(Fonte: Texto da autora, 2021)

Auto do Círio 2021. Apresentação artística em:

<https://www.youtube.com/watch?v=K2dhxCuiaOI>

Ou



A poética do Auto do Círio 2021, apresentou as minhas reflexões de etnocenóloga de Ritos Fúnebres, sobre o luto coletivo que vivenciamos durante a pandemia de Covid-19 nestes dois anos. Foram momentos de um mergulho profundo em meu universo interior para eu sair da trajetividade espelhada e voltar a iluminar meus caminhos.

A alma humana é um lugar de ambiguidades, contradição e paradoxo. E é assim que deve ser, porque toda a experiência da vida que é manifestação da alma, é resultado do contraste. Você tem experiência na ausência do contraste: luz e sombra; paz e dor; acima e abaixo; à frente e para trás; quente e frio [...] (CHOPRA, 2010, p. 38)

A minha criança interior retornou ao lar em 2021. Ao entrar na minha primeira casa, tudo era grande para o meu tamanho de, mais ou menos, 2 anos de idade. Passei pelo quarto, não entrei, segui no corredor comprido. Da cozinha vinha uma voz masculina que fazia onomatopeia de um avião “vamos abrir a boquinha para o avião cheio de comida entrar!”, eu menor ainda, sentada na cadeirinha rente à mesa, ria daquele homem me dando comida na boca, era o meu pai. Eu, aos 2 anos, parada sorria olhando aquela cena, era tanto amor entre pai e filha que meu coração esquentou. Ao olhar novamente, eu neném mamava e colocava os pés na boca da minha mãe para ela morder. As cócegas vinham, o som da minha gargalhada era tão gostoso quanto a cena que vi. Alguém chegou, saí correndo e recebi um homem de roupa azul claro, minhas mãos pequenas se levantaram para serem abençoadas por ele. O homem seguiu para cozinha e foi tomar café com a minha mãe.

Ao me reestabelecer da meditação guiada¹⁹ que me conduziu à primeira casa, as lágrimas conseguiram descer com facilidade que há dois anos estavam presas. Naquele momento, entendi que a minha criança interior estava ferida, sentindo a falta do pai. Consegui acessar minhas lembranças no subconsciente, senti uma vibração intensa vinda do coração e que me abraçou carinhosamente.

Dias depois, conversei com a minha mãe sobre como o papai era comigo criança, como era eu e ela, e quem era o homem com a roupa azul claro. Mamãe respondeu:

Teu pai foi super carinhoso com os filhos, sempre cuidou de vocês! Ele brincava de fazer avião para você poder comer... Na hora de mamar, só querias brincar, colocava os pés na minha boca para eu morder e rias... O homem com roupa azul era o teu padrinho que quando vinha da Aeronáutica, parava em casa para tomar café. (Célia Sales, 01/05/2021)

O vazio instalado no meu peito, a partir daquele momento foi inundado de amor e me vi recolocada em minha família. A morte do papai me retirou de mim, fez com que eu ficasse

¹⁹ Meditação Acolhendo a Criança Interior. Curso – Fluxo: treinamento holístico para curar a procrastinação. Jardim Consciente. Neusa Tamaio. Meditação realizada em 29/04/2021.

desgarrada, sem um lugar, não sabia mais de mim. O luto me adormeceu para eu não enfrentar a dor da perda...

O Luto é uma forma cruel de aprendizado. Você aprende como ele pode ser pouco suave, raivoso. Aprende como os pêsames podem soar rasos. Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras. Por que sinto tanta dor e tanto desconforto nas laterais do corpo? É de tanto chorar, dizem. Não sabia que a gente chorava com os músculos. A dor não me causa espanto, mas seu aspecto físico sim: minha língua insuportavelmente amarga, como se eu tivesse comido algo nojento e esquecido de escovar os dentes; no peito um peso enorme, horroroso; e dentro do corpo uma sensação de eterna dissolução. Meu coração me escapa — meu coração de verdade, físico, nada de figurativo aqui — e vira algo separado de mim, batendo depressa demais num ritmo incompatível com o meu. É um tormento não apenas do espírito, mas também do corpo, feito de dores e perda de força. Carne, músculos, órgãos, tudo fica comprometido. Nenhuma posição é confortável. Passo semanas com o estômago embrulhado, tenso e contraído de apreensão, com a certeza sempre presente de que alguém mais irá morrer, de que mais coisas irão se perder. (ADICHIE, 2021, p. 9)

O Luto nos coloca de frente com os paradoxos: amor no medo, luz na escuridão, presença na ausência, vida na morte. É um aprendizado sobre nossa essência, antepassados e egrégora que carregamos. O processo é árduo, descobrimos as histórias escondidas, o outro como parte de nós. Tudo está conectado.

Para me acostumar com a ausência do papai, cuido e zelo pela sua morada atual, mesmo o cemitério Santa Izabel II ser um lugar estranho para mim. Não o sinto lá, não o encontro lá. Sinto-o comigo, nos sonhos, em lembranças, em um passado cheio de saudade.

Na atualidade, pago um plano funerário para a minha família em Curuçá, foi uma preocupação que chegou depois do meu morto familiar: pensar onde seremos sepultados, ter o nosso lugar para conexões após a morte, posto que a vida gira em torno de chegadas, partidas e permanências.

Meu irmão, Augusto Cezar, presenteou-me com três sobrinhos: Stephany, Saymon e Anna Célia, que me reconheço em amor, brincadeiras e o colo para dormir. Com o nascimento do meu sobrinho, o papai sorriu em se ver nele. Foram 10 meses de convivência entre os dois. O Saymon veio e o papai foi. A cada piada espontânea, abraço e brincadeira do meu sobrinho, vejo o papai. Estou recriando minha história, escrevendo-a. O nosso menino é mais uma imagem no espelho.

Diferente do que aconteceu comigo na Iluminação dos Mortos em 1989, aos meus 10 anos de idade, a minha sobrinha Stephany participou de sua primeira Iluminação aos 10 anos, em 2021. Sendo para ela, um momento de descobertas, brincadeiras e curiosidades com outras crianças no campo santo... Além de iluminar os caminhos dos familiares falecidos, solidarizou-se em iluminar os túmulos que estavam na escuridão.

A nova geração conectada à Curuçá está caminhando para momentos de honrar os antepassados. As crianças e jovens seguem os rituais da Iluminação dentro do cemitério na dimensão espiritual através de orações e a dimensão social festiva, no lado externo ao cemitério.

Na Iluminação dos Mortos de 2021, fomos ao cemitério Santa Luzia em Murajá para verificar os consertos nos túmulos, levar flores e acender velas. A felicidade do meu sobrinho Saymon correndo pelo cemitério, brincando pelos túmulos e acendo velas no cruzeiro para o “vovô Finando”, é a imagem que fica no meu coração em conexão com os meus familiares mortos. Sempre na esperança de dias melhores e da diminuição da dor da separação.

Ilustração 11 (Fotografias) – A felicidade na reconexão. Saymon acendeu velas para o avô Fernando no cruzeiro do cemitério Santa Luzia, juntos nos reconectamos aos nossos entes queridos. Vila Murajá, Curuçá-PA.



Fonte: Autora, 2021

Com o sorriso da minha criança, saí da trajetividade espelhada. Saí do mergulho no espelho do autoconhecimento em que fui acompanhada por Nossa Senhora de Nazaré. O espelho de Oxúm que me fez encontrar e acalantar a minha criança interior ferida. Senti-me sozinha no escuro, sem meu pai. Minha mãe, deusa do ouro, deu-me luz e coragem para conhecer minhas sombras. Vi minha imagem refletida no espelho com a autoestima necessária para me reconstruir através de minha ancestralidade.

Descobri-me acompanhada, encostada, povoada.

Acendi velas para os mortos e a luz chegou a mim!

Para seguir a caminhada, apresento na próxima seção: A história do município de Curuçá que em um período de epidemia e política higienista decreta a mudança do cemitério-igreja para o cemitério secular, estabelecendo assim novas crenças e concepções sobre a morte e o morrer a partir da segunda metade do século XIX; O *Campo Movente* – percepções e estudos na igreja histórica da Ordem Terceira do Carmo de Sabará – MG, para compreender e visualizar os primeiros sepultamentos nas *igrejas-cemitério*; O *Corpo-cemitério*, a extensão da cidade dos vivos no São Bonifácio e o papel social do *Biscateiro*, trabalhador exclusivo para construção, pintura e reforma nas *casas-túmulo*.

**DA MORTE DE SI MESMO À MORTE DO OUTRO:
LUGARES SAGRADOS, SALVAÇÃO DA ALMA E A
SECULARIZAÇÃO DOS CEMITÉRIOS NO SÉCULO XIX**



2 DA MORTE DE SI MESMO À MORTE DO OUTRO: LUGARES SAGRADOS, SALVAÇÃO DA ALMA E SECULARIZAÇÃO DOS CEMITÉRIOS NO SÉCULO XIX

Em tempos remotos da humanidade a morte era encarada de forma familiar, próxima e fazia parte da vida. Ela não era temida, excluída dos rituais em sociedade, silenciada ou afastada do cotidiano, havia uma domesticação da morte. O que se temia era não ter um aviso prévio de sua chegada. Em *História da Morte no Ocidente*, Philippe Ariès (2012) nos revela a *Morte Domada*, a domesticação da morte, familiarizada entre a sociedade e muitos rituais funerários que se seguiam com a aceitação do que fazia parte da vida e seu fim.

Os cavaleiros quando sentiam que a morte estava próxima, deitavam-se com a cabeça virada para o Oriente, cruzavam os braços em cruz e o rosto olhando para o céu em oração. A quem iria morrer, era necessário seguir os gestos rituais, jazer no leito e esperar a morte. Muitas pessoas recebiam o aviso da morte pelo diagnóstico de uma doença, através dos sonhos ou intuição.

Para os moribundos que tinham mais tempo, era o momento de preparar seu velório, cortejo fúnebre, rituais religiosos e testamentais do final da vida (ARIÈS, 2012), ele presidia o próprio funeral. Durante o velório, o moribundo se despedia de todos os familiares, inclusive das crianças que não eram excluídas deste momento, pois a morte era uma cerimônia pública da qual todos participavam – costume que perdurou até o século XVIII quando os médicos se queixaram de um número demasiado de pessoas no quarto do agonizante. Os religiosos faziam os rituais de confissão dos pecados e davam a Extrema Unção²⁰, enquanto a família reunida, comia e bebia em um reencontro de gerações.

A morte, tal como a vida, não é um ato apenas individual. Por essa razão, à semelhança de cada grande passagem de vida, ela era celebrada por uma cerimônia sempre mais ou menos solene, que tinha por finalidade marcar a solidariedade do indivíduo com a sua linhagem e sua comunidade (ARIÈS, 1990, p. 658).

Após o velório, todos seguiam as ritualizações funerárias que eram aceitas pela sociedade, de forma simples sem um caráter dramático ou de gestos emotivos excessivos. Em cortejo para o sepultamento na igreja – local muito requisitado até o século XIX – que preparava suas celebrações na parte interna e externa (Átrium ou Átrio). Os familiares

²⁰ Unção dos Enfermos: Na tradição litúrgica, tanto no Oriente como no Ocidente, constam desde a antiguidade testemunhos de unções de enfermos praticadas com óleo bento. No curso dos séculos, a Unção dos Enfermos foi cada vez mais conferida exclusivamente aos agonizantes. Por causa disso, recebeu o nome de “Extrema-Unção”. Apesar desta evolução, a liturgia jamais deixou de orar ao Senhor para que o enfermo recobre a saúde, se tal convier à sua salvação. Em: <http://www.novaalianca.com.br/index.php/catecismo/1505-uncao-dos-enfermos-cic-1512>. (pesquisa realizada em 23 de dez. 2019).

seguiram o desejo do ente querido, pois se tinha *a consciência individual da própria morte e preparação para a salvação da alma – a morte de si mesmo* (ARIÈS, 2012).

Com a proximidade das imagens de santos e orações na igreja, acreditava-se que todo esse lugar e sua importância divina, traria a salvação da alma. Como também, os sobreviventes temiam não seguir os rituais e causar a revolta dos mortos que poderiam voltar para perturbá-los em uma vingança. Sendo a ritualística sagrada, garantia de não ir ao inferno e separação do mundo dos vivos do mundo dos mortos, os sobreviventes assumiam, também, o luto pelo ente querido.

Ao território fúnebre, o *cemitério* (ARIÈS, 2012) era designado a parte externa da igreja, o Átrium ou Átrio. Dentro da origem de sua nomenclatura, a palavra cemitério envolve um grupo de palavras: *Funus* (corpo morto, funerais e assassinato); *Funestus* (profanação provocada por um cadáver); *Tumulus*; *Sepulcrum*; *Monumentum*; *Locus*; *Ossuário* (locais com crânios e membros) que deram origem aos ossos dispostos em arte nas Igrejas dos Capuchinhos, Orazione e Della Morte em Roma no século XVIII; *Cemitérium* (construção funerária) em grego erudito. Os cemitérios também significavam: estar longe das cidades, *extraurbe*.

Anterior ao sepultamento nas igrejas, o culto aos Mártires, de origem africana, atraiu muitas pessoas para serem sepultadas nas necrópoles extraurbanas comuns aos cristãos e pagãos (ARIÈS, 2012). Locais considerados santificados, por acreditarem que o sangue dos mártires naquela terra, purificaria quem estivesse perto. Quando os ossos dos santos foram transportados para as igrejas, os demais defuntos foram também.

Diferente dos cemitérios extra-urbanos – que possuíam identificação do morto, visitas, peregrinações aos locais, flores e rezas –, na igreja, o morto era entregue ao poder religioso, não se tinha nenhuma identificação de local de sepultamento, nem separação de ossos. Assim surgiram placas nas paredes das igrejas como uma forma de identificação do local onde o ente querido estava. Não se importava com o que aconteceria ao corpo morto e sim se estava nas dependências da igreja, dentro dos limites do sagrado.

Tratava-se de cumprir uma determinada eclesiástica que ensinava como se deveria morrer de modo a obter a graça divina e a vida eterna no além-túmulo; ainda que não necessariamente tenham cumprido aqueles mesmos ensinamentos quanto ao viver. Mas também demonstrava a preocupação com uma morte considerada decente, digna, bem como com a afirmação social por ocasião da morte. (RODRIGUES, 2005, p. 39)

O momento da morte e a ritualística que se cumpre para se ter uma boa morte, é visto como um grau necessário de elevação na sociedade, quanto à dignidade e suas obrigações

religiosas. Todos estavam envolvidos, mesmo por um status familiar na sociedade ou respeito aos desejos do antepassado pela salvação da alma.

Como documento comprobatório dos bens deixados e doados pelo morto, a igreja orientava a elaboração do testamento, pois assim, deixava-se parte dos bens para a igreja, irmandades e esmolas para os pobres. O contrário da ritualística religiosa ou o não cumprimento da mesma, é considerado uma má morte.

A reação da igreja dar-se-ia pelo maior esforço de suas prerrogativas. Fazendo uso do discurso pertencente a Reforma Gregoriana, ela procurou distinguir o profano do (con)sagrado; o temporal do espiritual; o leigo do eclesiástico. Nesse sentido, “os cuidados dos mortos” foram postos como próprios da dimensão do sagrado, do espiritual, do eclesiástico, ao mesmo tempo que as práticas funerárias e as comemorativas adquiriram o significado de formas de intercessão dos vivos pelos mortos, na perspectiva de salvação – no contexto da elaboração da doutrina do Purgatório. Esses cuidados a igreja considerava um ato espiritual por excelência, que os eclesiásticos deveriam ser, se não os únicos a garantir, pelo menos os únicos a enquadrar. (RODRIGUES, 2005, p. 45)

Quando a igreja acrescentou ao espaço circundante de seu templo de celebrações o cemitério, tornou-se local público (ARIÈS, 2012). Vieram os asilos e foram construídas habitações na parte externa à igreja, junto ao cemitério. Os asilos se transformaram em locais de encontros e reuniões, em que se permitia o comércio, a dança e os jogos, tudo pelo prazer de estar juntos. Nos Carneiros (gavetas para sepultamento) eram armadas tendas para venda de mercadorias. Com toda essa mistura entre vivos e mortos, comércio e reuniões, vieram as proibições da igreja à dança e jogos, o que ocasionou restrições a sepultamentos e críticas à higiene destes locais.

Além do debate médico, e fundamentando-o, havia um debate político em curso. Tratava-se, afinal, de reduzir a influência da igreja, vista como símbolo do atraso proveniente da vida colonial, a partir do predomínio da esfera da vida social – a morte – até então sobre controle do clero. E tratava-se, a partir daí, de transformar o cemitério em território laico, exemplar a partir de sua laicidade e livre da zona de influência do catolicismo.

Tratou-se, ainda, de uma batalha na qual a medicina enquanto profissão e enquanto campo simbólico empenhou seu futuro. O que estava em disputa era a posse dos cadáveres, que os médicos visavam transformar em objetos de estudos, o que, contudo, tornava indispensável a sua dessacralização. Mas, para que isso fosse feito, eles precisavam ser retirados do interior dos templos, ou seja, era necessário que deixasse de ser propriedade da igreja. (SOUZA, 2020, p. 121-122)

A partir do século XVIII, pelo advento das doenças epidêmicas, foi estabelecida a Política Higienista que proibiu os sepultamentos nas igrejas, pois havia o risco muito grande de contaminação da população que frequentemente estava nas igrejas para participar de rituais religiosos. No século XIX, o cemitério voltou a sua origem extraurbana.

No Brasil a Carta Régia a Fernando José de Portugal, vice-rei e capitão-general do Estado do Brasil no Rio de Janeiro, proibiu os sepultamentos nas igrejas e ordenou a construção de um ou mais cemitérios fora da cidade do Rio de Janeiro em 14 de janeiro de 1801:



A primeira lei colonial regulamentando as práticas vigentes de sepultamento combatia todo tipo de enterros dentro dos limites urbanos. A Carta Régia nº 18, de 14 de janeiro de 1801, respondia a uma queixa recebida pela Coroa contra os enterros [...] Esta Carta Régia, de D. João VI, além de proibir os sepultamentos dentro das igrejas, também combatia todo tipo de sepultamento dentro dos limites das cidades. A medida foi resultado dos inúmeros conselhos dados pelos higienistas, que ainda sugeriam que os cemitérios deveriam ser construídos em locais afastados das cidades e que fossem amplos o suficiente para que, quando as sepulturas fossem abertas, os cadáveres já tivessem sido consumidos [...] Desde o início da colonização até o decreto 119-A, de 07 de janeiro de 1890, o catolicismo era a religião oficial e a Igreja Católica um departamento da administração pública, e pelo fato de ser uma instituição situada entre o sagrado e o profano, entre a vida material e a vida espiritual, seja porque todas as atividades ligadas à vida e à morte estiveram sob seu controle, o mesmo ocorreu com os

cemitérios. Essa situação gerava graves problemas aos não católicos, pois onde repousariam após a morte? [...]. Todavia, com a separação entre a Igreja e o Estado, no início da República, definida no Decreto 119-A e, posteriormente incorporado na Constituição de 1891, os cemitérios foram laicizados, passando para a esfera da administração pública municipal, sendo, a partir de então, direito de todos os cidadãos [...]. Com a República, pelo menos teoricamente, fundada nos princípios liberais e “democráticos”, a proposta era dar a todas as pessoas as mesmas condições de cidadania, inclusive na morte, independentemente de credo, convicção política ou origens étnicas, o que somente foi efetivado com muita discussão, negociação e acordos políticos e administrativos. Isso é significativo e singular uma vez que a tradição e os cânones acadêmicos insistem em afirmar que a separação entre Igreja e Estado, no Brasil, foi profunda e definitiva. Com o desafio a produção de novas teses, antíteses e sínteses. (RIBEIRO, 2015, p. 209-214).

Com a transferência do cemitério nas igrejas – local sagrado para a população da época que estava presente em irmandades – para locais longe do centro da cidade, houve conflito de ideias e não aceitação de um novo cemitério em Salvador, na Bahia. João José Reis (1991) nos fala de uma revolta popular ocorrida em 25 de outubro de 1836, conhecida como *A Cemiterada*. Uma manifestação de protesto foi convocada pelas irmandades e ordens terceiras (organizações leigas responsáveis, dentre vários rituais, pelos funerais de seus componentes) de Salvador. Os sinos que tocavam anunciando missas, enterros, convocaram para o protesto. As irmandades reunidas seguiram para a praça do Palácio, caminharam com suas roupas pomposas de cada local a que pertenciam, com cruzeiros e bandeiras de cada irmandade.

A polícia não se sentiu apta para combater uma procissão religiosa com tanta pompa. Em frente ao palácio os *cemiteristas* discursaram contra o novo cemitério, o Campo Santo, e

recolheram assinaturas para ser cancelada a proibição de enterros nas igrejas. Líderes das irmandades foram recebidos pelo presidente da Província a quem foi entregue documentos que pediam a anulação da concessão de novo cemitério. Muitos manifestantes invadiram o palácio e logo depois das discussões, em caminhada, seguiram com machados, alavancas e outros ferros para destruir a sede da empresa responsável e o Campo Santo. Mais de 3 mil pessoas quebraram, queimaram, destruíram o novo cemitério de Salvador, na Bahia.

Até o século XIX as igrejas eram os locais sagrados para os sepultamentos, havia a consciência da morte de si mesmo e para isso, buscava-se a salvação. Dentro ou ao lado das igrejas, as orações chegavam e se assegurava um lugar ao céu. Para verificar estes locais de sepultamento e ritos funerários realizados até o período do oitocentos, a pesquisa seguiu para a cidade história de Sabará-MG.

Em entrevista com o guia da igreja da Ordem Terceira do Carmo, foi-me relatado que os sepultamentos eram realizados em covas que recebiam o corpo, depois era colocado cal para acelerar o processo de decomposição, com uma duração média de 3 meses para que os ossos fossem transferidos para ossuários. As sepulturas recebiam números arábicos e os ossuários, algarismos romanos. Dentro das igrejas, as sepulturas ficavam onde a população rezava e não havia bancos, muitos assistiam às missas sentados no assoalho, em cima das sepulturas. Os ossuários ficavam ao pé do altar dos religiosos.

2.1 *O Campo Movente: a estrutura dos primeiros cemitérios na igreja histórica da Ordem Terceira do Carmo em Sabará-MG*

A igreja de Nossa Senhora do Rosário no Município de Curuçá-PA foi edificada e concluída no ano de 1757 por padres Jesuítas e com a ajuda de indígenas (FERREIRA, 2005). Até 1855 a igreja foi local de sepultamentos de fiéis cristãos. No arquivo público municipal de Curuçá se encontram os livros de óbitos do século XIX, contendo registros dos sepultamentos feitos na Igreja, que vão da quadra 1 à quadra 55.

Livros de óbitos que mostram sepultamentos no cemitério-igreja da Villa Nova D'El Rey (Curuçá), com a descrição de Funerais Barrocos com féretros públicos, acompanhados por padres e Cruz da Fábrica (bandeira símbolo da Igreja Católica), com toda pompa que o período vivenciou.

Com a epidemia de Febre Amarela registrada no Brasil no século XIX e a proibição de sepultamentos nas igrejas, através da Política Higienista que identificou a superlotação nos locais causando riscos de contaminação no espaço das igrejas. No ano de 1855 a igreja de

Nossa Senhora do Rosário interrompeu os sepultamentos em seu adro, sendo realizada a construção de um novo cemitério distante do centro da cidade. Em 1856 o cemitério São Bonifácio recebeu o primeiro sepultamento e à igreja, ficou reservada somente para as celebrações católicas.

Segundo o historiador de Curuçá, Comendador Paulo Henrique Ferreira²¹, do ano de 1855 até 2007, a igreja de Nossa Senhora do Rosário passou por diversas reformas e modificações estruturais: as partes interna da igreja (piso, Coral e Altar-Mor) em madeira foram retiradas. Do Palacete dos Andirá – antigo Colégio dos Jesuítas – permaneceu somente a fachada e no ano de 2007, um decreto da Prefeitura Municipal, tombou a igreja, proibindo modificações que descaracterizassem ainda mais este patrimônio histórico de Curuçá. Com diversas modificações estruturais, tornou-se difícil visualizar o cemitério na igreja matriz, evidenciado nos livros de registros de óbitos. Para a verificação do cemitério na igreja seria necessário realizar escavações dentro, ao lado e atrás da mesma.

Foi diante desta impossibilidade de visualização do primeiro cemitério de Curuçá que movi meu campo de percepções para as cidades históricas mineiras de Sabará e Ouro Preto por apresentarem igrejas contemporâneas às de Curuçá, que ainda preservam seu espaço cemiterial interno e, assim, possa se obter uma dimensão deste espaço sagrado e campo santo nas igrejas.

²¹ Entrevista realizada pela autora em 03 de novembro de 2019.

Ilustração 12 (fotografias) – Igreja da Ordem Terceira do Carmo em Sabará-MG. Igreja com obras barrocas de Aleijadinho.



Fonte: Autora, 2018.

Cheguei à cidade de Sabará para conhecer a Igreja de Nossa Senhora do Carmo que é considerada um dos museus do mestre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. A Igreja teve sua pedra fundamental lançada em 1767 e no mesmo ano foi entronizada a padroeira. Os relevos esculpidos no frontispício (em pedra-sabão) e na portaria, as esculturas dos púlpitos, do coro, das balaustradas, as esculturas de São João da Cruz e São Simão Stock da igreja são da responsabilidade de Aleijadinho²².

Nos dois anos da pesquisa de campo em Sabará (2018 e 2019), fui recebida pelo senhor Antônio Carlos Santos Pereira (61 anos), guia turístico desde os 9 anos de idade. Ele me mostrou as obras de Aleijadinho no local e toda a estrutura das igrejas barrocas daquele período: o piso todo em madeira com inscrições em números arábicos, furos ao lado da madeira, explicou-me o que acontecia no Funeral Barroco – o que fui só confirmando de

²² www.wikipecta.org/igrejadenossasenhordocarmodesabara. Acesso em 22 de dez. de 2021.

pesquisa anteriores, até na minha dissertação – e para abrir de vez o campo de visão do cemitério na igreja: pegou no furo ao lado da madeira e abriu um túmulo para eu visualizar como os corpos eram sepultados, decompostos e após três meses, colocados os ossos no ossuário que ficava bem próximo ao altar.

Ilustração 13 (fotografias) – Túmulo no interior da Igreja da Ordem Terceira do Carmo em Sabará-MG. O guia turístico abre um túmulo interno da igreja da Ordem Terceira do Carmo, local que vivenciou o funeral barroco nas igrejas-cemitério até a metade do século XIX.



Fonte: Autora, 2018.

Com a abertura do túmulo no interior da igreja, vi o que eram apenas imagens projetadas nas leituras sobre as igrejas-cemitério, foi-me mostrado que as pessoas ficavam sentadas em cima dos túmulos durante as missas, em uma convivência entre vivos e mortos. O que também ficou evidenciado no discurso do seu Antônio, em momentos de nossas conversas, o prazer que ele tem em ser guia turístico nesta igreja da Ordem Terceira e falou: “agora eu posso entrar aqui e posso falar sobre tudo isso que eu conheço”²³, porque as ordens do Carmo eram separadas em Primeira, Segunda e Terceira, o que deu a entender que ele não poderia participar da ordem, mas naquele momento, ele estava lá falando dos hábitos e crenças daquela sociedade oitocentista:

²³ Entrevista realizada pela autora em 08 de julho de 2018

A necessidade de filiação a uma irmandade leiga com objetivo de fugir do abandono do corpo no adro das igrejas denotou a falta de assistência pública aos desvalidos. A hierarquização presente na sociedade escravista foi também manifestada na hora da morte forros procuram, através da valorização do momento da morte, provar a importância que haviam alcançado durante suas vidas. (LACET, 2003, p. 48).

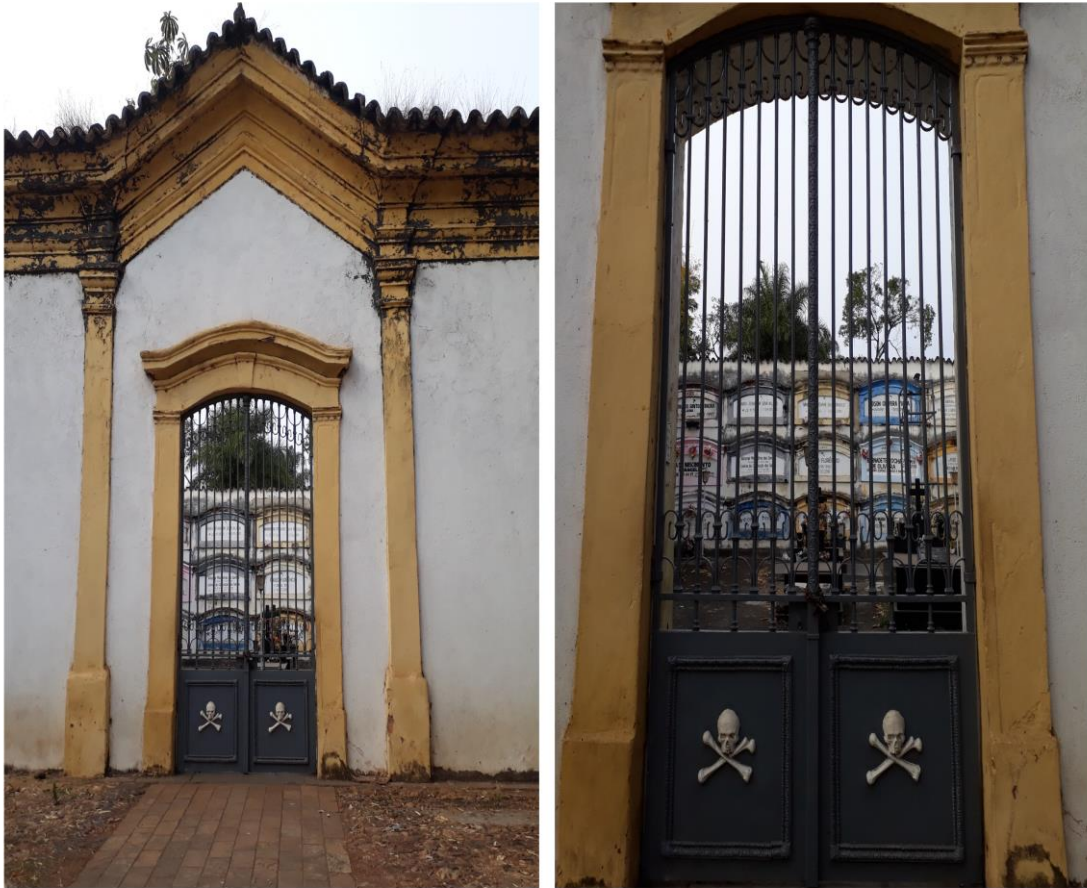
Quando se recorria às irmandades era para assegurar uma valorização dentro daquela sociedade, em que o status estava em primeiro plano. Para os escravizados era a questão de valorização de uma vida, pelo menos no momento da morte, seria “ter um lugar para cair morto”, pois a compra da carta de alforria e se filiar a uma irmandade, representava essa valorização. Quando seu Antônio fala de estar naquele local e não ser impedido de permanecer nele, há nesta fala, um indício de que essa separação ainda continua latente dentro desta sociedade, que ele enquanto guia turístico, estudou e conhece o universo em que está inserido.

Na *Pesquisa Movente*, movi minhas percepções para ampliar o entendimento sobre os limites espaciais da igreja-cemitério e entrei em contato com os conceitos, descrições dos locais de sepultamento nas igrejas do século XVIII. A primeira imagem que entendi da dimensão simbólica dos sepultamentos, foi encontrar os ossuários ao pé do altar religioso e local reservado a algumas pessoas importantes da sociedade da época. Nos ossuários, no piso em madeira, estavam as numerações em algarismo romano. Nestes locais, após a decomposição dos corpos, os ossos eram depositados para depois serem reservados aos carneiros, locais ao lado da igreja.

Foi possível compreender o espaço sagrado para os sepultamentos, a igreja transformada em cemitério, como local público. A igreja de Nossa Senhora do Carmo também vivenciou as irmandades em seu interior, ela faz parte da Ordem Terceira do Carmo, irmandade de leigos, onde eram permitidos os sepultamentos de brancos, militares e pessoas da elite. No ano de 1848 exumaram aproximadamente 1.200 corpos (esqueletos completos) que foram trasladados para o novo cemitério da irmandade²⁴:

²⁴ Coleta de dados realizada em entrevista com Antônio Carlos Santos Pereira. Sabará-MG. 10 de jul. 2019.

Ilustração 14 (fotografias) – Cemitério da Ordem Terceira do Carmo em Sabará-MG. Cemitério externo à igreja, que recebeu os restos mortais trasladados dos ossuários internos da igreja-cemitério.



Fonte: Autora, 2018.

Naquele momento pude perceber o quanto a igreja de N. Sra. do Rosário foi modificada, o quanto de sua história foi retirada e o quanto os curuçaenses perderam suas memórias e referências de uma história tão rica e importante. Foram inúmeras informações e detalhes que ainda estão me afetando e que preparei um mapa do possível primeiro cemitério de Curuçá.

Cheia de imagens mentais sobre as igrejas-cemitério, continuei a caminhada e cheguei à igreja de São Francisco de Assis, outro museu de Aleijadinho. O que me chegou como comprovação de toda aquela visualidade que presenciei em Sabará, com mais obras de Aleijadinho e a madeira talhada em detalhes tão preciosos de se ver e se afetar.

Ilustração 15 (fotografias) – Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto- MG. A igreja e o cemitério na parte externa.



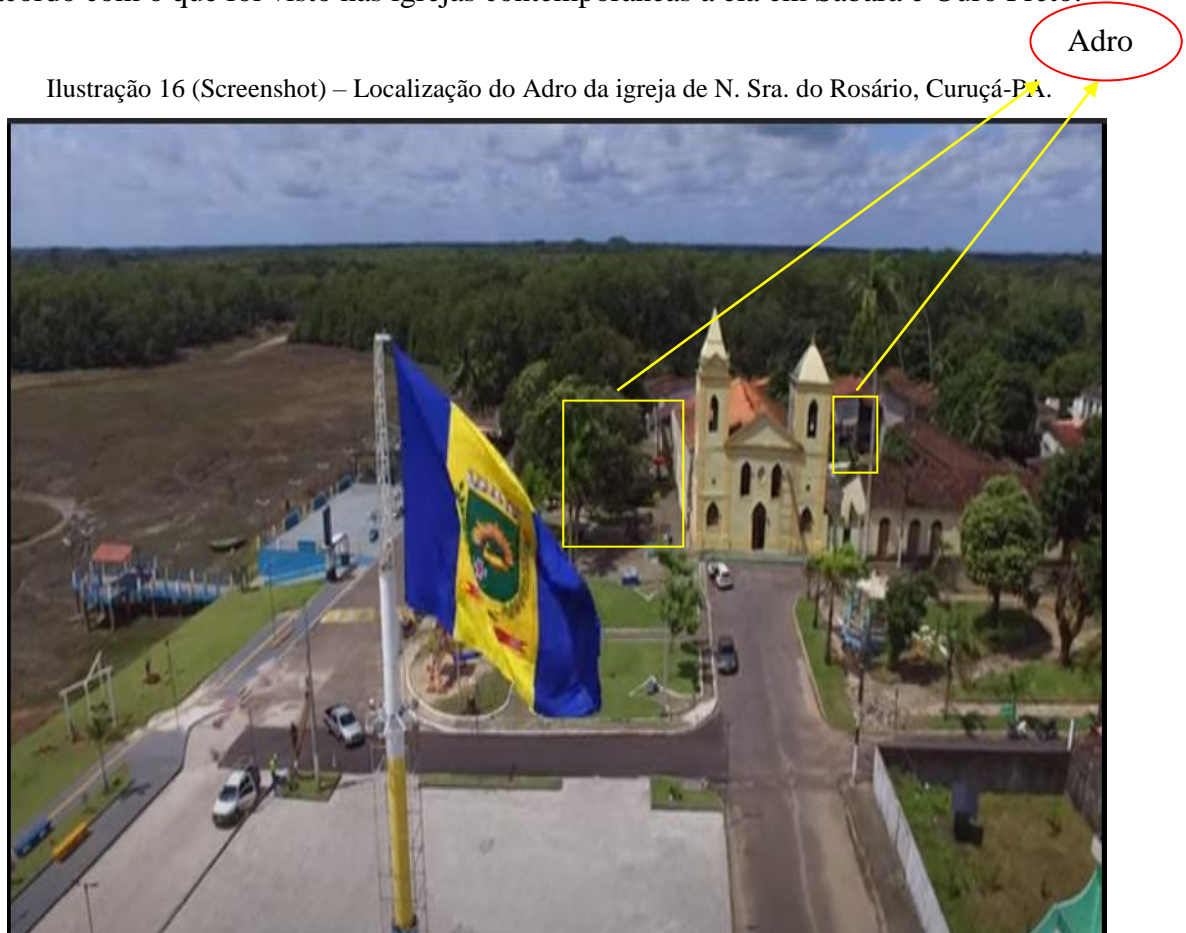
Fonte: Anataciara Ferreira, arquivo da autora, 2018.

A igreja de Ordem Terceira de São Francisco de Assis data seu início de 1771, toda projetada por Aleijadinho, possui um acervo de santos de roca, pinturas e esculturas de Aleijadinho, uma pintura no teto que é dedicada à Nossa Senhora Porciúncula cercada de anjos músicos... Realmente um lugar de muitas obras em detalhes de histórias e memórias, um lugar que também tem um cemitério ao lado ligado à sua irmandade. O piso em madeira com inscrições em números arábicos indicando locais de sepultamento com furos ao lado na madeira e próximo ao altar identifiquei o ossuário. Foi mais uma confirmação da estrutura de igrejas contemporâneas à de N. Sra. do Rosário em Curuçá.

Com as relações de afeto criadas naqueles campos sagrados, o campo de entendimento sobre os ritos funerários no Brasil se ampliou, tornou-se concreto o que eram apenas imagens mentais de momentos encontrados em livro de registro de óbitos.

No Livro nº 2 *Curuçá Óbitos 1826 a 1872*, há registros de sepultamento na igreja em quadras internas (1ª, 2ª, 3ª, 53, 54 e 55), na 1ª, 2ª e 3ª quadra *na frente do Evangelho*, quadra *ao lado do Evangelho*, *ao pé das grades da igreja*, *ao pé das grades da horta*, *no cemitério da igreja*, *no adro da igreja*. Todos os sepultamentos conforme ritual romano.

Na imagem a seguir marquei os possíveis locais de sepultamento no espaço da igreja, de acordo com o que foi visto nas igrejas contemporâneas a ela em Sabará e Ouro Preto:



Fonte: Screenshot de filmagem de Yago Willames, 2021. Localização do adro da igreja feita pela autora.

Com a descaracterização do espaço do primeiro cemitério de Curuçá, só foi possível verificar o possível adro ou atrium – o espaço lateral à igreja que aconteciam os sepultamentos –, a parte interna, onde ficam localizados os bancos em madeira para os fiéis assistirem as missas. O lado, a frente do Evangelho e ao pé da grade. Contudo o espaço da horta, ainda não obtive leituras ou visualizações em igrejas contemporâneas à de Curuçá para poder localizar.

Com a transferência do cemitério nas igrejas para o cemitério fora da cidade, houve uma organização do espaço: Capela-mor, Arco do Cruzeiro e Nave central, antes na igreja-cemitério, passando a somente cemitério. Houve mudança de local, mas com a mesma concepção do espaço sagrado.

O cemitério está em cruz, no centro o cruzeiro, ao lado direito a capela, nas quatro divisões da cruz estão as sepulturas.

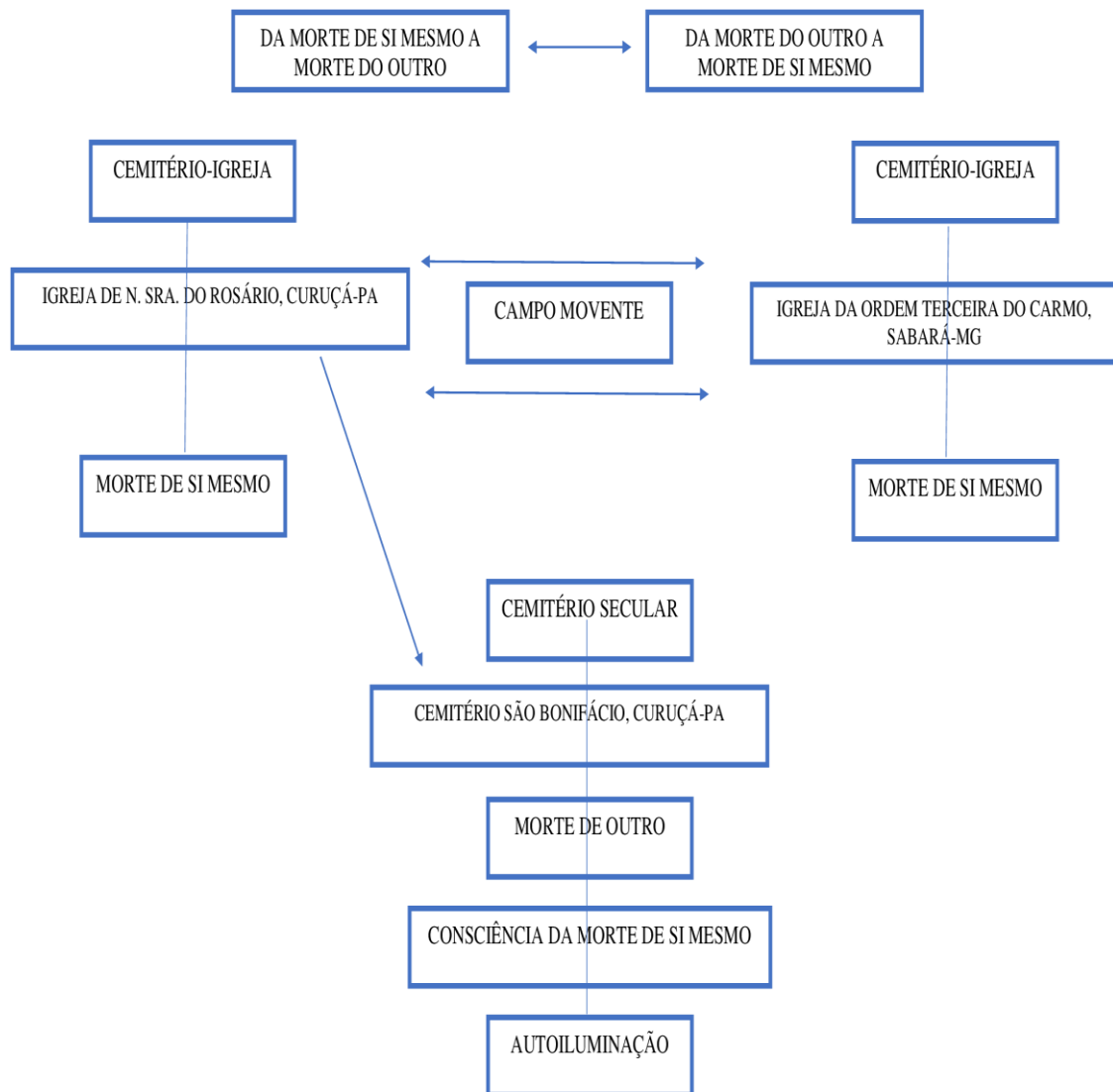
No arco de entrada há a sigla DE indicando local de *Descanso Eterno*.

Simbologias presentes no século XIX, cuja fundação do cemitério São Bonifácio data

de 1855, sendo contemporâneo à fundação do cemitério da Soledade²⁵ em Belém, capital do Estado do Pará.

Após os estudos realizados aqui e a pesquisa de Campo Movente, elaborei um esquema conceitual sobre a Morte de si mesmo e a Morte do outro:

Ilustração 17 (imagem) – Esquema conceitual sobre a Morte de Si Mesmo e a Morte do Outro. Conceitos, espetacularidades e noção autoral para a compreensão do campo de pesquisa.



Fonte: Imagem autoral, 2022.

²⁵ **Cemitério da Soledade** é uma das mais antigas necrópoles do município de Belém (Pará), no estado do Pará. Fundado em 1850 por Capitão Joaquim Vitorino de Sousa Cabral, como Cemitério Municipal, sito a Avenida Serzedelo Corrêa, no bairro de Batista Campos, em uma área de 76 340 m². Foi tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1964 como patrimônio arquitetônico, urbanístico e paisagístico. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemitério_de_Nossa_Senhora_da_Soledade). Acesso em 22 de dez. de 2021.

A partir do Campo Movente, fiz um esquema conceitual para compreensão das mudanças de mentalidades sobre a morte no século XIX, com a mudança territorial dos sepultamentos. O território cemiterial está intimamente ligado à mudança sobre a mentalidade da Morte de Si Mesmo nas igrejas-cemitério, em que se pensava na própria salvação e depois, com a mudança para o cemitério secular, passou-se a iluminar os caminhos do ente querido, pensando na Morte do Outro, na salvação do outro. E foi a partir da Morte do Outro que se retomou a consciência da Morte de Si Mesmo, chegando a casos de *autoiluminação*, a iluminação de si mesmo no cemitério São Bonifácio no século XXI.

2.2 *Corpo-cemitério*: a extensão da cidade dos vivos no São Bonifácio

Com a transferência do cemitério para fora da cidade, sua concepção de espaço sagrado como na igreja-cemitério e simbologias marcadas nas tradições fúnebres, a concepção no sentir a morte passa a se reconfigurar para a morte do outro, não mais a morte de si. Buscar a salvação do outro, sua individualidade, lembrança, significado para os sobreviventes, modifica a maneira de ver o cemitério.

O local como o espaço em que o corpo foi sepultado, dentro dos limites da igreja, sem um local único daquela pessoa ou daquela família, modifica-se para casa, da qual o morto é proprietário, não correndo o risco de ser despejado. Será seu lugar eterno, podendo ser construído, decorado, enfeitado por seus familiares, amigos e receber visitas.

A individualidade nas sepulturas é verificada através de inscrições nos túmulos para conservar a identidade e memória do falecido.

A Arte Funerária apresenta anjos tristes debruçados em lápides, segurando o jarro que guarda a alma do falecido, esfinges, máscaras mortuárias, camafeus, retratos, frases, além do nome, data de nascimento e falecimento inscritos na cruz, símbolo do Cristianismo que está presente nas sepulturas de cristãos.

Agora, queria-se não só que se voltasse ao local exato onde o corpo havia sido colocado, mas também que esse lugar pertencesse, como propriedade exclusiva, ao defunto e sua família. Foi então que a concessão da sepultura tornou-se uma certa forma de propriedade, subtraída ao comércio mas como perpetuidade assegurada. Foi uma grande inovação. Vai-se, então, visitar o túmulo de um ente querido como se vai à casa de um parente ou a uma casa própria, cheia de recordações. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade, estranha ao começo do Cristianismo [...]. Trata-se, portanto, de um culto privado, mas também, desde a origem, de um culto público. O culto da lembrança imediatamente estendeu-se do indivíduo à sociedade, seguindo um mesmo momento de sensibilidade. (ARIÈS, 2012, p. 77)

O cemitério passa a ser a casa do parente falecido, sua nova morada. Individualidade

assegurada pelas características no túmulo e local exato para visitas, a família pode recordar e preservar a memória do ente querido. Cada parente realiza suas orações, sendo um culto privado, ao mesmo tempo público, pois ao lado existe um túmulo vizinho.

A partir do momento que houve a mudança de preocupação com a salvação da própria alma e se passou a pensar em salvar a alma do outro, buscou-se preservar a identidade e a memória do outro, visitando sua nova casa.

O Dia de Finados, que ocorre em 2 de novembro, teve início no século XI, sendo o dia designado pela Igreja Católica como data em que a Igreja Militante (os vivos católicos) se lembra e se apieda da Igreja Penitente (as almas ainda não completamente salvas), sendo, portanto, uma data comemorativa muito antiga no calendário católico. Esta festa foi instaurada pelo Abade Odilon, de Cluny, França, por volta de 1030 (Schimitt 1999), expandindo-se, em pouco tempo, por todo o mundo católico como celebração de seus mortos (REESINK, 2010, p. 155-156).

Estabelecido o dia 02 de novembro como o Dia de Finados (dia posterior ao Dia de Todos os Santos). Segundo Reesink (2010) o Dia de Finados já nasce como festa, instaurado pelo Abade Odilon, da França. É o dia em que o mundo católico celebra os seus mortos, sendo um dia de festa, de celebração.

É o dia dos cuidados com a casa de seu parente falecido, famílias consertam, limpam, pintam os túmulos para serem visitados e lembrados por aqueles que têm afeto por aquela alma. Muitos iluminam os caminhos do falecido acendendo velas, levando flores, rezando e visitando seus túmulos. Há uma repulsa dos vivos em aceitar o desaparecimento do ente querido, assim preservam a memória sobre o morto até o dia dos que realizavam esses rituais, também partirem, ficando para os sobreviventes a continuidade dos rituais de iluminação.

É o momento da família reunida, os vivos visitam a morada do falecido, zelam por ela, preservam a identidade daqueles ali sepultados, levando a imagem dos falecidos eternizadas em retratos:

[...] pode-se dizer que os cemitérios se configuram como lugares de memória para um grupo social específico, uma vez que têm, no simbolismo atribuído ao conjunto de lápides e túmulos inseridos em um espaço murado, a concepção de que este é um espaço que guarda a memória (coletiva) que precisa de um suporte exterior para sua preservação, e, portanto, a contínua renovação de um sentimento que identifica a sociedade com um passado comum ancorado naquelas construções (NOGUEIRA, 2012, p. 83).

Os cemitérios suscitam memórias de pessoas dentro daquela sociedade. Àqueles que zelam pelos túmulos há um tempo limite também, porque quando acaba uma família, os túmulos ficam abandonados, dependentes de pessoas que deixem uma vela ou que o poder público faça algo. Geralmente, o que se vê é a má conservação do patrimônio artístico, por não serem utilizadas técnicas adequadas aos tipos de materiais das lápides, esculturas,

retratos, pinturas, obras de arte pertencentes aos séculos XVIII, XIX e que fizeram parte daquela sociedade municipal, que não se tem mais parentes vivos.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversário, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, 13)

O cemitério é um dispositivo que ativa memórias, não é imbricado nele a memória, é necessário cultivá-la. O espaço cemiterial não é um lugar aonde se vai e automaticamente a memória é estabelecida. É um lugar de vivências, de escutas, é um espaço tomado para si e que sempre tem que ser lembrado, lembrado, cultivado para que lembranças sejam estabelecidas nos vivos.

Os familiares vivos se tornam *Zeladores de Túmulos*, por cuidarem da morada do familiar falecido. Contratam os serviços de biscateiros para preservar sempre bonita a casa daquele que se foi. Os zeladores têm esse papel que por vezes é em mais sepulturas, o que tenho verificado nos últimos 3 anos, é a existência de túmulos sem parentes em Curuçá. O que tem estimulado a solidariedade de desconhecidos que acendem velas nestes túmulos para que o residente do cemitério não fique no escuro, na tristeza.

O cemitério tem, indubitavelmente, um aspecto territorial que vai muito além do espaço delimitado por seus muros, pois recebe os que viveram suas vidas naquela vila, naquela cidade, e neste sentido, estão ali sepultados aqueles que construíram a história daquela localidade. Trata-se das pessoas que se apropriaram e fizeram uso daquele espaço, ou seja, os que tomaram aquele território para si. (CAINO, 2017, P. 169).

As pessoas que estão sepultadas naquele espaço cemiterial, foram aquelas que o tomaram para si, que viveram aqueles ritos funerários, e assim, os sobreviventes daquela família, seguiram o que lhes foi ensinado durante muitos anos. Com o fim da família se criam laços de solidariedade para aquele espaço, por aqueles que se apropriaram dele.

Além da relação de iluminar o caminho dos mortos no Dia de Finados, existe uma outra relação quanto à preservação dos túmulos: aos familiares sobreviventes inclui preservação do túmulo quanto aos materiais da construção do mesmo e os estilos das sepulturas, que nem sempre são preservadas ao gosto do antepassado, pois afirmar que tudo ficará para sempre, é uma ilusão:

A perpetuidade do jazigo da família é uma quimera: depende da vigilância ininterrupta e do custeio dispendioso dos descendentes usuários... depende da boa sorte em relação aos vândalos do cemitério, aos ladrões de bronze, de mármore para

não falar nos dentes de ouro, depende até mesmo do gosto dos herdeiros, pois nem sempre acham bonito o jazigo do vovô e resolvem modernizá-los nos materiais da moda... (VALLADARES apud SANTOS, 2013, p. 12)

O zelador de túmulo possui várias atribuições quanto à preservação, à história familiar, simbologias e status social. É reconhecido principalmente por levar uma sacola contendo muitos pacotes de velas e pela permanência durante algum tempo no cemitério, porque há vários túmulos para acender as velas. Às vezes por conta de familiares que não puderam ir à iluminação. Porque a verdadeira morte vem com o esquecimento, vem com a escuridão, então se aquela pessoa não puder ir à iluminação, mas ela guardará as velas e mandará por alguém.

Seria um kit iluminação: levar pacotes de velas, caixa de palitos de fósforo ou isqueiro e grinaldas de flores em uma sacola, e ao sair do cemitério, degustar a manicuera e doces vendidos no período.

O ato de zelar pelo túmulo teve sua maior incidência com a mudança da igreja-cemitério para o cemitério secular, distante do centro da cidade no século XIX:

O enterro na catacumba reservada a uma família se opõe ao enterro comum, solitário e anônimo. A necessidade de reunir perpetuamente, em lugar reservado e fechado, os mortos da família, corresponde a um novo sentimento que se estendeu em seguida a todas as classes sociais do século XIX: a afeição que une os membros vivos da família e transferida para os mortos. Assim, o jazigo de família é talvez o único lugar que corresponde a uma concepção patriarcal de família, onde são reunidos sob o mesmo teto várias gerações e vários casais. (ARIÈS, 2012, p. 173).

A mudança de preocupação da morte de si mesmo para a morte do outro, tem com fator primordial a mudança de local igreja-cemitério para o cemitério secular. Assim, houve a perpetuação das famílias em um único lugar, em uma casa, em um terreno, em um endereço, no cemitério. Garante-se assim, várias gerações, naquele lugar, corpos são depositados em um único espaço, onde não há separação, desmembramento da família.

Se considerada dessa perspectiva, a casa e o túmulo de família cumpriam praticamente funções análogas, podendo ser interpretados como o lugar em que se reproduzia e se perpetuava o grupo familiar através de sucessivas gerações, assegurando-lhes a transmissão de um sobrenome, de bens materiais e imateriais, relações de poder, de autoridade e de hierarquia. Enquanto a casa poderia ser vista como locus de socialização da família, sendo, em alguns casos, capaz de reunir ao longo do tempo sucessivas gerações, integrando-as por meio de campos rituais diversos (nascimentos, batizados, formaturas, casamentos, aniversários, mortes, velórios, participação coletiva na elaboração do luto etc.), o túmulo, por sua vez, reproduzia no plano imagético o desejo de reunificar e perpetuar diferentes momentos de expressões coletivas da família e, com isso, fortalecer com sua dimensão simbólica o pacto de continuidade dos laços de parentesco entre seus membros (...) era no túmulo onde se buscava corporificar, como espaço de representação, conservação e "presentificação" do morto, a reintegração de laços familiares e a neutralização de eventuais conflitos entre seus membros, uma vez que a casa já não mais conseguia cumprir tal papel. (MOTA, 2009, p. 80)

Ao túmulo é assegurado a lembrança da casa dos vivos, quando se convivia pai, mãe, filhos, antes de separações, falecimentos. Local de estar junto, a casa dos vivos é transportada para a casa dos mortos, perpetua-se a família, mesmo depois da morte do pai, deflagrador de muitos conflitos por divisões de herança, perda de identidade familiar... Na casa-viva se comemora nascimento, aniversários, casamentos, batismo... Na casa-túmulo se fecha o ciclo com a morte e se transforma em local de recordar e homenagear o morto familiar.

A nova maneira de se ver a propriedade funerária é estabelecida no século XIX. Há a preocupação com a saúde da população que sofria com epidemias, sepultamentos em meio às missas, comércio, reuniões e passeios no cemitério que se localizava dentro e fora da igreja, um espaço público. A família que antes entregava o corpo de seu familiar para ser sepultado nas dependências da igreja, sem local identificado, foi aos poucos sendo tomada pelo sentimento de pertencimento. Placas foram colocadas nas paredes da igreja com a frase “aqui jaz fulano” para identificar que o ente querido estava nas dependências daquele espaço sagrado.

Com a saída do cemitério da igreja, o novo cemitério era privativo, poderia se comprar seu lugar eterno e assim famílias poderiam zelar pelos seus lugares na eternidade. A comunidade dos vivos passou a zelar pela casa de seus mortos levando flores, acendendo velas e dando identidade àquele túmulo da família, escrevendo os nomes dos falecidos, data de nascimento e morte, retratos, frases...

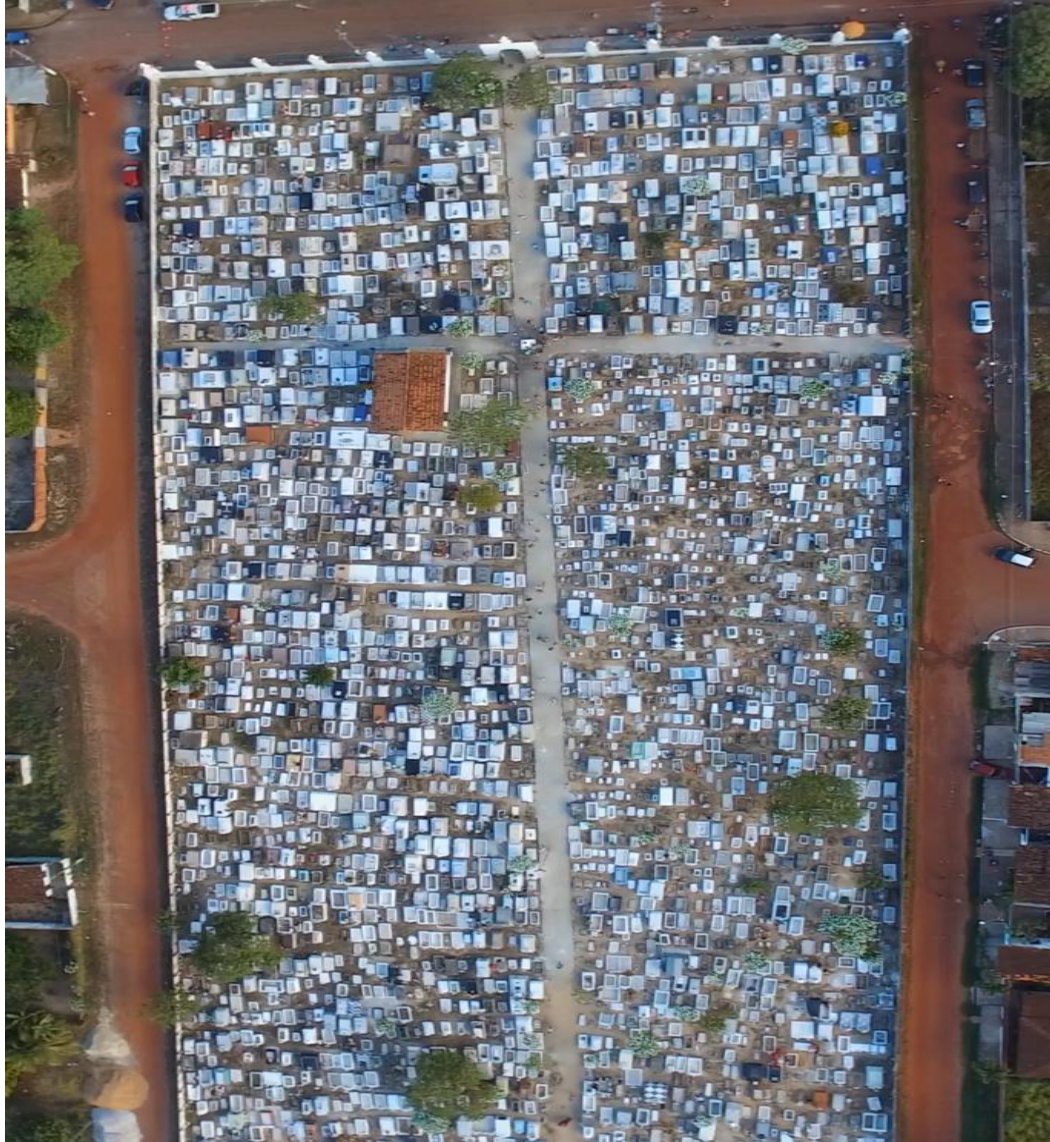
Com o retorno do cemitério para longe da cidade, deu aos mortos propriedades tumulares. Assegurado o lugar particular no cemitério, a preocupação passa a ser a preservação da memória do falecido e a extensão territorial da família enlutada que se perpetuará quanto aos cuidados de limpeza e conservação, materiais utilizados para a construção tumular e simbologias existentes.

Cemitérios convencionais seguem a regra espacial e de esquadramento observada na maioria das cidades brasileiras e europeias. Comumente construída por uma estrutura semelhante àquela, presente na distribuição espacial urbana, quando avenidas, quadras e ruas geralmente arborizadas, nessa cidade em *miniatura* apresenta uma disposição que visa a compor o módulo quadrangular em repetição. Os túmulos são organizados tendo como base o *passeio* –, ala central do cemitério, que geralmente dá acesso à capela, sempre alinhada com a porta da estrada e que direciona as sepulturas à esquerda e à direita. (SANTOS, 2013, p.491)

O cemitério São Bonifácio está estruturado no que convencionalmente se colocava nos cemitérios seculares: dentro da estrutura de organização de uma cidade com suas vielas, capela, ruas arborizadas, o passeio público, tudo semelhante à cidade em que o mesmo está

localizado. O São Bonifácio está dividido em quatro quadras, possui uma capela mortuária e, no centro, o cruzeiro. Possui o formato em cruz:

Ilustração 18 (screenshot) – Imagem aérea do Cemitério São Bonifácio em Curuçá-PA. Cemitério com o formato em cruz, com a cabeça para a entrada e os pés para a saída como na tradição de levar o corpo morto a ser sepultado.



Fonte: Screenshot feito da filmagem de Yago Willames que mostra o formato em cruz do cemitério.

O cemitério São Bonifácio segue a estrutura do período oitocentista, do cemitério extramuros da igreja. Além de que o topônimo CURUÇÁ é corruptela do português *Cruz* (FERREIRA, 2002, p.15), o formato em cruz apresenta várias encruzilhadas que ligam vielas e como ponto central está o Cruzeiro, o corpo aberto em uma ligação direta da Terra – lugar de inumação, do pó vieste ao pó voltarás –, e a ligação com o Céu, com as almas. O corpo que liga o terreno ao espiritual.

A partir de um centro projetam-se os quatro horizontes nas quatro direções cardeais. O *mundus* Romano era uma fossa circular dividida em quatro; era ao mesmo tempo a imagem do Cosmos e o modelo exemplar do habitat humano. Sugeriu-se com razão que a Roma quadrada deve ser entendida não como tendo a forma de quadrado, mas como sendo dividida em quatro. O *mundus* era evidentemente equipado ao *omphalos*, ao abrigo da Terra: a cidade (*Urbes*) situava-se no meio da *orbis terrarum*. Desmonta-se, assim, que ideias similares explicam a estrutura das aldeias e das cidades germânicas. Em contextos culturais extremamente variados, reencontramos sempre o mesmo esquema cosmológico e a mesma encenação ritual: a instalação no território equivale à fundação de um mundo. (ELIADE, 1992, p. 29)

O cemitério é o Cosmos, o Cruzeiro é o umbigo deste Cosmos e as sepulturas são os microcosmos deste mundo. O território dos mortos possui um umbigo e a partir dele cresce, circula os microcosmos, entrecruza-se de afeto ligando vielas, ruas... É um fulcro energético. Lugar de conexão com antepassados não sepultados ali, que não moram naquela cidade, mas a partir daquele umbigo eu posso me reconectar espiritualmente com os mortos. O espaço cemiterial é de vivências, coletividades, solidariedades em iluminar os caminhos, cuidar de casas-túmulo e que eu posso me conectar com outros mortos que não habitam aquele espaço.

Para o pesquisador Kleber Campos (2014), o São Bonifácio apresenta uma rica Arte Funerária com esculturas vindas diretamente de Portugal, lápides com inscrições que indicam a localização, a série e o escultor. É local referente a uma sociedade curuçaense do século XIX em seus aspectos culturais, econômicos e sociais.

Nas primeiras quadras estão localizadas as lápides das famílias mais antigas, nas quadras de trás estão das famílias mais recentes no município, demonstrando uma estética diferenciada entre elas.

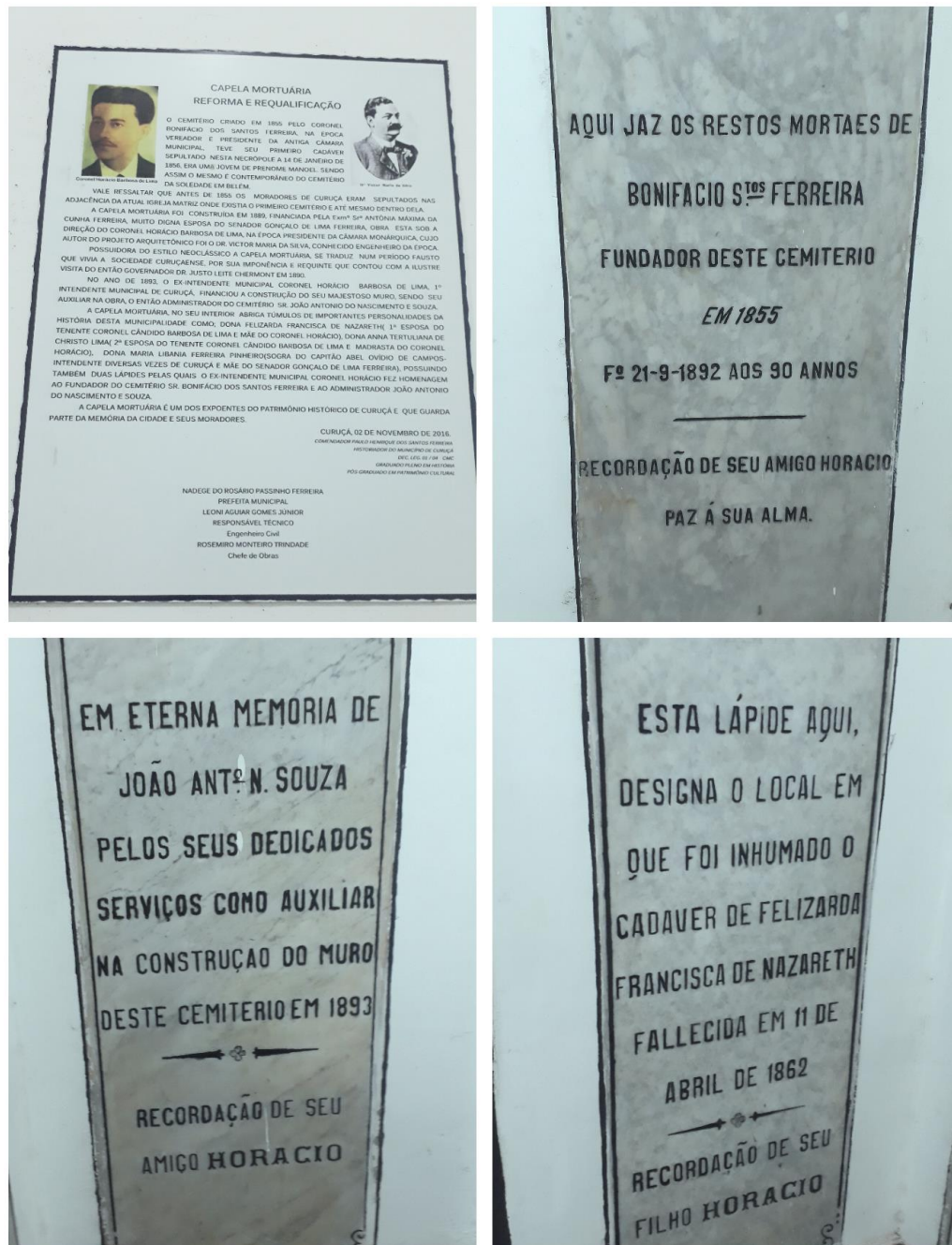
Quanto à frequência de visitas, muitos túmulos das primeiras quadras possuem apenas zeladores que no Dia de Finados acendem velas para que as almas não fiquem no escuro. Com seus 166 anos de existência, o São Bonifácio atende à população do centro de Curuçá e das localidades próximas que não possuem cemitério: vila de São João do Abade, lugarejos de Curuperé, Arapiranga, Andirá e Pinheiro.

Nas divisões espaciais intramuros (Cemitério São Bonifácio) e extramuros (Bosque da Igualdade) na Iluminação, o São Bonifácio apresenta túmulos que se destacam por espaços de maior construção, seja nos limites do terreno, seja no espaço aéreo. Pelo maior número de visitantes, velas, grinaldas de flores, fotografias, banner de homenagem, famílias identificadas por camisas que homenageiam seus mortos, bandas de músicas que são contratadas para tocar enquanto a família está presente.

Na capela do cemitério São Bonifácio está registrada, em placas de mármore ou de metal, a história daquele espaço cemiterial, diante de sua fundação, das pessoas que ajudaram na construção do muro, colocando todo o universo de construção daquele espaço secular para

sepultamentos, a partir da metade do século XIX. O que para muitos curuçenses ainda aparece como uma impossibilidade de ver um cemitério soterrado na igreja de N. Sra. do Rosário, contudo o trabalho de se contar essa história está nas paredes da capela do São Bonifácio. Valorização histórica desta sociedade que está ligada diretamente à capital do Estado do Pará, sendo o São Bonifácio contemporâneo a diversos cemitérios históricos brasileiros.

Ilustração 19 (fotografias) – Placas na capela do cemitério São Bonifácio. Placas identificando o construtor e o fundador do cemitério, história dos primeiros sepultamentos na cidade de Curuçá-PA.



Dentro da capela, as placas indicam a existência de corpos inumados, há homenagem ao criador do cemitério São Bonifácio, o Senhor Bonifácio Ferreira, contasse a história dessa mudança de território do sagrado, antes na igreja-cemitério. O local serve tanto para acolher famílias enlutadas com o seu último momento de colocar o caixão para as despedidas, quanto também local de oração e visitação no dia da iluminação. As homenagens nas placas de mármore são feitas pelo Coronel Horácio Barbosa, que teve um momento de ascensão dentro do município que figurou de grande importante desta sociedade oitocentista.

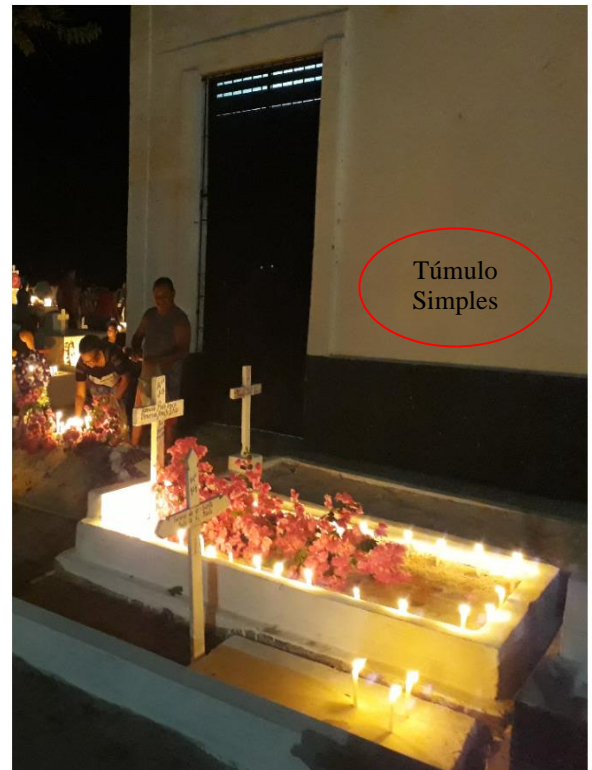
Para adentrar nas relações de status daquela sociedade curuçaense da metade do século XIX, apresentarei estudos sobre arquitetura funerária e imagens de lápides do São Bonifácio:

[...] instalada na arquitetura – uma grande tensão cultural envolvendo as diferentes maneiras de se representar a morte. Os discursos simbólicos – a religiosidade, a monumentalidade, a domesticidade, a humildade – não se reproduzem por si só, mas à medida que encontram sentido no imaginário consciente ou inconsciente das famílias que promovem os túmulos. Entrar no mundo das formas nos cemitérios é conhecer um pouco das tentativas que foram feitas e refeitas de encontrar a representação adequada da morte [...]. As categorias que se seguem possuem características específicas. Os itens “Altars”, “Torres e Obeliscos”, “Cruzes”, “Capelas” e “Casas” referentes a elementos e referências transportados do mundo dos vivos para dentro do cemitério. (CYMBALISTA, p.76, APUD, BRITO, 2013, p.

Para Cymbalista, nas relações dos discursos simbólicos, a religiosidade e a monumentalidade estão ligados diretamente a esse sentido imaginário consciente ou inconsciente das famílias que promoveram os status sociais do oitocentos. Nesta sociedade, as características específicas dessas categorias apresentam altares, torres, obelisco, cruzes, capelas e casas que são imagens recriadas no cemitério à semelhança do mundo dos vivos. Para Maria Elisa Borges (2002, p. 173), a tipologia cemiterial está dividida em 3 categorias: I. Arquitetura Funerária: a) jazigo-capela, b) túmulo-monumental; c) túmulo-porte médio; d) túmulo-simples. II. Esculturas: a) Anjos; b) Imagens Sacras; c) Profanas. III. Alto-relevo, baixo-relevo, relevo-gravado; b) Piras, Vasos; c) grades.

A seguir apresentarei imagens de túmulos existentes no São Bonifácio para a visualização desta arquitetura funerária, levando em consideração os estudos de Cymbalista e Borges, para a classificação dessas categorias:

Ilustração 20 (fotografias) – Arquitetura funerária no São Bonifácio. Exemplos de Jazigo-capela, túmulo monumental, túmulo porte médio e túmulo simples.



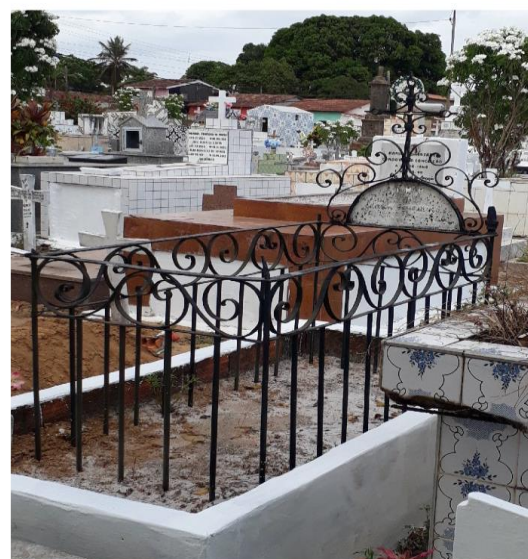
Fonte: Autora, 2021

Ilustração 21 (fotografias) – Esculturas no São Bonifácio. Exemplares de esculturas de anjos, imagem sacra e imagem profana.



Fonte: Autora, 2021.

Ilustração 22 (fotografias) – Adornos no São Bonifácio. Exemplos de túmulos com alto-relevo, vasos e grades.



As imagens apresentadas anteriormente mostram o imaginário daquela sociedade nas lápides de seus familiares no São Bonifácio. Os primeiros túmulos dessa sociedade oitocentista, que ao mudar de lugar sagrado, não mudou suas concepções para as vigentes no momento que era a laicização. O que se percebe são símbolos, em sua maioria, carregados no imaginário cristão de salvação da alma, aparecendo também a individualização de túmulos com retratos, que dentro da classificação de Borges aparece como profana, desligado da simbologia cristã. Entendimento sobre profano/sagrado vigentes naquela sociedade. Contudo, o que se compreende é que o cemitério público extramuros não nasceu secular:

os cemitérios públicos extramuros, criados no período imperial, em torno dos anos de 1855, não nasceram secularizados, nem com a monumentalidade que adquiriram com o passar das décadas, ao contrário do que parte da historiografia da morte costuma afirmar. Sua transformação teria se dado principalmente como desdobramento do processo de laicização da sociedade, a partir da década de 1870 e, mais especificamente, após a implantação da República, como fruto de um processo de transformação cultural (secularização) e institucional (laicização) (FRANCO, 2015, P. 73).

Dentro da estrutura do cemitério, quanto à tipologia de suas lápides, o São Bonifácio apresenta uma mistura do olhar para a salvação e do olhar da individualização, para o status pessoal. Segundo Franco (2015), O cemitério oitocentista não nasceu secular, aos poucos foi se transformando, através de processos culturais e institucionais, para o que hoje se define como cemitério público.

Dentro da nomenclatura utilizada pelos praticantes da Iluminação em Curuçá, o São Bonifácio possui sepulturas bem grandes que são chamadas de “shopping”, que servem como localizador de sepulturas vizinhas, cujos zeladores gostam de estarem lá pelo status de possuírem túmulos onde “só tem gente chique”²⁶. O condomínio cresce e junto a suas referências à vizinhança. Os vivos e os mortos ao lado são chamados de *Vizinhos de Sepultura*, referência à localização: “ele é vizinho de sepultura da mamãe” e referência entre os vivos “o filho da fulana, que é vizinha de sepultura da mamãe, não veio esse ano”.

É uma relação de convívio entre vivos e mortos em uma comunidade, o vizinho não fica no escuro, sempre terá uma vela para colocar no túmulo ao lado para não ficar na escuridão. Assim também, sempre haverá uma vela para o falecido domiciliado distante daquele cemitério, haverá sempre uma vela acesa no Cruzeiro. A cruz é um corpo com os braços abertos e as pernas juntas que dá a direção do corpo:

²⁶ Frase ouvida durante a Iluminação fazendo referência aos túmulos que estão ao lado de sepulturas grandes verticalmente e horizontalmente.

Ilustração 23 (fotografias) – Cruz, Cruzeiro no São Bonifácio. Cruzes em metal, mármore e madeira.



Fonte: Autora, 2021.

Bem no centro do cemitério está o *Cruzeiro*, bem na encruzilhada, local muito visitado, que recebe orações e velas que queimam durante muito tempo. É o centro das orações para os mortos não sepultados naquele cemitério, os zeladores além de iluminarem os

seus parentes naquele condomínio, também iluminam o parente que mora em outro cemitério.

Uma ligação de almas, o vivo transmite suas orações e luz para o mundo dos mortos, ajudando-o em sua força vital entre as lembranças dos vivos, pois a morte está associada ao esquecimento. O cruzeiro sempre cheio de velas, com o cheiro forte de fumaça e a cruz queimando, envolve um misto de beleza e perigo. O fogo alto no meio do São Bonifácio assusta e fascina quem presencia o fenômeno. Quem passa pelo cruzeiro, corre o risco de ser queimado com a parafina derretida e o calor excessivo do lugar, muitos em oração sentem e veem o queimar das velas.

Um espaço importante no cemitério São Bonifácio é o destinado ao sepultamento de *anjos*, as crianças batizadas que faleceram. Os anjos possuem grande importância para a sociedade, sendo um status ter um anjo na família, um protetor particular que todos os anos recebe iluminação de velas em seus túmulos:

Ilustração 24 (fotografias) – Sepulturas de Anjos. Praticantes da iluminação acendem velas em túmulos de crianças.



Fonte: Autora, 2018.

No cemitério, vê-se crianças brincando em túmulo de anjos. Mesmo tendo passado mais de 50 anos de falecimento, os anjos são eternizados em suas imagens infantis, sendo sempre crianças. O espaço no São Bonifácio destinado somente aos anjos, vem sendo modificado a cada ano pelo sepultamento de adultos, o que vem modificando também a estética tumular, antes com cercados que lembram os berços que as crianças dormem e ficam protegidas, por túmulos cama, o leito de morte dos adultos

A arquitetura contemporânea, no cemitério, explora os revestimentos com lajotas, cruzeiros em concreto, alvenarias com varandas para que o visitante coloque sua cadeira e se sinta mais confortável enquanto reza, conversa e a vela queima. Para a arquitetura do início do São Bonifácio (século XIX) anjos guardam as almas em vasos, há anjo sentado, cabisbaixo segurando flores; mausoléus que deixam a tristeza soturna invadir os espaços de visitação.

Os cuidados dos zeladores de túmulos estão ligados a muito afeto pelos que se foram, não é uma obrigação, é a fé em um mundo dos mortos, é crer na comunicação e elevação da alma de seu familiar falecido. Os familiares que zelam pelo espaço cemiterial contratam um trabalhador que é exclusivo deste lugar, o *biscateiro*.

2.3 O Papel Social do *Biscateiro* que constrói e realiza reparos nas casas-túmulo

Mês de outubro se inicia e com ele vem a procura pelos serviços de construção, pintura e limpeza de túmulos no cemitério São Bonifácio. O *Biscateiro* é o trabalhador presente no cemitério, somente neste período que antecede a Iluminação de Finados. Seria um trabalho típico deste período, função contratada por famílias para preparar, limpar e embelezar a casa de seu parente falecido que receberá visitas no Dia de Finados. Visitas que chegarão para acender velas no túmulo do familiar e iluminar seu caminho na vida eterna. Momento para colocar os assuntos em dia, seja conversando com o falecido – em oração enquanto a vela queima – ou com o parente que se encontra naquele dia no cemitério.

O *Biscateiro* é contratado para serviços a serem realizados no espaço cemiterial. Os trabalhadores são contratados em suas casas ou no cemitério – onde já estão esperando por serviços neste período. São homens, mulheres e crianças que convivem no campo santo com suas ferramentas de trabalho: enxadas, colher de pedreiro, tábuas, pincéis, tinta, cimento, baldes, escovões...

Trabalhos em um período de grande incidência solar, o que causa sacrifício para a execução do serviço. Os serviços variam de preço, de R\$10,00 a R\$1.500,00, de acordo com a construção e consertos encomendados. Além dos serviços a serem feitos, os *biscateiros*

vendem caixas-túmulo e cruzes prontas, que ficam expostas no cemitério para quem se interessar em comprar:

Ilustração 25 (fotografias) – Caixas-túmulo e cruzes à venda no cemitério. Materiais confeccionados e vendidos pelos biscateiros no cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA.



Fonte: Autora, 2019.

As caixas-túmulo são fôrmas em madeira com cruzes já afixadas. São formas organizacionais do espaço cemiteral para famílias que ainda não conseguiram construir o túmulo em alvenaria, seja por falta de condições financeiras, seja por ainda não poder contruir, pois o sepultamento foi recente e não atingiu um ano. Nas caixas-túmulo se coloca areia branca.

Em 2019, a municipalidade forneceu a areia branca, que foi colocada do lado de fora do cemitério e as pessoas pegavam em baldes para colocar nos túmulos... A organização do túmulo proporcionará ao visitante um local para acender as velas de forma a fixar as velas na areia.

Muitas pessoas não constroem as cruzeiros como antigamente, compram as que já estão prontas. Os biscateiros confeccionam as cruzeiros no cemitério e expõem no espaço central, o Cruzeiro. O cemitério é transformado em local de trabalho para a confecção de artigos funerários e venda dos mesmos. Depois de vendida, a cruz é pintada e nela, escrito o nome dos entes queridos falecidos, data de nascimento e falecimento, o que serve como placa de identificação da casa e do proprietário.

Para o Biscateiro Arquelau Pereira (67 anos) é um trabalho que lhe dá prazer e grande satisfação em fazer. Um trabalho essencial para o período de preparação para a Iluminação, o que lhe proporciona uma renda extra, prazer e satisfação em realizar a função. Ele é funcionário público aposentado e exerce a função de biscateiro há mais de 40 anos, os quais foram dedicados a limpar e embelezar a casa dos mortos. Trabalho que considera como um serviço social, religioso e de gratidão aos mortos:

Sempre que se sentem satisfeito com o trabalho agradecem a gente, né? Agradecem pelo trabalho que a gente faz. Até porque se a gente faz, é uma maneira de trabalhar, mas é um sacrifício, né? Com o sol que a gente pega aqui. E aí o pessoal se sente feliz da gente vir porque aí, às vezes, não tem quem queira vir. E tem pessoas que não gosta mesmo de vir e não vem. (Entrevista realizada em 29/10/2019).

Trabalho com sacrifícios por enfrentar o calor excessivo nos horários entre 11h e 15h30, além de ser feito com coragem por envolver muitos medos e mitos quanto a presença de mortos. Arquelau fala do agradecimento de quem contrata um biscateiro e que a cada ano aumenta em número de praticantes da profissão.

Há aqueles que fazem o serviço para família e não recebem pagamento pelo serviço... Que no intervalo de outras atividades vão tirar uma renda extra no cemitério... Jovens que aparecem para trabalhar no turno em que não estão estudando... Crianças aprendendo o ofício e os biscateiros antigos na profissão:

*A partir dos meus 15 anos eu passei nessa rotina aqui do cemitério. Já trabalhava, já fazia alguma coisa a respeito. No princípio foi pinturas, fazia letra... Pra mim, até aqui, eu sinto muito prazer de trabalhar. Quando se aproxima essa época, até que dá – diz a história – uma agonia pra gente vir trabalhar. Pra mim é um prazer ficar aqui entre os mortos. Eu digo assim, a gente não vê, mas eles vê a gente... Por outro lado é a grana, né? Que sempre sai um pouquinho, uma complementação, um dinheiro pra gente. É muito bom!
Sou eu como também tem uma equipe aí, equipe sim, pessoal que trabalha, que sempre se dispõe para vir fazer isso, uma maneira de angariar um dinheirinho para manter, né? Suas necessidades. E eu praticamente trabalho com isso por prazer mesmo, eu gosto de trabalhar nessa época. Até quando se aproxima a gente já fica pensando, né? [...] ainda não passei um ano sem vim, sem trabalhar. Graças a Deus todo tempo eu tô de pés para trabalhar. (Entrevista realizada em 29/10/2019).*

Arquelau Pereira fala de sua relação de trabalho no cemitério, desde seus 15 anos caminhando pelo São Bonifácio, abrindo letras, pintando cruzes e túmulos, são mais de 40 anos nesta profissão. Ensinando o ofício para os mais jovens, que já demonstram interesse em aprender e mostrando uma continuidade na profissão de Biscateiro. É uma profissão exercida essencialmente no mês de outubro, reconhecida pelos curuçaenses e conhecida por sua vestimenta, utensílios e local específico de trabalho.

Com todas essas características e reconhecimento por quem faz parte da comunidade em que convive, poderíamos classificá-lo como um *Papel Social averbialmente espetacular* (BIÃO,2009), dentro das *Formas Cotidianas*. Papel Social que é reconhecido pela sociedade, que o compõe, entre convívio no espaço de trabalho e num dado período do ano, não de forma contínua, pois é circunstancial.

Os Biscateiros têm outras funções/profissões nos demais períodos do ano como estudantes, funcionários públicos aposentados, pedreiros, donas de casa... As circunstâncias de tempo, espaço, vestimenta e ações cotidianas o interligam à sociedade de forma essencial e valorosa enquanto papel social na Iluminação dos Mortos em Curuçá.

Ilustração 26 (fotografias) – Arquelau Pereira e outros biscateiros em seu trabalho no cemitério São Bonifácio.



Fonte: Autora, 2017-2019.

Em um túmulo abre as letras com os nomes dos falecidos, data de nascimento e morte, momento de concentração, de respeito aos que estão ali sepultados, mergulhado em sua homenagem aos mortos, assim trabalham os biscateiros. Com sua régua em madeira, pincéis e tintas, mais um ano de afeto pelo espaço cemiterial, simbologias sobre finitude, residência eterna e convivência num condomínio de mortos.

O cemitério é um espaço de convivência entre trabalhadores, famílias que contratam seus serviços, poder público que limpa e pinta as áreas comuns a todos e muito respeito por aqueles que residem naquele lugar, os mortos.

Os biscateiros além de trabalharem organizando o cemitério para o Dia de Finados, participam da Iluminação, fazem parte da comunidade, tem muito respeito e afeto por seus entes queridos falecidos. No dia 02 de novembro, ainda terminam algum serviço de última hora, recebem o pagamento de algo que ficou pendente, iluminam os seus e frequentam o Bosque da Igualdade para degustar as iguarias da época:

[...] é um dia especial que a gente tem muitos (trabalhos), a gente recebe nesse dia. O pessoal fazem, contratam e a gente no dia vem receber. [...] Venho iluminar meus entes queridos. Venho com a família. O pessoal vem, acende e sai, não faz pousada para ficar. Tomo uma cervejinha, uma manicuera, coisa da época, né? Porque geralmente o pessoal que vem, uma parte é para iluminar e uma parte que vem por causa da manicuera, que é tradição, né? A tradição mesmo do finados é a manicuera, se tiver uma festa dos mortos que não tenha manicuera, não tá bom! (Entrevista realizada em 29/10/2019)

A tradição da manicuera, das comidas típicas do período, o trabalho no cemitério, a diversão do reencontro entre amigos e familiares, tudo faz parte da Iluminação dos Mortos para o Seu Arquelaú Pereira.

[...] a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas imposição da repetição. (HOBSBAWN, RANGER. 1997 p. 12).

A tradição entendida por Seu Arquelaú Pereira, é uma ritualização, repetição e reafirmação durante todos os anos da venda da manicuera, dos doces, a confecção de grinalda de flores, em que todos utilizam e são repetidos pelos demais que aprendem. Assim, continuam exercendo as mesmas ações e sempre há a informação de que antes era assim.

A questão da tradição nesta tese, é compreendida como a invenção de algo que se repetirá durante anos, sendo confirmada pela vivência dos que praticam ou participam do fenômeno.

A seguir, *A Festa de Finados*, a saudade transformada em luz de velas, flores coloridas e retratos dos falecidos. A consciência da morte do outro leva sobreviventes à salvaguardar a morada do falecido, cuidando da mesma e no dia destinado às lembranças dos que se foram, é feita homenagem que demonstra a importância de quem partiu para o outro plano de convivência com aqueles que também não estão mais entre nós.

Para além dos cuidados com os mortos, há a convivência entre os vivos que se reencontram no cemitério, confraternizam-se e agradecem por mais um ano de compartilhamento de afetos no São Bonifácio, o condomínio dos mortos visitado pelos vivos.

ILUMINAÇÃO DOS MORTOS EM CURUÇÁ-PA



3 ILUMINAÇÃO DOS MORTOS EM CURUÇÁ – PA

3.1 Preparativos para a Iluminação dos Mortos

O poder público municipal de Curuçá realiza todos os anos, no período da Iluminação dos Mortos, ações para que tudo transcorra bem àqueles que vão ao cemitério São Bonifácio homenagear e lembrar seus mortos familiares. Para o ano de 2017, os preparativos tiveram início nos primeiros dias do mês de outubro com a limpeza do cemitério com capina, coleta de lixo, conserto e pintura do muro, conserto e ajustes da iluminação pública.

No Bosque da Igualdade, realizou-se a demarcação de locais para a venda de comidas e bebidas, ajustes na iluminação pública, concertos no Barracão (que durante o Folclore é o Barracão do Carimbó e na Iluminação, Barracão das Comidas Típicas), limpeza local, Banda de Música, palestra sobre o curuçaense e sua relação com a morte, e a partir daquele ano, abertura do Bosque para estacionamento.

Ilustração 27 (fotografia) – Banda Lauro Sodré fez apresentação musical na Iluminação dos Mortos 2017. No Barracão das comidas típicas, a Banda musical Lauro Sodré realiza sua apresentação para o público presente.



Fonte: Autora, 2017.

Uma das ações municipais para a Iluminação 2017, foi contratar a Banda Musical Lauro Sodré, que tocou músicas religiosas tanto no Bosque da Igualdade quanto dentro do cemitério São Bonifácio. Na lembrança de muitos curuçaenses, está a presença de bandas tocando músicas religiosas no Dia de Finados, sendo um serviço pago por famílias que queriam homenagear e proporcionar aos visitantes do túmulo familiar, um momento de reflexão e saudade. A família, com suas cadeiras e bancos ao redor do túmulo, ouvia as músicas preferidas do ente querido e assim passava um momento de acalanto diante da saudade.

Na atualidade, a Banda 16 de Agosto, formada por 7 músicos, cujos instrumentos musicais são trompete, sax, trombone, clarinetes, surdo e caixa. Está presente no cemitério São Bonifácio para tocar músicas religiosas em homenagem aos mortos. Maicon Monteiro²⁷ (25 anos), um dos músicos da banda, disse-me que os serviços prestados no cemitério, iniciaram no ano de 2019, depois que amigos decidiram homenagear um recém falecido músico da banda, ao tocar músicas religiosas diante de seu túmulo. A partir de então, famílias que ouviram a banda, contrataram-na para tocar nos túmulos de seus familiares. Para Maicon, o momento marcante em tocar na Iluminação é ver a emoção das famílias ao ouvirem músicas como Noites traiçoeiras²⁸, Meu coração é para ti²⁹, Tudo é do Pai³⁰... A partir do ano de 2019, a banda passou a ensaiar o repertório de músicas religiosas, três meses antes da Iluminação.

Outra ação realizada na Iluminação daquele ano, foi a palestra *O Curuçaense e sua Relação com a Morte*, uma reflexão sobre os ritos fúnebres dos curuçaenses. Para o meu primeiro campo de pesquisa do doutoramento, organizei-me quanto aos horários para ir ao cemitério, entrevistar trabalhadores e frequentadores da Iluminação durante o dia e a noite, contudo quem direciona, muitas vezes, o andamento da pesquisa é o próprio fenômeno investigado e tudo que o envolve naquele momento único.

Pela manhã, fui ao cemitério e logo encontrei com o Prefeito Jefferson Miranda (Tarrafa) que me fez um convite inesperado: realizar uma palestra sobre *O Curuçaense e sua Relação com a Morte* (fruto de minhas pesquisas desde o Mestrado em Artes na UFPA). Convite aceito e que mudou todo o meu planejamento de campo para aquele dia. A Secretaria Municipal de Cultura organizou os equipamentos (som, microfone, Datashow, painel para

²⁷ Entrevista com Maicon Ataíde Monteiro em 10 de novembro de 2021, realizada pela autora.

²⁸ Noites Traiçoeiras, autoria de José Carlos Papae, música inicialmente lançada como *Deus está aqui* (1986). In: <https://cidadeverde.com/noticias/183438/musico-ganha-indenizacao-de-r-10-mil-por-plagio-em-noites-traiçoeiras>. Pesquisa realizada em 10/11/2021.

²⁹ Música do padre Marcelo Rossi, Álbum *Marcelo Rossi sem limite*, 2001.

³⁰ Música de Frederico Cruz, Banda Dom. In: <https://www.lettras.mus.br/banda-dom/167012/> Pesquisa realizada em 10/11/2021.

projeção de slides e vídeo) e um apresentador para a palestra:

Ilustração 28 (fotografias) – Palestra: O curuçaense e a relação com a morte. No Bosque da Igualdade, durante a Iluminação dos Mortos em Curuçá, realizei uma palestra sobre os rituais fúnebres da tradição curuçaense para o público presente.



Fonte: Anataciara Ferreira, 2017.

A palestra abordou o cotidiano curuçaense com os funerais, Iluminação dos Mortos, rituais que se modificaram com o passar dos anos. Apresentei o mapa das localidades que realizam sepultamentos no São Bonifácio, o ano de sua fundação e o porquê da transferência do cemitério na igreja de N. Sra. do Rosário para o cemitério São Bonifácio, tema que causa polêmica por haver poucas pesquisas sobre o assunto. Discuti, de forma mais específica, os ritos fúnebres no Brasil e as características destes, reconfiguradas na Vila São João do Abade.

Apresentei um roteiro de ações gerais da Iluminação como preparação, trabalhadores, espetacularidades e minha relação com a Iluminação, que vem desde a infância. Foi um momento de troca de saberes, sorrisos, reconhecimento em fotografias e muito afeto entre o público e a etnocenóloga.

A Iluminação dos Mortos no ano de 2017 teve um afeto para o Prefeito Jefferson Miranda, por ser seu primeiro ano na gestão municipal, por ser filho do dono da primeira funerária municipal, a Armador Boa Viagem, por ter trabalhado com o pai na confecção de caixões e por ser a primeira iluminação do pai, que falecera naquele ano.

Em uma conversa descontraída naquele ano, Jefferson Miranda, contou-me que já havia trabalhado muito confeccionando caixões, que junto ao pai começava a trabalhar às 18:00 e terminava às 6 da manhã. Com os afetos misturados sobre toda a significação daquele momento em sua vida, planejou a primeira iluminação de sua gestão para atender os curuçaenses com exames de saúde, informações sobre planos funerários e a realização da palestra abordando as origens e ritos fúnebres em Curuçá. Sendo o Bosque da Igualdade e Cemitério São Bonifácio, os locais em que os curuçaenses se encontram no dia 02 de novembro.

Nos anos de 2017, 2018 e 2019, o poder público municipal realizou diversas ações no Bosque da igualdade no Dia de Finados. Em 2018 foram acrescentados os serviços de saúde: exames médicos como Glicemia, Pressão Arterial, CTA: Hepatite B, Hepatite C, Sífilis e HIV. Foi oferecido também, o transporte público para as localidades³¹ que não têm cemitério e têm seus habitantes sepultados no São Bonifácio. Por meio de todas estas ações, a assessoria pública municipal divulgou nas redes sociais, os serviços ofertados durante a Iluminação.

³¹ Habitantes da Vila São João do Abade (distante 5 km), Vila de Curuperé (distante 3 km) e Vila de Arapiranga (distante 3 km).

Ilustração 29 (fotografias) – Administração municipal e Serviços de saúde na Iluminação dos Mortos. O Prefeito Jefferson Miranda junto a profissionais de saúde municipal que realizaram exames médicos no Bosque da Igualdade durante a Iluminação.



Fonte: Autora, 2018.

A partir do ano de 2017 há uma aproximação e comunicação entre população curuçaense e o poder público municipal, revelada em suas redes sociais em que utiliza da tecnologia para tornar visível os serviços prestados à população.

A partir da primeira pesquisa de campo do doutoramento, o fenômeno da Iluminação apresentou características de um Rito Espetacular e o São Bonifácio, compreendeu-se ter nascido como um cemitério secular, passou-se então a pensar na dimensão sagrada e secular:

Rituais são, normalmente, divididos em dois tipos: o sagrado e o secular. Rituais sagrados são aqueles associados com a expressão ou a promulgação de crenças religiosas. Entende-se que esse sistema de crenças religiosas envolve o comunicar-se, orar, quando não invocar forças sobrenaturais [...]. Rituais seculares são aqueles associados com cerimônia do estado, vida diária, esporte ou qualquer outra atividade não especificamente religioso.

Mas essa divisão pura não é genuína. Muitas cerimônias oficiais governamentais assumem a qualidade de um ritual religioso, com o estado desempenhando o papel de transcendente ou outro divino [...]. Do outro lado da moeda, muitos rituais religiosos incluem atividades que são definitivamente mundanas ou não-transcendentes, como as máscaras, as brincadeiras, as bebidas e a sexualidade do Carnaval. (LIGIÉRO, 2012, p. 53 – 55).

Segundo Richard Schechner, O *Sagrado* está ligado a crenças religiosas que envolvem ou se comunicam, orar ou invocar forças sobrenaturais ou da natureza. O *Secular* está associado a cerimônias do estado, do cotidiano, não necessariamente religiosas. Contudo, há rituais em que não há uma separação total destas duas categorias, sendo assim, lanço-me em compreender a Iluminação dos Mortos em Curuçá sendo um *Rito Espetacular Sagrado Secular*.

Sagrado por envolver familiares orando, acendendo velas, visitando os túmulos, enfeitando-os, pintando-os para homenagear e lembrar do ente querido, promovendo uma confraternização entre famílias. Há uma relação comunicativa sagracional com os mortos que em sua morada é visitado, celebrado e iluminado todos os anos.

Secular através da organização econômica, social e cultural promovida pelo poder público municipal nas ações de limpeza do Bosque da Igualdade e cemitério São Bonifácio, divisão espacial para as vendas de comidas, bebidas e produtos, pintura do muro cemiterial, oferta de serviços laboratoriais e apresentações culturais com bandas de música e palestra sobre a cultura municipal.

Na Iluminação, o Sagrado e o Secular estão imbricados para homenagear os mortos. Através de espetacularidades, os curuçauenses demonstram seu pertencimento àquele território cemiterial, às relações sociais estabelecidas, ao sagrado compartilhado e aos seus mortos.

3.1.1. As *Grinaldas de Flores* na Iluminação dos Mortos

Uma lembrança que me veio em 2017, durante a disciplina *Movimento Criador do Ato Teórico*, foi eu confeccionando flores de papel crepom junto a minha avó paterna, Francisca Sales (Dona Lolim), na sala de sua casa em Icoaraci. Uma lembrança tão nítida de um momento tranquilo, afetuoso, que estava guardada como um tesouro. Minha avó enrolando o papel crepom verde-escuro no arame, que era o cabo da flor onde posteriormente seriam

coladas as folhas.

Eu desenhava, cortava e puxava a pétala no papel crepom para fazer as flores. Em tardes ensolaradas de outubro, sentadas no sofá em silêncio, confeccionávamos as grinaldas para levar aos túmulos de meus tios Raimundo e Maria Sales no Cemitério Santa Izabel II em Icoaraci, no Dia de Finados.

Sempre tive um encantamento pelas grinaldas de flores, acreditava que este era por conta das lembranças e vivências em Curuçá, contudo, também está ligado a Icoaraci e minha relação familiar paterna, está amalgamado às mulheres, mães, avós, filhas e netas. Depois do falecimento da minha avó, não tenho recordações de confeccionar as flores de papel crepom para levar ao cemitério, só minha tia Elza Sales que faz alguns trabalhos com artesanato e a pouco tempo me falou que ainda sabe confeccionar as flores e que vamos homenagear a Dona Lolim levando grinaldas de flores ao túmulo dela, algum dia.

Durante a pesquisa do doutoramento, fui desenterrando lembranças, sensações e medos escondidos, que me refizeram com mais afeto pelos meus lugares-casa que sempre estive em trânsito. Na infância: de Belém a Curuçá, na fase adulta: de Curuçá a Belém. Depois dos 18 anos, comecei a frequentar a Iluminação de Finados em Curuçá, foram momentos de encontros e reencontros.

Em 2012, durante o mestrado (PPGARTES/ICA/UFGA), conheci a Juciara Rodrigues que se destaca na confecção das Grinaldas de Flores com um material diferenciado, de ótima qualidade, durabilidade e beleza. Gosta do trabalho que faz com as flores, aprendeu a confeccioná-las com a irmã de sua sogra e, assim como eu, começou com as de papel crepom, depois com as mudanças nos processos de feitura e cursos que participou, mudou do papel crepom ao EVA³² que é mais durável, resistente à chuva e ao sol.

É um trabalho que proporciona uma renda boa neste período, sendo o material de um preço baixo, que com pouca quantidade dá para obter um lucro de até 300%. Trabalho manual muito procurado em outubro e na atualidade vende pelas redes sociais, que com a procura antecipada, às vezes, não sobram grinaldas para serem vendidas no Bosque da Igualdade.

Todo o processo para a confecção das grinaldas, foi facilitado com o material emborrachado e os moldes que ela comprou no curso que fez. As possibilidades de modelos

³² EVA, em português, é a sigla de *acetato-vinilo de etileno* que deriva do inglês: *Ethylene Vinyl Acetate*, ou etileno acetato de vinila. Essa espuma sintética é produzida a partir de seu copolímero termoplástico. De custo acessível é muito usada para artesanato, produtos infantis, material escolar e para a confecção de esteiras para absorção de impactos na prática de artes marciais e esportes. Recentemente o EVA tem ganhado usos mais diversos, por exemplo como solado para tênis. Trata-se de um material bastante flexível, apropriado para diversas finalidades, como na produção de sandálias entre outros. Informação disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Espuma_vin%C3%ADlica_acetinada. Acesso em 14 de jan. de 2020.

aumentaram, dispondo aos clientes uma variedade de modelos, cores, tamanhos e estilos que agradam em muito os que querem homenagear e embelezar o túmulo dos falecidos.

A mesma declara³³ que, como a procura é muito grande pelas grinaldas, o seu trabalho inicia um mês antes da Iluminação. O dia 02 de novembro sempre ficou reservado para a venda de seus bolos e salgados no Bosque, pagando uma taxa à organização municipal pelo uso do local e energia elétrica.

As relações de convivência e visitas ao cemitério para Juciara, tiveram início em sua infância. Durante muitos anos, sua mãe vendeu manicuera na Iluminação e junto a outras crianças, ela juntava parafina derretida, que ficava nos túmulos, para vender no dia seguinte. Com os tocos de vela, eles construíam lanternas com latas de óleo, que serviam para encontrar as mangas que caíam no fundo do quintal.

Toda a felicidade que Juciara compartilhava na Iluminação com sua família, na venda de grinaldas de flores e de seus bolos no Bosque da Igualdade, infelizmente teve uma mudança brusca. No dia 1 de janeiro de 2020 ela perdeu o marido Xavier Cardoso para uma doença misteriosa que ceifou sua vida em poucos dias, levando-o do convívio da esposa, filhos, pais, irmão e amigos:

Ilustração 30 (fotografias) – Xavier Cardoso passeou com a família e vendeu grinaldas na Iluminação. Juciara Rodrigues junto ao seu marido e os filhos, Italine e Nalbert, passearam felizes pelo Bosque da Igualdade no ano de 2017.



Fonte: Autora, 2017 e 2019.

³³ Entrevista com Juciara Rodrigues, realizada pela autora em 10 de novembro de 2021.

Juciara entrou em luto no ano de 2020, sendo aquele ano, a primeira iluminação no túmulo do Xavier. A família se reuniu no cemitério, todos vestiram as camisas em homenagem ao falecido pela missa de sétimo dia:

*Até ano passado eu fiz, né? [confeção das grinaldas] ... Tinham dez meses do falecimento dele, mas eu fiz só por encomenda. Não mandei ninguém vender pra lá, porque só me lembrava ele... Aquilo ali era a cara dele. Ele tinha todo um ritual pra venda dele... Um dia antes, ele ia verificar onde ia ficar... Já começava a colocar os pregos, os arames, já preparava o local que ele ia ficar... Fazia todo um profeto, já marcava o território, porque eram muitas vendas... Já deixava o lugar dele. Eu não sei se ainda vou continuar vendendo lá na frente... Vou fazer só por encomenda, mas eu não vou parar de fazer... Senti falta da renda extra deste ano e eu gosto de fazer...
Hoje é diferente, é mais doído... Antes a Iluminação era para as minhas vendas, tinha anos que eu nem entrava no cemitério... A partir do ano passado mudou a finalidade, foi muito dolorido... Entrei no cemitério e quando saí, fui logo embora, nem fui lá na frente, não me chamou mais a atenção...
Com certeza vai ser diferente... Antes eu vendia e ele que entrava no cemitério, ia acender velas para os parentes deles e eu não tinha isso... O meu objetivo era ir pra ali comprar comida para os meus filhos, passear... Agora não, vai ser diferente. Já é uma outra situação: tenho que entrar no cemitério... (Entrevista realizada em 10/11/2021).*

Mudou toda a relação da família que antes era a alegria das vendas, do passeio, das comidas. O Xavier era que entrava no cemitério para acender velas, depois saía para passear com a família. A partir da perda, mudou-se o foco, antes externo ao cemitério, depois interno. A relação continua de frequência somente a um lugar, antes o Bosque da Igualdade, depois somente o cemitério São Bonifácio.

A partir de 2020, as grinaldas são feitas somente por encomenda, há uma dedicação em conhecer novas técnicas para confeccionar as grinaldas mais bonitas para o falecido marido Xavier. Em nossa conversa, falou que a partir das grinaldas confeccionadas para o falecido marido, suas clientes encomendaram grinaldas com fotografias, cores do time do falecido, são grinaldas personalizadas, criadas a partir da sua experiência com o morto familiar:

*Eu já tinha conversado com ele que, cada ano eu tinha uma ideia... Para o próximo ano quero outra coisa, eu tinha outra ideia... Eu tinha pensado na foto do falecido na grinalda, com relação ao time, do Paysandu, do Remo... Já nestes dois anos, eu já transmiti nas grinaldas dele... Ano passado eu fiz a homenagem dele com a foto centralizada dele vestido com a camisa do Palmeiras, as flores verde e branco... Este ano, já foi do Remo porque ele era remista e as flores foram azuis e brancas... Eu já tenho a ideia do ano que vem para ser do Flamengo, as flores brancas e vermelhas... Uma coisa individualizada.
Esse ano as minhas clientes reclamaram muito que não encontraram as grinaldas que elas queriam... Elas me disseram que queriam homenagear os familiares com o amor sendo transmitido pelas flores e que minhas grinaldas transmitem isso... Fiz a do meu marido porque minhas filhas ajudaram.*

Eu já estou pesquisando outras formas de flores, quero mudar as flores, essas formas vêm do Paraná..., mas como agora a internet nos liga a todos os lugares, já estou com várias ideias...

Juciara é ajudada por suas clientes e pelas filhas, ela vive um momento difícil de luto, não consegue entrar no Bosque da Igualdade, um espaço de passeio de conversas de estar junto, mesmo porque a Pandemia chegou em 2020 e acabou com a aglomeração. Falou-me da ironia em conversar com o Xavier sobre suas propostas para novos estilos de grinaldas mais individualizadas, sendo que as grinaldas personalizadas começaram a ser usadas no túmulo do marido.

Ilustração 31 (fotografias) – Juciara Rodrigues e as grinaldas para o seu falecido marido. As grinaldas de flores personalizadas que combinam as cores das flores com a fotografia do morto familiar.



Fonte: Isabela Cardoso, 2020-2021.

A filha mais velha da Juciara, Isabela Cardoso, registra a cada ano a grinalda que é feita para o morto familiar. As cores, as imagens dele com a camisa do time favorito. O afeto sendo o grande condutor do trabalho com as grinaldas de flores, que a cada ano emerge de novas técnicas e ideias para homenagear os mortos familiares em Curuçá-PA.

3.1.2 *Manicuera*: Patrimônio Cultural do município de Curuçá-PA

Os preparativos para a Iluminação dos Mortos envolvem diversos curuçãenses que possuem grande afeto pelo período de lembranças de seus familiares, amigos, entes queridos que já faleceram. A organização para o Dia de Finados se inicia com a plantação da Mandiocaba que é considerada como pertencente a uma nova classe de mandioca devido ao alto teor de açúcar livre. Os irmãos Villas Bôas, em 1989, consideram a distinção feita pelos índios Kayabí de três grupos de mandioca: brava (Manióp-veté), mansa (Manióp-ataatá) e doce (Maniaacáp).³⁴ para a feitura da Manicuera³⁵, a bebida típica deste período, vendida no Bosque da Igualdade³⁶ de 30 de outubro a 02 de novembro.

Uma atividade que envolve vários processos de produção: da plantação à bebida a ser vendida. A vendedora de manicuera Ana Sêrgia Rocha nos fala sobre a divisão de tarefas para obter a bebida típica:

É um trabalho que envolve várias famílias. Várias pessoas, né? Assim como pra plantar, pra arrancar, pra fazer, pra tudo, né? [...] Trabalho assim pra homem e pra mulher, né? O homem é mais na plantação. São mais os homens que plantam. As mulheres fazem e vendem. E outras que só vendem. Outros não têm paciência de fazer, vendem em saca. (Entrevista realizada em 31/10/2019).

O processo para feitura da bebida envolve várias famílias, seja para plantar e arrancar a mandiocaba, seja para fazer a manicuera. Na sua maioria, homens plantam e arrancam (colhem) a mandiocaba, as mulheres preparam a bebida. A plantação é feita em dezembro, período de clima bom para plantação com incidência de chuvas.

A mandiocaba é arrancada no final do mês de outubro pelos responsáveis da plantação, devidamente protegidos da incidência do sol, com seus chapéus, camisas que cobrem grande parte dos braços, botas e também utilizando equipamentos como enxadecos e terçados:

³⁴ Disponível em: <http://portalparamazonia.blogspot.com.br/2016/04/mandiocaba-um-tipo-demandioca.html>.

³⁵ Bebida peculiar da microrregião paraense do Salgado (parte do Pará banhada pelo Oceano Atlântico, cujas águas se misturam às dos rios), em tempos idos pontificava, soberana, nas festividades dos santos padroeiros de cada município, sendo altamente procurada pelos nativos tanto quanto pelas “pessoas de fora” que, ao experimentarem pela primeira vez, encantavam-se com o sabor exótico e característico. Disponível em: <http://portalparamazonia.blogspot.com.br/2016/04/mandiocaba-um-tipo-de-mandioca.html>.

³⁶ Bosque do centro da cidade que recebe este nome por estar localizado em frente ao Cemitério São Bonifácio, sendo um campo santo onde todos são iguais.

Ilustração 32 (screenshots) – Colheita da mandiocaba.



Fonte: Screenshots de filmagem realizada pela autora, 2017.

A planta exposta da mandiocaba é cortada a terçado, com o enxadeco é retirada a terra que cobre as várias mandiocabas que se desenvolvem em uma única planta. Em seguida, são retiradas uma a uma para serem armazenadas em sacas para a venda.

O comprador negocia o horário da compra, neste mesmo dia será feita a colheita para que o produto não fique exposto e apodreça, pois a mandiocaba é muito perecível depois de arrancada. A bebida feita da mandiocaba tem a duração de até um dia e meio fora da geladeira, depois vira um tacacá³⁷, uma goma lisa. Congelada dura até 4 dias.

³⁷ Tacacá é uma comida típica da Região Amazônica de origem indígena. É muito apreciado em várias localidades da região Norte do Brasil Preparado com um caldo amarelado, chamado tucupi. Coloca-se esse caldo

Ilustração 33 (screenshots) – Equipamento caseiro para moer mandiocaba. Partes de uma bicicleta foram utilizadas para construir um sevidor de mandiocaba e garantir a produção da manicuera. Familiares da Ana Sérgio participam da produção da bebida.



Fonte: Screenshots de filmagem realizada pela autora, 2017.

A partir da compra das mandiocabas, inicia-se o processo de feitura da manicuera. A mandiocaba é lavada, ralada, retirado o sumo que será fervido por 6h, que depois de frio é levado à geladeira. Na finalização do processo, à bebida é acrescido arroz novo³⁸ cozido.

Para o preparo, a família da Ana Sérgio construiu um sevidor com peças de uma bicicleta (quadro, pedais, corrente e aro), um quadrado de madeira e um ralador. Assim,

por cima da goma de mandioca, também servida com jambu (erva amazônica que provoca uma dormência na boca) e camarão seco. Serve-se muito quente, temperado com pimenta, em cuias. O tucupi e a goma são resultados da massa ralada da mandioca que, depois de prensada para fazer farinha, resulta num líquido leitoso-amarelado. Após deixado em repouso, a goma fica depositada no fundo do recipiente e o tucupi na sua parte superior. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tacac%C3%A1>, acesso em 03 de jan. 2020).

³⁸ Arroz roxo: muito apreciado em mingaus servidos em períodos de festas juninas, Festival do Folclore, Círio de NSra do Rosário e na Iluminação é servido na manicuera.

coloca-se a mandiocaba no seador para obter uma massa ralada que em seguida será retirado o sumo para ser fervido por 6 horas.

A manicuera da Ana Sérgio envolve toda sua família, os filhos e as noras lavam e cortam a mandiocaba para colocar no seador. Os filhos se revezam em pedalar o equipamento para movimentar o ralador onde são passadas as mandiocabas, sendo raladas e a massa coletada em um balde para que, posteriormente, seja espremida e retirado o sumo (tucupi).

Processo de feitura que começa pela manhã com a compra da mandiocaba, à tarde é lavada, ralada, retirado o sumo e levado ao fogo. É fervido durante à noite e levado à geladeira durante a madrugada para que, na manhã seguinte seja vendida.

A Ana Sérgio é a primeira a chegar ao Bosque para vender sua manicuera que é apreciada por muitos, que sabem quando e onde encontrá-la para degustar uma bebida que deixa um ano de saudade.

Na venda, ela é acompanhada por seu neto mais velho, o João Vitor (22 anos) que leva a panela grande com manicuera, a macaxeira cozida, a cuia em que será servida, colheres, mesa e cadeiras:

Ilustração 34 (fotografias) – Ana Sérgio vendendo manicuera no Bosque da Igualdade. Apreciadores da manicuera consomem a bebida no bosque da Igualdade.



Ana Sérgio aos 57 anos sorri e oferece a manicuera que está pronta para ser degustada, quebrando uma espera de 1 ano para aqueles que apreciam a bebida típica da Iluminação dos Mortos. No Bosque da Igualdade, vende para seus clientes que já aguardam a chegada da bebida, para os trabalhadores do cemitério ou aqueles que estão organizando os túmulos de seus parentes.

No ano de 2019, o processo de feitura da bebida passou à filha mais velha e Ana somente ficou com a venda:

Não participei para cozinhar, este ano não. Só pra vender. Por causa da minha saúde. Já passei a feitura pra minha filha. Como ela diz: "Mãe, só pra fazer. Pra vender, vou lhe ajudar só no último dia". Ela não quer vir, mas também é cansativo, né? Só pra trazer de lá, deixar pra mim aqui (Bosque da Igualdade), voltar pra lá, lavar, sevar, pra botar no fogo. É um processo cansativo, né? Ai ela já prefere fazer e eu vir vender, né? Ainda não é tão cansativo pra mim, porque eu fico uma parte sentada, depois eu levanto. (Entrevista realizada em 31/10/2019).

A venda de manicuera realizada pela Ana Sérgio acontece há 21 anos e não pretende parar sua venda tão cedo. Passou o preparo e o segredo do ponto da manicuera – que está nas cores do cozimento que passa de amarelo (tucupi) para verde, até chegar à cor marrom – para a filha mais velha e afirma não ter certeza se seus filhos continuarão a venda após sua morte.

Com o passar do tempo as mães já vão passando a atividade de feitura da manicuera para as filhas, aos homens cabe o trabalho de plantação, transporte da mandioca e da manicuera. São gerações de mulheres que passam a função e segredos do preparo para suas filhas, que sua produção é reconhecida pela qualidade apresentada, representando a preservação de um patrimônio, que segundo Socorro Ruivo (2010) é Patrimônio Cultural do Município de Curuçá, transmitido entre gerações, sendo recriado pela comunidade em função de seu ambiente, interação e história, gerando sentimento de identidade e pertencimento.

A Manicuera é uma bebida adocicada, apreciada por muitos que frequentam o Bosque da Igualdade, cujo consumo remonta aos primórdios da formação do município e degustada ao longo do tempo nos eventos sociais e culturais locais, entretanto, na contemporaneidade, passou a ser bebida típica encontrada somente na Iluminação dos Mortos.

Um conhecimento tradicional que perdeu espaço em eventos sociais como o Festival do Folclore³⁹ e o consumo entre os jovens, que não conhecem o processo de preparo da bebida, não visualizam seu consumo em outros períodos e eventos sociais da cidade. Contudo a bebida está viva na lembrança dos que viveram o período do auge da Manicuera como

³⁹ Evento cultural curuçaense promovido pela Prefeitura Municipal desde o ano de 1977. Acontece no terceiro final de semana do mês de julho.

elemento presente no encontro entre amigos e reencontros na Iluminação dos Mortos no Município de Curuçá.

3.1.3 *Doce de Tapioca*: técnica e possibilidade de extinção

No ano de 2017 conversei com Celina Palheta (68 anos), a vendedora de Doce de Tapioca, iguaria muito apreciada no Dia de Finados no Bosque da Igualdade. Doce típico desse período, em que tem toda a produção no mês de outubro e vendida rapidamente durante a noite da Iluminação.

Para fazer o doce, o processo exige paciência e muita técnica para atingir o ponto para ser assado, embalado e vendido. Para fazer o *doce de tapioca* ou *Beijo de moça*, Dona Celina utiliza os seguintes ingredientes: tapioca (goma), açúcar, canela, erva doce e água. Para o *doce de coco*: coco ralado, açúcar, erva doce e água:

Ilustração 35 (fotografia) – Dona Celina Palheta quando ainda fazia os doces da Iluminação. Dona Celina e sua produção de doces para serem vendidos no Bosque da Igualdade.



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

A técnica para conseguir o ponto do doce de tapioca é a prática em fazer, não é somente pegar a receita e fazer, tem que experimentar até conseguir perceber o ponto para o doce sair bem leve. Muitos pegam a receita com a Dona Celina, mas como ela mesmo diz,

precisa-se praticar, bem como qualquer trabalho manual, além do material e modo de fazer, precisa da experiência em fazer.

A doceira trabalha desde o ano de 2009 com a venda dos doces que eram feitos não só no período da Iluminação, mas também durante o ano, ela vendia próximo a sua casa. Nesta entrevista, eram somente duas doceiras que faziam os doces da Iluminação, em 2018, só ficou a outra doceira. Dona Celina parou de fazer os doces no ano de 2017 por problemas de saúde.

Muitas atividades manuais foram extintas por não terem quem aprendesse ou quem se interessasse em aprender. Dona Celina Palheta, em 2021, aos 72 anos não produz mais o doce e nenhuma das filhas aprendeu a técnica do ponto do doce. Sua última produção foi no ano de 2017, o que tem surgido muita procura em sua casa pelos doces e deixado Dona Celina triste por não poder mais fazer o que tanto gosta. Contudo, há uma promessa de sua filha mais velha, Nara Ferreira (48 anos) e sua nora Silvana Negrão (49 anos) treinarem a feitura do doce para seguir o que a mãe fazia e não ocorrer a extinção do doce tradicional da Iluminação.

No ano de 2021, só quem fez os doces foi a Dona Marta Borges (56 anos), sua produção foi pouca para tanta procura pelos doces que nem chegaram a ser vendidos no Bosque da Igualdade:

Vendo beijo de moça e cocada... Quando eu faço, eu gosto de fazer bastante, duas vezes, porque é bastante procurado... Tem que ter bastante coco... o doce bem embalado, dura até 3 meses... Não faço para esperar o cliente, porque tem gente que gosta bem novinho, fresquinho...

Faço os doces por encomenda, se eu tiver os ingredientes... Desde 2006 faço os doces sozinha... Das filhas da minha avó, só duas sabiam fazer... O resto não se interessou em aprender... Daí elas diziam: Ah a mamãe fazia os doces, agora ela foi embora e nós não aprendemos a fazer... Eu até não queria fazer, mas daí a mamãe quis deixar de herança pra mim, né? [risos]... Tem só mais uma senhora idosa que faz os doces na Iluminação, é a Dona Maria... Tem uma no São Pedro... Cada vez mais vai diminuindo... (BORGES, 10/11/2021).

Dona Marta fala das doceiras que a cada ano diminuem, que além dela, ainda há duas senhoras, uma no centro de Curuçá, outra na Vila de São Pedro. Uma das causas para os doces não serem mais feitos, é que se está perdendo o interesse em aprender a técnica da feitura:

É um pouco difícil, né? Porque tem que pegar o ponto da calda, né? Mas se a pessoa se interessar, aprende... Só eu que faço, só eu que enrolo, fica cansativo... pra untar a forma, pra colocar no forno, tudo bem, elas [as filhas] ajudam, mas para amassar, não sabem... Tem que pegar a prática de fazer...

Esse ponto que pega... Aí não se interessam pra aprender... Igual o meu caso... Eu dizia: Ah mamãe, eu não vou dá conta!... Vai sim... Nessa época, foram 30 cocos que ela ralou... Ela acordava cedo, quando era muito, assava de duas vezes... dizia: _ah eu não vou dá conta, vai me dando uma fraqueza, um calor... Eu é que não vou [respondia à mãe] ... fica aqui me ajudando, coloca açúcar e mexe, mexe,

mexe...Agora coloca mais tapioca e vai amassando, que quando tiver no ponto eu te digo, bora enrolar... Daí foi! Da outra vez, ela disse: é bom tu ir fazendo de pouco que da outra vez tu já sabe [risos]... Daí mandou fazer de 3 cocos, fui fazendo... Não tenho nada copiado, só de mente mesmo... Vou jogando à granel e vou amassando, amassando, até dá o ponto...

Era a minha avó que fazia, a minha mãe, tinha umas vizinhas, Dona Maria Soares... Aí elas vendiam nessa época de Iluminação... vendiam a gengibirra, manicuera, mingau de milho branco, Nescau... Começava a venda a semana todinha... A mamãe gostava de fazer para vender no dia mesmo, eu ia lá só para ajudar nas vendas... Não gostava de fazer, por causa que dá muito trabalho, mas daí eu fiquei com a herança [risos] E não era aqui perto do cemitério, era bem lá, rente ao muro, não tinha o palco... Agora não, está quase dentro do cemitério... Tão pra ir lá pra dentro do cemitério [risos]

Eu vendo mais em casa, o pessoal gosta mais do beijo de moça e, quando sobra é a cocada que eu vou vender lá pro bosque, lá pra frente... Esse ano, eu vendi tudo em casa, nem chegou para vender lá na frente...

Assim como o relato da Dona Celina sobre a dificuldade de aprender a fazer o doce, é o ponto para a massa ficar pronta, Dona Marta também esclarece que pelo trabalho que dá a feitura e o quanto é difícil saber o ponto do doce, ela também não queria aprender.

É uma prática passada por gerações, vindo da avó que ensinou para duas filhas e a mãe que ensinou para a filha e o cunhado, não sendo um ofício exclusivo de mulheres. Ela deu a receita dos doces, mas como diz: *tem que aprender fazendo, aprendendo o ponto na prática:*

Ilustração 36 (imagem) – Receita da cocada, beijo de moça ou doce de tapioca



Além da feitura dos doces representar uma renda para a família, é também afeto, lembranças e orgulho em saber que aquela prática foi herdada. Seus doces estão relacionados às lembranças com a Iluminação, sendo o ato de iluminar uma ligação com os antepassados, esperança de um lugar para o descanso eterno e que seus filhos acenderão velas em sua homenagem:

Eu ilumino o meu pai, minha mãe, minha avó, tio... Acendo velas, zelo pelo túmulo... Vou lá e fico pensando que se a mamãe estivesse viva, a gente ainda tava conversando [risos]... Fico triste, fico conversando com os visitantes do túmulo... Na sexta-feira eu fui lá ver o túmulo... estava só mato, tirei as flores velhas e quando voltei pra casa, briguei com o meu filho: _não te disse que não tinham pintado, seu saliente! Ah meu filho, temos que fazer a nossa parte... Quando a gente cuida e acende uma vela, abre uma luz pra eles. Eu estava até dizendo pra eles [filhos] que temos que zelar por lá [túmulo familiar] porque não tem mais nem espaço... Tem que fazer mais aqui e fazer gavetas, senão a gente vai pra onde? [risos]... Espero que eles acendam velas pra mim... No tempo da mamãe, todo dia 02 era reservado: _ vai comprar peixe que teu tio vai chegar... era reservada aquela comida pra ele... Se abraçavam, diziam que tinham que vir mais vezes..., mas quando!

A Iluminação é o momento de reunião da família curuçaense, mais que no círio de N. Sra. do Rosário ou o Natal. As relações familiares se intensificam neste período, quanto aos cuidados em receber os familiares que chegam de outras cidades e com os túmulos dos seus entes queridos. É uma tristeza quando se chega ao cemitério e encontra o túmulo do familiar, sujo, abandonado, cheio de mato, pensa-se no abandono e tristeza que o falecido deve estar sentindo em não ter seu espaço preservado e sem velas acesas.

As relações de afeto estabelecidas em lembranças felizes dos entes queridos se projetam nos doces beijo de moça e cocada que desaparecem da Iluminação a cada ano, não pela falta de clientes para comprar, pois a procura é grande, mas pelo ofício não ter mais quem queira aprender, por saberem que fazer o doce dá trabalho e é de difícil entendimento sobre o ponto da massa. Espero que para a próxima Iluminação este cenário tenha mudado e assim, possamos degustar o sabor do coco, tapioca e canela.

Através dos relatos de Dona Marta Borges e Celina Palheta sobre poucas doceiras produzirem o doce de tapioca e cocada no período da Iluminação. Pensa-se na extinção desta atividade, pois não há interessados em aprender o ponto do doce que demanda tempo e força para fazer.

Ilustração 37 (fotografia) – Dona Marta e Beatriz venderam doces de tapioca e cocada no Bosque da Igualdade.



Fonte: Autora, 2019

A cada Iluminação dos Mortos em Curuçá, o doce desaparece do Bosque da Igualdade, sendo feito mais por encomenda ou então não chega ao Bosque para a venda, pela quantidade de doces ser desproporcional ao número de procura. Os doces estão desaparecendo da Iluminação e corre o risco de ser extinto assim como foram gengibirra, o Nescau e o mingau de milho, que esteve presente nas Iluminações durante a infância de Dona Marta Borges.

3.2 Festa de Finados: espetacularidades e afeto

O ato de se vestir ou ser vestido, passear no cemitério, reunir-se ao redor do moribundo, do morto ou de seu túmulo, comer, reencontrar amigos e parentes em funerais ou no Dia de Finados, vem de tempos remotos da humanidade. Quando se recebia o aviso da morte, seja pelo anúncio de uma doença, seja através de sonhos ou de ferimentos graves, o moribundo organizava seu funeral.

Através de testamentos escritos ou orais diante da família, era possível definir que roupa deveria vestir, que comidas deveriam ser servidas no velório, quem ficaria com os bens... Segundo Philippe Ariès (2012, p. 39) “a morte é uma cerimônia pública e organizada. Organizada pelo próprio moribundo, que a preside e conhece o seu protocolo”. O moribundo era o anfitrião de seu velório, recebia os amigos e parentes para se despedirem, o padre para dar-lhe a Extrema Unção e assim entrar no Reino do Céu junto ao Divino.

Em *A Morte é uma Festa, ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, João José Reis (1991) discorre que os primeiros cuidados com a visualidade em funerais eram feitos com o cadáver, preparando-o para o velório. Um ritual que significava o momento de preparação para reencontrar os ancestrais, tanto na cultura Nagô quanto Iorubá que permaneceu na Bahia. Quanto que para o seu último encontro com os vivos, deveriam estar limpos, cheirosos e bonitos.

Profissionais eram contratados para banhar, barbear, cortar os cabelos, maquiagem, perfumar e vestir o morto. Somente pessoas preparadas para este momento deveriam ser contratadas:

Carecia serem mulheres e homens probos, honestos, especialistas na arte. Pessoas que se fizessem ouvir e atender pelo morto, a quem chamavam pelo nome, instruindo-o: “dobre o braço fulano, levante a perna, deixe ver o pé [...] Fulano, feche os olhos para o mundo e abra-os para Deus” (REIS, 1991, p. 115).

Seriam homens e mulheres sensíveis aos cuidados com o morto, pessoas responsáveis para se fazerem ouvir por aquele que está ali no seu último momento. A preparação do corpo para o velório é singular e especial para os familiares, que confiaram neste profissional e que não haja desrespeito, o crime de vilipêndio⁴⁰ contra o cadáver.

Muitos são vestidos de acordo com seus pedidos, seja com uma roupa específica que já foi separada, lavada, passada e perfumada pelo próprio dono. Seja pela família que quer o morto bem apresentável com roupas que representam suas profissões, sua elegância, alegria em elementos que faziam parte de seu cotidiano como chapéus, camisas de times de futebol, joias, maquiagem, coroas de flores, terços...

Antigamente, o profissional especialista em vestir os mortos era *o alfaiate*, que

⁴⁰ É o ato de vilipendiar, sinônimo de desrespeitar, ultrajar, menosprezar, sendo admitido através de qualquer meio de execução (palavras, gestos, escritos). O Código Penal tipifica o crime de vilipêndio público de ato ou objeto de culto religioso, sendo necessário que a conduta recaia sobre ato religioso ou sobre objeto de culto religioso e que ocorra em público; e também o crime de vilipêndio a cadáver, sendo necessário que o ato seja praticado na presença do cadáver ou de suas cinzas, com a específica intenção de ultrajar o cadáver e de que seu gesto seja visto por testemunhas, hipóteses em que o crime normalmente é praticado no próprio velório ou enterro. Fundamentação: Artigos 208 e 212 do Código Penal. Em: <https://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/1312/Vilipendio>. (Pesquisa realizada em 23 de dez. 2019).

conhecia as medidas e confeccionava roupas específicas para aquele corpo. Assim como também, recebiam por esse serviço *os armadores*⁴¹, responsáveis por decorar o espaço dos velórios e as igrejas para os funerais.

Nos velórios, as comidas e bebidas tinham a função de confraternizar com quem comparecia e não deixava a família sozinha na companhia do morto. Segundo Reis (1991), costume que herdamos de Portugal e da África para que o defunto não ficasse só e assim não haver aproximação de espíritos maus para levá-lo. Momento íntimo de estar junto, comer e beber juntos, solidarizando-se com a família enlutada.

“Beber o morto” era uma prática genuinamente de origem africana, mas especificamente advinda dos escravos bantos vindo na África Ocidental e Central. Entre os povos bantos, por exemplo, quando morria alguém da comunidade as pessoas tomavam o marufo, uma bebida alcoólica feita a partir da fermentação da seiva de uma palmeira, típica de Angola. Essa prática espalhou-se por todo o Brasil do litoral ao interior, cuja bebida tradicional passou a ser a cachaça. “Beber o morto” era também uma parte importante do gurufim, ritual de forte influência da cultura africana, descrito pelo folclorista Edson Carneiro (1972) como uma brincadeira que acontecia nas favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo durante a guarda do morto. O gurufim era uma alternativa para comunidades pobres prestarem a última homenagem ao ente querido. Como os parentes do falecido não tinham dinheiro para alugar as capelas dos ricos, optavam por velar o corpo na própria sala de jantar (Carneiro, 1972). E assim, com intervalos de rodadas de pinga, cerveja e café, alguns salgados ou sanduíches, os moradores das favelas cariocas e paulistas distraíam o velório de amigos e conhecidos. (BONOMO, 2018, p. 449)

Momento íntimo de estar junto, comer e beber juntos, solidarizando-se com a família enlutada. Assim, as comensalidades e o consumos de bebidas ajudavam a família a passar a noite com o defunto. Vestimentas na cor preta eram utilizadas pela família do morto, demonstrando-se assim o luto que além das roupas era compartilhado em atitudes e rituais que poderiam ajudar na agregação do falecido ao mundo dos mortos.

A discussão sobre os ritos funerários que diferem de idade, sexo, culturas e que apresentam diversas variações, aparece por exemplo na obra *Os Ritos de Passagem*, de Arnold Van Gennep (2011). São ritos de *Separação*, bastante diversificados e que aparecem nas culturas com grande importância. Os ritos de *Margem e Agregação* do morto ao Mundo dos Mortos, com menos variação. Para os ritos de Separação em nossa sociedade, a família enlutada organiza o velório com os símbolos referentes à religião do morto, com paramentos católicos (bandeira fúnebre, cruz com Cristo e velas), evangélicos (local para a bíblia ficar aberta) ou de outras religiões. Após o velório com rezas, orações, encomenda da alma por um

⁴¹ Armador Funerário: 1. indivíduo que decora as igrejas, câmaras mortuárias, etc. 2. pessoa ou empresa cuja atividade se baseia na realização de funerais; agência funerária; agente funerário. Em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/armador>. (pesquisa realizada em 23 de dez. 2019).

padre... Segue o cortejo fúnebre para o sepultamento ou cremação do corpo:

Durante o luto os vivos e o morto constituem uma sociedade especial, situada entre o mundo dos vivos, de um lado, e o mundo dos mortos, do outro, da qual os vivos saem mais ou menos rapidamente conforme fossem mais estreitamente aparentados do morto. [...] Durante o luto a vida social fica suspensa para todos quanto são atingidos por ele e por um tempo um tanto maior: 1º) quanto o vínculo social com o morto é mais estreito (viúvos, parentes); 2º) quanto mais era elevada a situação social do morto. Se era um chefe a suspensão atinge a sociedade inteira. (GENNEP, 2011, p. 129).

Nos ritos de Margem, a família enlutada e o morto estão em trânsito, no limiar ente o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. O velório, o sepultamento e os 7 dias de orações ajudam o morto em sua caminhada para sua nova morada, sendo ao final deste período, agregado ao Mundo dos Mortos e os vivos reintegrados à sociedade. Para os vivos é uma forma de compreensão e aceitação da mudança do parente a falecido, não mais pertencente à mesma sociedade. Há uma suspensão social da família e do morto, sendo que, dependendo do grau de parentesco, o luto pode demorar a terminar e se for um chefe, a sociedade também fica em luto.

O luto não era apenas demonstração de dor, sendo, também, expressão de status. Quanto mais alta era a situação do falecido na hierarquia social maior e mais abrangente deveria ser a demonstração de luto, que servia tanto para expressar o sentido familiar perante a perda como para criar um mecanismo de proteção familiar contra o retorno da alma. Era como se, ao ser lamentado o falecido, sua alma tivesse seu trânsito bloqueado em relação ao mundo dos vivos.

Ainda hoje a expressão mais notória de luto diz respeito ao uso do preto, embora nem sempre tenha sido assim, uma vez que apenas a partir do século XVI em Portugal o preto substituiu o branco como cor de luto, tendo sempre prevalecido como tal no Brasil [...] (SOUSA, 2020, p. 58-59)

São ritos necessários para que o morto seja integrando ao seu novo mundo, o que não acontecerá a crianças não batizadas ou que não receberam nome, pois estas ficariam no *Limbo*, um lugar à margem:

Se a expressão do luto é hoje relativamente homogênea, havia, até as primeiras décadas do século XX, diferentes formas de luto que variavam principalmente no que dizia respeito às crianças em relação às moças que morriam ainda virgens. E no caso das crianças, transformadas em anjinhos, o que seria luto ganhava, com frequência um sentido inequivocamente festivo.

O pagão, ou seja, a criança que morreu sem batismo, não tinha direito ao céu, mas também não ia para o inferno, reaparecendo nas estradas, pátios, encruzilhadas, lamentando a sua situação. Permanecia entre os vivos sem ser um deles e por isso era respeitado e dotado de especiais poderes de bênção e proteção, tendo poder, por exemplo sobre os raios e sobre a chuva. E ainda tudo o que foi seu ganhava poder de amuleto e poderia ser usado neste sentido. (SOUSA, 2020, p. 60)

São tantas formas de lidar com o luto que a partir da concretização da morte, têm-se

significados e crenças que acompanham gerações em cada lugar, construindo relações de medos, lamentos e prisões para aqueles que acreditam em fazer algo para afastar o morto familiar de si. Famílias mais abastadas do século XIX passavam pelos ritos de separação realizando grandes cortejos fúnebres públicos à noite para homenagear, exibir toda pompa e prestígio do morto, o que ia além da intenção de agregá-lo à sua nova morada:

[...] o espetáculo fúnebre realmente distraía o participante da dor, ao mesmo tempo que chamava o espectador para participar da dor. Reunidos solidários para despachar o morto, os vivos recuperam algo de equilíbrio perdido com a visita da morte, afirmando a continuidade da vida. (REIS, 1991, p. 138).

O espetáculo fúnebre estava na rua em cortejo, seguido da Cruz da Fábrica, religiosos, familiares, amigos, escravos... Os caixões levados em carruagens, seguidos de tochas para iluminar os caminhos e o badalar dos sinos das igrejas. Cortejo que distraía e convidava a todos para prestigiarem e compartilharem da dor de seus familiares. Momentos que todos em comunidade se despediam de alguém, sendo os parentes mais próximos a realizarem os últimos desejos do morto, em um ato de solidariedade.

Em *Vestuário e Comportamento de Luto no Brasil Oitocentista*, Juliana Schmitt (2017) nos esclarece que a vestimenta do luto externaliza o sofrimento e enaltece a memória do morto familiar. É uma aparência diferenciada do dia a dia na sociedade, tornando-se símbolo de exclusão causada pela tristeza sentida, o que se tornou norma de civilidade. A cor que predominou no Ocidente foi a preta e os tons escuros, o que se tornou Moda através de publicações que atingiu não só as elites, quanto a classe média:

A moda, transformada em assunto popular, especialmente devido à intensa industrialização de tecidos do período, influenciava até mesmo o luto. Este se torna misto de status social (pois era necessário adquirir toilettes completas, preferencialmente nos estilos e silhuetas em alta, ou mesmo, em uma opção mais barata, tingir de preto várias peças de roupa para cumpri-lo), civilidade (pois pressupunha o conhecimento sobre o que era ou não apropriado, dominar a etiqueta, equilibrar o decoro com a ostentação na imagem pessoal) e virtude (pois honrava a memória do morto enquanto isolava o vivo). (SCHMITT, 2017, p. 4).

A vestimenta de luto no século XIX exigia uma compostura e regras para cumpri-la, existiam vários significados para aquela sociedade brasileira que seguia à moda de Portugal e Paris, demonstrando status social, civilidade e virtude. A revista que influenciou a Moda do luto à época foi *A Estação: Jornal Ilustrado para a Família* (que circulou no Rio de Janeiro, de 1879 a 1904) que sugeria também o uso de acessórios para o luto completo e adequado. Havia também a *Mme. M. H. Collet* que produzia chapéus e a *Casa das Fazendas Pretas*, especialista em tecidos e confecção expressa de trajes (SCHMITT, 2017, p. 8-9).

A moda do luto no Brasil que seguia regras de estilo à época Pombalina, produziu a imagem de um Brasil europeizado até mesmo no luto. Podemos notar a grande importância do vestir neste momento de perda de um familiar, o que nos faz pensar na roupa, seus significados e a consciência de que a vestimenta será observada para cada ocasião, que misturada ao estilo pessoal e cultural, permite identificações. O que é observado nas sociedades que criam, recriam ou utilizam regras enraizadas em suas tradições criadas para a ritualização funerária ou ritos espetaculares adjetivos que englobam cerimônias sazonais como a Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA.

Também seriam objetos de interesse da etnocologia o que denominei de ritos espetaculares, ou, dito de outra forma, aqueles fenômenos apenas adjetivamente espetaculares... É o campo dos rituais religiosos e políticos, dos festejos públicos, enfim dos ritos representativos, na terminologia de Émile Durkheim. Nesse grupo de objetos, se espetacular seria uma qualidade complementar, imprescindível decerto para a sua conformação, mas não substantivamente essencial. (BIÃO, 2007, p. 27)

A Iluminação dos Mortos em Curuçá é um *Rito Espetacular*, classificação esta dentro das Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados (PCHEO) da Etnocologia, compreendida como uma *prática espetacular adjetiva*, dentro dos “[...] rituais religiosos, festas, cerimônias periódicas, cíclicas e sazonais [...]” (BIÃO, 2009, p. 94).

Rito Espetacular em que há Teatralidade na sua preparação, organização e que no dia da Iluminação há a *Espetacularidade* “Quando o sujeito toma consciência clara, reflexiva, do olhar do outro e de seu próprio olhar alertar para apreciar a alteridade” (BIÃO, 2009, p. 93). Espetacularidades em passear pelo cemitério com a roupa escolhida especialmente para esta ocasião, participar do momento festivo de estar junto a amigos e familiares no Bosque da Igualdade para consumir os alimentos típicos do período de finados. Energia pulsante em demonstrar o quanto o praticante da Iluminação dos Mortos é pertencente ao universo simbólico a que está inserido entre vivos e entes queridos falecidos que permanecem vivos em suas memórias e nas ações anuais para a preservação da tradição.

Há nomenclaturas dadas pelos próprios praticantes da Iluminação como: *Manicuera*, *grinalda de flores*, *biscateiros* e *vizinhos de sepultura*, termos próprios da cultura praticada, pois é preferível utilizar o termo dado pelo próprio praticante, brincante da arte, prática, evento (BIÃO, 2007, p. 48).

Ilustração 38 (fotografias) – A Iluminação dos Mortos com as homenagens dos familiares. Praticantes da iluminação enfeitam os túmulos com grinaldas de flores, acendem velas e rezam para os antepassados.



Fonte: Autora., 2017-2019.

Familiares enlutados se preparam para o momento de homenagens, na preparação estrutural do túmulo, seja levando velas, flores e tendo o maior número de parentes e amigos nos túmulos, visitando-os durante o dia todo, demonstrando afeto pelo morto familiar tanto quanto, o status da família enlutada.

O Cemitério São Bonifácio é um lugar de lembranças e tem um dia especial para que

as famílias curuçaenses possam homenagear seus mortos, rever parentes e amigos. No dia dois de novembro, o cemitério é frequentado o dia inteiro, pela manhã são idosos e parentes que moram em outros municípios e à noite tendo o seu maior fluxo de jovens e adultos. O campo santo está limpo, túmulos pintados, grinaldas de flores e velas acesas.

Em frente ao cemitério, há venda de Manicuera, lanches, grinaldas de flores, comidas típicas paraenses, frutas, velas, evangélicos com seus estandes oferecendo mensagens sobre a finitude e vida eterna... É um tempo de forte incidência solar, então os visitantes chegam com chapéus ou sombrinhas, roupas leves (bermudas, camisetas), chinelos e cadeiras para ficarem sentados enquanto rezam e acendem as velas.

O ato de acender a vela é muito importante e significativo em iluminar os finados para que estes alcancem seu caminho até a eternidade. Tradição cristã em sepultar seus mortos, pois do pó vieste, ao pó voltarás! A vela é acesa para ajuda o morto familiar a chegar ao seu descanso eterno.

Religiosos estão presentes no cemitério São Bonifácio durante a Iluminação. Em frente ao cemitério, Testemunhas de Jeová distribuem panfletos sobre finitude e o porquê de não estarem no cemitério iluminando os mortos: por acreditarem que os mortos não estão na escuridão e que a realização de orações e visitas aos túmulos em nada ajuda na salvação do falecido, a sua salvação dependo do que foi feito em vida.

Ilustração 39 (fotografias) – Religiosos na Iluminação: Testemunhas de Jeová com seu estande de revistas que abordam a finitude humana e o cuidado espiritual em vida. Freiras realizam orações dentro do cemitério próximo a fiéis católicos.



Fonte: Autora, 2018.

As freiras entram no cemitério realizam orações, levam caixas de som, um equipamento como bicicleta-som, colocam hinos para tocarem no campo santo, cantam e professam palavras cristãs para os que estão ali participando da Iluminação e querem ter esse momento religioso.

À noite chega e o cemitério vai ficando cheio para as visitas e homenagens aos finados. Famílias se reúnem ao redor de túmulos para acender velas, deixar as grinaldas de flores, conversar, reencontrar os parentes que chegam para visita à morada do falecido. Idosos levam cadeiras para se sentarem enquanto reencontram os visitantes.

Uma figura interessante é o *vizinho de sepultura* (o finado sepultado ao lado), quem vem visitá-lo reencontra os visitantes vizinhos. Neste momento é comum ouvir-se “o vizinho de sepultura da mamãe foi ou não este ano?”. O cemitério é a casa do parente morto, tem até vizinho de sepultura, como num condomínio onde todos se relacionam: vivos com vivos, mortos com mortos e no dia de finados todos se reencontram.

Ilustração 40 (fotografias) – Vizinhos de sepultura reencontram amigos ao iluminarem o túmulo do ente querido. Praticantes da iluminação levam cadeiras para se sentarem ao lado dos túmulos e conversarem com os visitantes da casas-túmulo.



Fonte: Autora, 2018

O vizinho de sepultura se encontra uma vez por ano com os conhecidos naquele condomínio de mortos, levam cadeiras, conversam, reencontraram amigos, falam do que aconteceu durante o ano e sempre tem um gesto de solidariedade com acendimento de uma vela ou de palavras afetuosas para famílias enlutadas.

Dentro do cemitério amigos e parentes acendem velas nos túmulos, conversam com os vizinhos de sepulturas do seu parente falecido, lembram histórias, rezam para o falecido,

visitam outros túmulos de parentes falecidos e acendem velas no Cruzeiro (cruz central do cemitério) para os falecidos sepultados em outros cemitérios.

É uma noite longa de saudade e obrigações para os zeladores de túmulos: familiares se dividem em iluminar os túmulos de todos os parentes falecidos, caso isso não aconteça o falecido ficará o ano todo no escuro.

Muitos se preparam para melhor lembrar o falecido, seja com camisas personalizadas, banner com fotografia do falecido ou o maior número de velas e visitantes demonstrando um status elevado sobre os demais túmulos. Há uma competição em um espaço de igualdade.

Ilustração 41 (fotografias) – Iluminação noturna e a grande movimentação no São Bonifácio. Com seu maior fluxo de visitantes à noite, as velas acesas nos túmulos apresentam uma estética mesclada de luz, flores e cruzes.



Fonte: Autora, 2017-2019

A Iluminação dos Mortos em Curuçá, apresenta dois horários: a iluminação diurna com o menor fluxo de visitação, tendo em sua maioria a presença de idosos ou pessoas que

moram longe do município e precisam retornar para as suas casas. E a iluminação noturna, com o seu maior fluxo de visitação, tendo a presença de crianças, jovens e adultos, principalmente por ser um horário que não tem altas temperaturas, por ser mais propício ao acendimento das velas com menos vento, pelo encontro com amigos e parentes para passeios e comensalidades.

No Bosque da Igualdade há populares degustando Manicuera, crianças no pula-pula, jovens comprando bijuterias, pais levando os filhos para passear no cemitério, vendedores com suas barracas ou carros vendendo lanches, comidas, brinquedos, flores, velas, frutas, guaraná da Amazônia, algodão doce, balões, pipoca. No ano de 2017, a prefeitura municipal proibiu a venda de bebidas alcoólicas, o que não impediu que alguns visitantes levassem para o cemitério suas cachaças, batidas (cachaça com suco de frutas), vodcas...

Ilustração 42 (fotografias) – Elementos presentes em arraiais e festas diversas, vendidos na Iluminação. Na frente do cemitério e no bosque: algodão doce, pipoca, brinquedos, bijuterias, pula-pula...



Produtos vendidos em arraial como bolas grandes, pipoca, algodão-doce, brinquedos típicos do Círio (o passarinho de madeira), bijuterias, frutas, sorvete e fastfood são encontrados à venda no Bosque da Igualdade.

Ilustração 43 (fotografias) – Reencontro de amigos no Bosque da Igualdade durante a Iluminação dos Mortos. Em frente ao cemitério e no Bosque da Igualdade, o momento festivo de estar junto em reencontros, compartilhando alimentos e histórias.



Fonte: Autora 2017-2018

O Bosque da Igualdade é um espaço de encontros, reencontros, conversas, namoro, estar junto para passear, divertir-se num dia de compartilhamento de homenagem aos mortos familiares. É o extracotidiano da Iluminação em seus espaços intra e extramuros cemiterial.

Durante o dia, as comensalidades entre os frequentadores da Iluminação são mais

ligadas ao consumo da manicuera e aos doces de tapioca. À noite, estão mais presentes no Bosque da Igualdade para o consumo de comidas e bebidas, compra de brinquedos para as crianças, encontros e reencontros.

No Brasil, ao longo de sua história, a solenidade e as celebrações festivas sempre escandiram o registro do tempo da vida privada, nesses ritos domésticos e da intimidade, projetando-se igualmente como metáfora na vida pública, graças à celebração dos acontecimentos da vida privada dos grandes e poderosos deste mundo como eventos que dizem respeito à vida de toda coletividade – do Reino primeiro, e depois da Nação –, ou dando lugar a celebrações privadas que constituíam ao mesmo tempo instrumentos de projeção pública dos indivíduos ou grupos sociais, como nas festas das irmandades e confrarias religiosas coloniais. Assim, dada a tradição festiva das religiosidades no Brasil, talvez a festa seja ainda hoje, apesar de tudo, um bom indicador de mentalidade para pensar o lugar da religião na redefinição de fronteiras que as transformações da sociedade brasileira acabaram por produzir, permitindo-nos visualizar de uma perspectiva mais ampla as metamorfoses no sagrado, entre o público e o privado. (MONTES, 2012, p. 110-111).

Na Festa de Finados a dimensão espiritual de iluminar os caminhos dos mortos extrapola os limites do cemitério, saindo do campo santo e passando para o estar junto de amigos e familiares no Bosque da igualdade. Sendo uma atmosfera festiva que envolve identificações com o espaço geográfico, com a ritualização de uma tradição criada em Curuçá após a transferência do cemitério-igreja para o cemitério secular. Noções de pertencimento ao participar e compreender as simbologias vigentes, envolvendo uma perspectiva trajetiva e o reconhecimento do espaço cemiterial como lugar de afetos. Onde o particular das orações de conexão entre vivos e mortos, faz parte de uma ação coletiva com o sagrado.

Ilustração 44 (screenshots) – Curuçaenses e a Iluminação dos Mortos nas redes sociais. O curuçaense Augusto Favacho apresenta sua vivência na Iluminação dos Mortos e registra o momento ao lado de amigos em túmulos de familiares.



Fonte: Screenshot da rede social de Augusto Favacho, 2018.

O curuçaense Augusto Favacho em sua rede social, fala sobre esse universo simbólico da Iluminação dos Mortos: um espaço que não é levado à tristeza, que não tem tempo para ficar em silêncio com tanta gente. A soberania é da solidariedade, da chama da vela compartilhada que ilumina os caminhos dos antepassados. Fala-se da manicuera e no momento do registro fotográfico, sorrisos estampados nos rostos, gestos corporais do dia a dia como o V de vitória feito com os dedos. Registros fotográficos de amigos que se encontram e se divertem em um local inusitado como o cemitério, mas que em Curuçá “é tudo, menos fúnebre”.

3.2.1 *Cemitério Fashion*: a espetacularidade de vestir-se para ir à Iluminação dos Mortos

Ali não é só chegar, iluminar e ir embora, ali são encontros de amigos, família e onde sabemos que todos estarão bem-vestidos [...] eu já fico com as roupas e as coisas que vou usar, no pensamento (risos) e quando vou me arrumar, acho que visto duas ou três para ver qual a melhor. Penso em ficar bonita porque sei que vou encontrar muita gente ali.

(Juliana Rodrigues)

Vestir-se, organizar roupas a serem usadas em ocasiões e lugares. Estilos de roupa, cores, texturas, acessórios para compor o visual. Em diversos momentos nos perguntamos: com que roupa eu vou? Há convites especificando se o traje é fino, esportivo, luau... Há lugares que impõem regras no vestir para adentar e usar seus espaços... Culturas que cobrem o corpo, enfeitam-se dos pés à cabeça, que sua vestimenta são pinturas corporais e acessórios de produtos naturais, peles de animais, penas, sementes, metais, pedras... As estações do ano ditam a moda, os estilos e o conforto. A moda compreendida aqui é um modo de ser, uma particularidade, personalidade, identificação:

[...] compreendemos, sobretudo, a moda como um modo, uma maneira de se vestir, um modo individual de fazer, uma maneira de ser, um modo de viver. Todo e qualquer ato de se vestir, modo de composição e aparência e enquanto tal vetor expressivo. E por conta desta dimensão expressiva, a moda é capaz de revelar aspectos da personalidade de uma pessoa. (CIDREIRA, 2014, p. 85).

Em Curuçá, os jovens se preparam para iluminar os mortos, passear, namorar e encontrar amigos no cemitério São Bonifácio e no Bosque da Igualdade. Momento de preparação visual, demonstrando sua particularidade em se vestir. Segundo Renata Pitombo Cidreira (2014), a moda é um modo de ser que mostra sua personalidade, abordando intenções, motivações e expressões particulares de si. Assim o jovem curuçense em seu ato de se vestir para a Iluminação faz moda, escolhendo roupas e acessórios para este momento único do ano, o dia 02 de novembro. Há um desfile de belezas e roupas escolhidas para este momento, entre sorrisos, fotografias, selfies, lembranças e saudade, são momentos únicos, publicados em redes sociais.

Diferente do que era estabelecido, vestir o luto em Curuçá, não é caracterizado por roupas da cor preta ou seguir rituais religiosos, a vestimenta está ligada ao afeto em lembrar, refletir e guardar lições deixadas pelo morto familiar. Vestimo-nos de afeto, de lembranças para nos sentirmos bem em iluminar os caminhos do falecido, em passear no cemitério, reencontrar amigos, comer e beber juntos no Bosque da Igualdade.

Em uma entrevista com a jovem curuçaense Juliana Rodrigues, no Dia de Finados, ela me falou sobre sua relação com a Iluminação:

Desde muito pequena [...] é uma tradição do povo curuçaense, não é só iluminar, mas uma forma de ali sabermos que iremos encontrar amigos e pessoas, que há muito tempo não vemos. [...] Pensar em Iluminação, é pensar nas grinaldas. Lembro que quando criança minha irmã fazia e eu vendia pra ela, eu gostava de vender e de tá lá à tarde, vendo o movimento da tarde, aonde as pessoas vão para arrumar os túmulos e deixar tudo pronto para noite. Ali não é só chegar, iluminar e ir embora, ali são encontros de amigos, família e onde sabemos que todos estarão bem-vestidos [...] eu já fico com as roupas e as coisas que vou usar, no pensamento (risos) e quando vou me arrumar, acho que visto duas ou três para ver qual a melhor. Penso em ficar bonita porque sei que vou encontrar muita gente ali. (Entrevista realizada em 02/11/2017).

No ano de 2017, Juliana Rodrigues, concedeu-me esta entrevista enquanto passeava no Bosque da Igualdade, falou-me de uma relação de afeto da infância em observar como o cemitério era organizado, o trabalho dos biscateiros, ela ali vendendo as grinaldas confeccionadas por sua irmã Juciara Rodrigues e observava como tudo era feito para noite. A consciência clara de que na Iluminação todos estariam bem-vestidos, o que era uma preocupação dela em se vestir bem também, para aquele momento. A consciência clara do olhar do outro, assim se organiza para ser olhada também, um comportamento *Espetacular*, que Armindo Bião (2009) coloca como a consciência clara do olhar do outro na alteridade, neste caso, uma característica da Espetacularidade, por ser dentro de uma ação extracotidiana, não em um espetáculo teatral com atores e o público, diferenciando da *Teatralidade* que é a consciência mais ou menos clara do olhar do outro.

Na Teatralidade, a criança observava a organização do cemitério e vendia grinaldas à tarde, à noite na Espetacularidade, vestia-se para ser olhada, percebida pelos outros que também se organizavam para os olhares atentos dos que iam iluminar os mortos no cemitério São Bonifácio.

Desfilando seu estilo e beleza, Juliana Rodrigues, posa para ser fotografada em um corpo altivo, com as mãos na cintura como em um desfile de moda, com suas roupas e acessórios escolhidos para aproveitar a Iluminação de 2017. Organizou-se em uma composição visual para ser olhada, fazendo parte daquele momento que, além de acender velas nos túmulos de seus falecidos, também há passeios no São Bonifácio, conversas com familiares, reencontram-se amigos. Há uma confraternização em comer juntos e se divertir em um lugar onde a maioria da sociedade curuçaense se encontra no dia 02 de novembro à noite.

O corpo se altera para ser fotografado, organizado para o olhar do outro, entre velas acesas, flores e túmulos. O cemitério é o espaço de visitação, arruma-se para visitar a casa do

parente. O sorriso, o rosto maquiado se ilumina para aparecer bem na foto. Altivez, sorriso, cabelos para o lado, rosto levemente curvado em pose para a foto... É um desfile de belezas, de estilos, de escolhas conscientes para passear entre túmulos na Iluminação. Senta-se, acende-se as velas, conversa com o ente querido falecido através de orações, arruma-se a casa, os caminhos são iluminados para a vida eterna.

À Iluminação de Finados a melhor roupa, o melhor sorriso, o melhor abraço, a melhor companhia, a melhor conversa, o melhor reencontro em lembranças de um tempo em que se visita naquele dia, quando se olha para o túmulo e que não deixamos o parente na tristeza, no escuro.

Ilustração 45 (fotografias) – Jovens com seus estilos no cemitério. Juliana Rodrigues, Mayara, Sebastião Vieira, Valéria Sena, Fernanda e outras jovens, escolheram suas vestimentas para participarem da Iluminação dos Mortos.



Fonte: Autora, 2017-2019.

À Iluminação dos Mortos, à homenagem ao ente querido, a melhor roupa, o melhor estilo, as melhores companhias, sorrisos e altivez. Em um cenário de túmulos, velas, flores, homens e mulheres desfilam suas belezas. Conscientemente se vestiram, arrumaram-se para serem vistos. É o momento do reencontro, encontro de amigos, namorados, de pessoas que não se viam há pelo menos um ano. É um momento único, especial, extracotidiano.

Uma outra maneira de se vestir para iluminar os mortos é a homenagem em camisas confeccionadas com frases religiosas e a imagem do falecido estampada no peito. Como fez a Família Silva, moradora da Vila São João do Abade, que perdeu sua matriarca Oscarina da Luz Pereira (64 anos), realizou o velório e cortejo fúnebre, seguindo o ritual fúnebre do Frete, realizando a vontade da falecida. Velório teve comidas, bebidas, jogo de baralho e dominó, cortejo fúnebre levando o caixão nos braços até o cemitério São Bonifácio, Frete regado a bebidas.

Os filhos emocionados, falaram-me sobre a mãe estar sempre junto deles em lembranças, sonhos e saudade dos “ralhos” que sempre lhes dava⁴². Na primeira Iluminação em 2017, a família confeccionou as camisas com a frase: “Aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós”. A homenagem da família seguiu com o acendimento de velas, orações e flores na nova morada, o cemitério.

⁴² Depoimento coletado durante entrevista com a família Silva no dia 02 de novembro de 2018 no Cemitério São Bonifácio durante a Iluminação de Finados.

Ilustração 46 (fotografias) – Famílias vestem camisetas personalizadas para homenagear seus mortos. Família Silva e Família Cardoso com as homenagens aos seus mortos familiares em camisetas personalizadas.



Fonte: Autora, 2018 e 2020

As camisetas com imagens e frases religiosas para homenagear os mortos vêm sendo utilizadas como item do vestuário na Iluminação em Curuçá. Estas homenagens com imagens são utilizadas, seja para homenagear os mortos, identificar os familiares do aniversariante, seja um ato de fé para devotos de santos, é um produto utilizado pelo comércio de confecções locais.

Sobre as homenagens em camisetas, Fernando Hage em *Vestindo a Fé: o Círio de Nazaré em Belém* (2012, p. 10) discorre: “é um ato religioso em uma demonstração de devoção através do vestuário, assim como também um ato de distinção, já que esses símbolos são cada vez mais apropriados de formas segmentadas e com inconstantes significados”. A confecção de camisetas teve início nos anos 70 por advento do Círio de Nazaré em Belém, em

que empresas distribuíram camisas como itens promocionais, o que ganhou maiores proporções com a criação dos cartazes do Círio e que puderam ser reproduzidos em camisas através da técnica de transfer⁴³. A imagem do cartaz do Círio é produzida a cada ano, sendo estampada em camisas para devotos de Nossa Senhora de Nazaré ano após ano.

Com o passar do tempo, vestir-se para ir à Iluminação de Finados ganhou novos significados, outrora com a preocupação de estar vestido adequadamente para aquele momento de respeito e visita à morada eterna do ente querido, depois com a certeza do olhar do outro para seu estilo e beleza e mais recentemente, vai-se vestido de homenagem ao ente querido. Há uma mescla entre estar bem, adequado para o espaço, para o olhar dos outros visitantes do cemitério e homenagear o parente falecido que vai além de acender velas, rezar e levar flores ao túmulo, o afeto está na roupa, no corpo, revelando a dimensão da Espetacularidade da Iluminação de Finados.

3.2.2 Autoiluminação: o retorno da *morte de si mesmo* e os túmulos dos vivos

“É só pela consciência da morte que nos apressamos em construir esse ser que deveríamos ser”.

(ARANTES, 2019, p. 77)

Foi neste clima festivo de reencontros e solidariedade que encontrei Marlon Ziel, jovem curuçaense de 22 anos que em 2019 realizou sua Auto Iluminação, já pensando em guardar o seu lugar no cemitério São Bonifácio, lugar onde quer passar sua eternidade. Marlon Ziel reside na Vila São João do Abade, a 4km do centro de Curuçá, lá os habitantes não aceitam um cemitério e dizem que *Abade é um lugar para viver não para morrer*. Vivenciando as Iluminações de Finados em Curuçá, Marlon vê que a cada ano se diminui os espaços para os sepultamentos no São Bonifácio, o que o levou a assegurar um lugar para seu sepultamento.

[...] é eu já me prevenindo, né? Do jeito que o cemitério está para encher, muita gente aqui. Esse espaço já era da minha família há algum tempo, aí só que foi largado pelos outros. Aí eu fui lá e zelei dele, agora é meu! Já tenho um lugar aqui! (Depoimento coletado em entrevista no dia 02/11/2019).

Para a Iluminação de 2019, Marlon Ziel recuperou uma sepultura que foi abandonada

⁴³ O Transfer é uma técnica muito utilizada para personalizações rápidas, sem quantidade mínima. É indicado para camisetas com intuito promocional. É um processo no qual a arte é impressa digitalmente em uma folha especial. A camisa é submetida a prensa térmica junto com a folha de Transfer e devido ao calor de aproximadamente 200 graus celsius a imagem é transferida para o tecido. Em: <https://camisadimona.com.br/tecnica/transfer> (pesquisa realizada em 23 de dez. 2019).

por sua família. Ela foi remarcada, pintada, ganhou uma caixa-túmulo com uma cruz nova e recebeu velas no Dia de Finados. Velas dedicadas ao novo dono, futuro morador do São Bonifácio, o próprio Marlon, realizando assim uma autoiluminação. O que causou espanto a sua mãe quando ele anunciara que iria abrir o próprio nome na cruz do túmulo, ela exclamou “Estás te agourando?!”, prometendo-lhe uma surra se o fizesse. De forma muito serena e responsável por sua atitude, Marlon se auto iluminou em 2019, mas não colocou seu nome na cruz. Fez suas orações e logo após iluminar seus caminhos, foi iluminar os caminhos dos parentes:

Ilustração 47 (fotografia) - Marlon Ziel em seu túmulo em que acende velas para si mesmo.



Fonte: Fotografia da autora, 2019.

Marlon satisfeito com sua sepultura reservada no São Bonifácio, pousou em seu futuro túmulo e segurando os pacotes de velas que iluminaram seus caminhos até a Iluminação de 2020.

Com a pandemia de Covid-19 no ano de 2020, Marlon iluminou seus caminhos no quintal de sua casa, não foi aglomerar no cemitério São Bonifácio, mesmo porque o cemitério estava com horário reduzido para a visitação.

No ano de 2021, foi iluminar os seus caminhos no cemitério São Bonifácio, cuidou do

seu futuro túmulo e por não o encontrar durante a pesquisa de campo, conversei com ele pelas redes sociais. Falou-me que veio rapidamente a Curuçá somente para iluminar seu futuro túmulo e seus caminhos, depois retornou a Belém.

Ivoneti Schotten Laurindo (2013), da localidade de Rio Gabiroba, também descreve alguns rituais antecedentes de morte, como a construção da sepultura previamente, que, de acordo com ela, é um ritual praticado recente e raro no século passado. Ele consiste em deixar o jazigo pronto, por vezes, com as inscrições de identificação na lápide (com nome e data de nascimento), além da fotografia da pessoa, apesar de ainda estar viva. (TOMASI, 2015, p. 420).

Em algumas cidades brasileiras existem alas somente com túmulos de vivos, são chamadas as alas dos vivos, como no caso do Rio Grande do Sul e outras cidades brasileiras também, que além de fazerem seus túmulos colocam seu nome com a data de nascimento, já o deixa todo preparado para o momento que a morte acontecer.

Os jovens estão se reorganizando cada vez mais, quanto ao rito da Iluminação dos Mortos. Estão mais presentes dentro do São Bonifácio, levam as crianças; jovens grávidas fazem suas homenagens aos falecidos; jovens iluminam e consomem bebidas alcoólicas em cima de túmulos de amigos falecidos que participavam da roda de bebidas com eles; há aqueles que levam o violão, tocam as músicas preferidas de seus amigos falecidos, promovem a renovação do rito espetacular da Iluminação dos Mortos em Curuçá.

No cemitério São Bonifácio existem também outros túmulos de vivos, não com os nomes dos vivos e data de nascimento, mas já com o futuro dono consciente de sua propriedade, por ser um túmulo familiar. O historiador da cidade de Curuçá, Paulo Henrique Ferreira construiu o túmulo reservado a ele, à Anataciara Ferreira, sua irmã e à Ezelina Favacho, sua tia. Quando o túmulo ficou pronto, o historiador convidou a irmã e a tia para a inauguração do túmulo e elas se negaram, que ele fosse na frente, pois só se inaugura túmulo, morrendo.

Refletir sobre a própria morte (...) deve ser feito por todo ser humano individualmente. Todos nós sentimos necessidade de fugir a esta situação; contudo, cada um de nós, mais cedo ou mais tarde, deverá encará-la. Se todos pudéssemos começar admitindo a possibilidade da nossa própria morte, poderíamos concretizar muitas coisas (...) encarando ou aceitando a realidade da nossa própria morte, poderemos alcançar a paz, tanto a paz interior como a paz entre as nações. (ROSS apud MATTOS, 2020, p. 529)

O curuçaense é mais consciente em relação à própria morte e aos ritos fúnebres, por sua convivência no cemitério São Bonifácio. Muitas histórias acontecem dentro daquele corpo-cemitério, um imaginário povoado de medos, crenças, trabalho, encontros, reencontros,

mas a mentalidade sobre a morte de si mesmo está na morte do outro. A partir do momento que eu olho a morte do outro, eu vejo a minha morte, então a morte de si mesmo está imbricada na morte do outro, elas coexistem no mesmo espaço.

Assim como a Auto Iluminação é uma iluminação direta de seus caminhos, aqueles que iluminam seus mortos, iluminam-se indiretamente, pois quando a chama da vela é acesa a luz chega aos caminhos do ente querido, quanto ilumina aquele que acendeu a vela. Iluminar o caminho do outro também é iluminar os próprios caminhos. Durante as vivências do campo de pesquisa da Iluminação dos mortos encontrei famílias iluminadas por cuidarem da memória dos mortos, sendo reavivada a cada ano.

No ano de 2018 encontrei a Família Nascimento que ilumina os caminhos de sua matriarca há 20 anos. Sentindo aquele momento de conexão, fiquei ali conversando à vontade, como se tivesse sido recebida na casa deles, não era só eu que estava à vontade, aquelas crianças também. O que para mim é sempre uma atração do olhar: a criança no cemitério. Eram olhares profundos, sorrisos largos, que eu queria ficar ali conversando.

Ilustração 48 (fotografia) – Família Nascimento homenageia a matriarca com flores e velas no túmulo. Familiares com o sorriso no rosto e crianças bem à vontade na casa-túmulo.



Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Familiares à vontade em visitar seus parentes falecidos no cemitério São Bonifácio, sentados, conversando, sorrindo, deixam-se fotografar em seu momento familiar. O túmulo limpo, organizado, com as velas dando o realce a mais na cena. As crianças sentadas ao lado da sepultura, de joelhos acendem as velas. Os Nascimento limpam, organizam e iluminam o túmulo de sua mãe com a certeza da presença da alma⁴⁴ dela naquele espaço reservado à sua morada eterna no cemitério.

As crianças cada vez mais presentes no cemitério, são levadas pelos pais que os ensinam o respeito aos familiares falecidos, as orações e as simbologias em iluminar os caminhos. Em 2021, vi um menino acendendo velas, brincando com as chama e sentado no túmulo da avó, era o Maicon Douglas de 07 anos iluminando os caminhos de Maria de Jesus Rodrigues.

Ilustração 49 (fotografia) – Criança acendeu velas no túmulo da avó pela primeira vez. Maicon Douglas sentado no túmulo da avó.



Fonte: Beatriz Lispector, 2021.

⁴⁴ Entrevista realizada com a família Nascimento no cemitério São Bonifácio em 02 de novembro de 2018.

Douglas Ferreira foi quem levou o filho ao cemitério. O pai acredita que a criança o ajudou a acender as velas, conversou com a avó, rezou, brincou em um espaço novo, sem medo. Douglas afirma que a criança deve ser levada a conhecer os rituais que envolvem a família, tem que vivenciar desde a infância e assim, um dia ensinar para os que virão e iluminar os que partirem, continuando a ligação familiar de respeito aos familiares que vieram antes dele⁴⁵.

Há praticantes da iluminação que zelam por túmulos há mais de 40 anos, é o caso de Dona Maria de Fátima, 56 anos, que ilumina o túmulo do pai. Ela construiu a base de alvenaria do túmulo, limpou e pintou a sepultura de seu morto familiar. Trabalhadora da construção civil, vinda da cidade de Viseu-PA na companhia do pai para morar em Curuçá.

Ilustração 50 (fotografias) – Maria de Fátima zela pelo túmulo do pai há mais de 40 anos.



Fonte: Beatriz Lispector, 2021.

Dona Maria de Fátima fica cuidando de cada elemento da homenagem ao seu pai, contempla a luz da vela, reza e se conecta ao falecido⁴⁶. O momento é de parada do tempo

⁴⁵Depoimento coletado em entrevista realizada pela autora no dia 02 de novembro de 2021.

⁴⁶Depoimento coletado em entrevista realizada pela autora no dia 02 de novembro de 2021.

num dia dedicado ao ente querido falecido.

Para algumas famílias o momento da Iluminação do Mortos é festivo para reencontros, assim acontece com a Família Monteiro que o espaço cemiterial se amplia na dimensão simbólica de festa. A Iluminação noturna é a preferida por eles. Acreditam que continuarão velando, iluminando, pois é um hábito familiar e gostam de aglomerar.

O cemitério é um lugar de festas, encontros, reencontros para comemorar o aniversário de nascimento e falecimento do pai, o Dia dos Pais. Mas o isolamento social trouxe tristeza para esta família que não poderia mais estar juntos no cemitério visitando o túmulo do pai, sempre daquele jeito extrovertido, sentados em bancos, conversando, rindo.

Ilustração 51 (fotografia) – O cemitério é um lugar festivo para a família Monteiro. Sentados em bancos, familiares sorriem no cemitério em frente ao túmulo do ente querido.



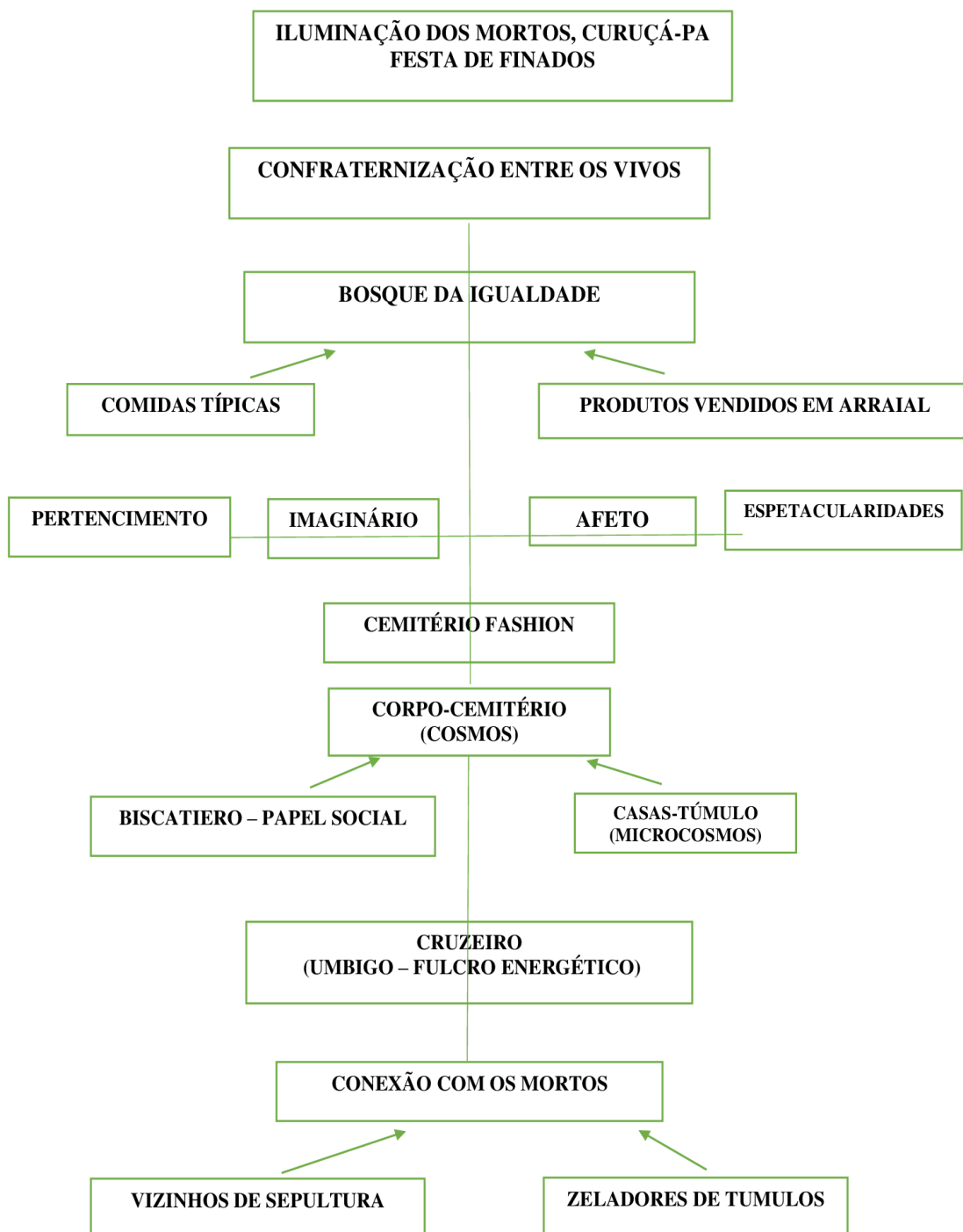
Fonte: Fotografia da autora, 2021.

Sentada em seu banco, a professora Elza Monteiro me falou sobre a história dos cemitérios brasileiros, a relação que a família tem com o cemitério e por não temerem os mortos, levam comida, bolo. Comemoram no cemitério que para eles é um espaço de convivência social, festivo, que sentiram falta da aglomeração em 2020 e acreditam que mais uma vez estarão juntos no próximo ano, para comemorar.

Através dos depoimentos coletados, imagens do campo nas Iluminações diurna e noturna, no acompanhamento das vendedoras de doce, manicuera, grinalda de flores e

espetacularidades. Apresento a seguir um esquema conceitual sobre o fenômeno aqui compreendido:

Ilustração 52 (imagem) – Esquema conceitual da Iluminação dos Mortos, Curuçá-PA. Espetacularidades, noções autorais, nomenclaturas próprias do fenômeno e dimensões da Festa de Finados.



Fonte: Imagem autoral, 2022.

A Iluminação dos Mortos em Curuçá, apresenta uma dimensão territorial formada pelo Bosque da Igualdade – local de conexões entre vivos em um espaço de sociabilidades que envolvem a venda de comidas típicas e produtos que são vendidos em arraiais – e o cemitério São Bonifácio, o *Corpo-cemitério*, o cosmos que contém microcosmos, as casas-túmulo, um umbigo, fulcro energético, o *cruzeiro*, espaço para a conexão com os mortos e possui um trabalhador exclusivo para a construção e reparos nas casas-túmulo, o *biscateiro*, papel social adverbialmente espetacular. Com o amalgamento entre o afeto, as noções de pertencimento em volto do imaginário, as espetacularidades *Zeladores de túmulos*, *vizinhos de sepultura* e *Cemitério fashion* se entrecruzam na Iluminação dos Mortos em momentos de encontros e reencontros no cemitério.

A Iluminação em suas dimensões simbólicas, espetacular, histórica e de pertencimento, encanta artistas que querem registrar o rito espetacular através de seus praticantes que acendem velas nos túmulos à noite. Fenômeno cada vez mais raro, acontecendo mais em cidades do interior do Estado, a capital e sua região metropolitana, tem horário limite para as visitas (até às 18h) por conta da violência.

Durante a pesquisa de campo de 2018, encontrei Carolina Oliveira fotografando os praticantes da Iluminação, a imagem que eu tive era de alguém à espreita do momento certo da fotografia. Quando conversamos, Carolina não era uma participante da iluminação, era uma observadora dos praticantes da iluminação, registrando os momentos mínimos daquelas pessoas. A fotógrafa que realizava uma atividade do curso da Associação Fotoativa⁴⁷, estava amalgamada àquele lugar:

⁴⁷ Associação cultural sem fins lucrativos, de interesse público estadual e municipal, fundada em 2000. Um corpo-coletivo em atuação na cidade de Belém do Pará desde 1984 que propõe a fotografia e a imagem como meio de promover e desenvolver ações coletivas de reflexão, formação-educação, experimentação e pesquisa da linguagem fotográfica e seus desdobramentos. Com identidade dinâmica e pedagogia de participação, temos por objetivo propor uma outra educação do olhar no aprendizado e no exercício da fotografia como ferramenta de promoção da cidadania, intervenção e mediação social e de intercâmbio de conhecimentos que incentivem o descobrimento pessoal, o respeito aos Direitos Humanos, ao meio ambiente e ao patrimônio cultural amazônico como elementos determinantes e essenciais para uma mudança social. (<https://fotoativa.org.br/Quem-somos>). Acesso em 22 de dez. de 2021.

Ilustração 53 (fotografias) – Imagens dos praticantes da iluminação captadas por Carolina Oliveira. Praticantes da iluminação acendem velas no cruzeiro e rezam em túmulos.



Fonte: Carolina Oliveira, 2018.

A ideia de fotografar a iluminação no cemitério de Curuçá, partiu do fotógrafo Miguel Chikaoka, como projeto final do curso De Olhos Vendados ministrado por ele, na Fotoativa em Belém. Conversando com Lidiane e João que nos acolheram em sua casa na cidade, percebemos que seria um momento de encontro familiar. A própria Lidiane dizia que encontraria uma tia que não via há muito tempo. Antes de ir ao cemitério, nós alunos, conversamos sobre o desafio que seria fotografar as pessoas num momento delicado ao lembrar e homenagear seus entes queridos falecidos, por uma questão de respeito mantive distância das pessoas ao redor dos túmulos no momento de captar as imagens. Outro desafio era fotografar com a forte luz das velas tendo o contraponto das sombras, uma das questões principais do curso. Ao final creio que fui capaz de retratar essa cerimônia tradicional de Curuçá e os momentos de contemplação dos familiares ali presentes. Um projeto estava em discussão em 2020 para voltarmos ao município para uma exposição dessas fotos, mas em função da pandemia de COVID-19, ainda não podemos realizá-lo. (depoimento coletado em 27/12/2021).

Na atividade em registrar fotograficamente os praticantes da iluminação em seu momento mais íntimo de se conectar aos seus entes queridos, Carolina Oliveira teve o cuidado de respeitar o momento particular das famílias, havia o encantamento com as luzes das chamas das velas, com as cores das flores que se misturavam as mãos em oração e os olhos fechados. O respeito pelo sagrado foi estabelecido para não invadir o particular de cada praticante que estava em um espaço público de aglomeração.

Depois do auge festivo apresentado nesta seção, que coloca os praticantes, participantes e observadores da Iluminação juntos no espaço da celebração da vida dos que ficaram vivos e dos que estão vivos nas lembranças em manifestações de afeto e espetacularidades registradas na fotografia e em percepções do campo. A seguir a seção que trata de um momento oposto ao vivido até aqui, o que se apresentará é uma quebra do ritual, é o isolamento social em um momento pandêmico que parou o mundo e que ceifou no Brasil mais de 660 mil pessoas. A morte emudeceu o mundo, chegou à Iluminação dos Mortos em Curuçá, chegou com restrições à entrada no cemitério São Bonifácio. A próxima seção vem em uma outra temperatura.

A ILUMINAÇÃO DOS MORTOS EM UM MUNDO PANDÊMICO



4 A ILUMINAÇÃO DOS MORTOS EM UM MUNDO PANDÊMICO

No início da pandemia do novo Coronavírus (Covid-19), o Brasil viveu duas questões que levantaram reflexões sobre rituais funerários (SILVA; RODRIGUES; AISENGART, 2021): o primeiro deles, foi o caso da ação movida pela Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-ameríndia (AFA) junto ao Ministério Público do Estado da Bahia (MPE/BA) e ao Ministério Público Federal (MPF), solicitando normativa referente ao respeito à tradicional prática de sepultamento de adeptos do Candomblé, já que o país se encaminhava para o protocolo mundial da cremação dos corpos de pessoas vitimados pelo vírus. A AFA movida pelo pavor, proibia a cremação e o depósito de candomblecistas em gavetas, seguindo a crença de que após a morte o corpo tem que ir para terra aos cuidados de Obaluaê⁴⁸, orixá senhor da terra.

O segundo caso, trata do drama vivido por mães Sanoma, da etnia Yanomami, em que tiveram os corpos de seus filhos sepultados, sem ao menos perguntarem sobre o que se fazer quanto aos ritos funerários, pois segundo as crenças da tribo, os corpos devem ser cremados, não sepultados. A partir destes dois casos, começou-se a pensar num protocolo sobre os sepultamentos no país para que a família decidisse como seria o fim do corpo, não com relação aos protocolos de higiene, porque todos seriam da mesma forma: lacrados em saco plástico, podendo ou não haver o velório pelo risco de contaminação ao se aproximar do corpo morto.

A partir de março de 2020, a pandemia do novo coronavírus acarretou modificações nos ritos de morte e nas vivências dos processos de luto. No Brasil com a publicação do “Manual de manejo dos corpos” pelo Ministério da Saúde [...], obrigatoriamente há redução ou ausência da possibilidade da realização de tradicionais cerimônias de despedidas com liberdade de manifestações de sentimentos nos rituais fúnebres [...] (SILVA; RODRIGUES; AISENGART, 2021, p. 216)

A família passou a decidir se o corpo iria ser cremado, sepultado, depositado em gaveta, pois cada religião, cada família tem suas crenças e não poderia ser de outra forma no Brasil, mesmo com tudo que a pandemia trouxe de prejudicial para as famílias: por não

⁴⁸ Obaluaíê (em iorubá: Ọbalúwáiyé), Abalaú, Abaluê, Abaluiaê, Obaluaê ou Yorimá] é o orixá da cura em todos os seus aspectos, da terra, do respeito aos mais velhos e protetor da saúde. É chamado sempre que necessário afastamento de enfermidades. Todo esforço para manter o equilíbrio mental, físico, emocional ou espiritual também é uma forma de cultuar este orixá. Como as coletividades também adoecem, todo esforço para aqueles que nos cercam ou para melhorar o mundo em que vivemos também é uma forma de cultuar Obaluaíê. Ao contrário do que pensam, ele não é o deus da morte, dos mortos, do cemitério ou das almas que lá habitam. O que acontece, é que por ser o orixá que promove a cura para as enfermidades, automaticamente ele está sempre próximo a Iku (orixá responsável por tirar a vida), pois ele promove a cura para aqueles que estão perto da morte. In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Obaluaíê>. Acesso em 04 de jan. de 2022

ritualizarem a passagem do seu familiar de vivo para morto, prejudicando a essência da superação do luto. É preciso ter consciência da morte, a despedida, a presença do corpo morto para se concretizar a morte e sair do luto.

A pandemia de Covid-19 ceifou 91 vidas em Curuçá e contaminou 2.980 pessoas até o último boletim da Secretaria Municipal de Saúde (03/01/2022). Momento difícil em não poder velar o morto, não acompanhar o féretro e não iluminar os mortos em 2020, por não poder aglomerar.

A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas [...]. O luto associa-se à ideia de doença. O prantear equivale às excreções de um vírus contagioso. O enlutado deve doravante ficar isolado, em quarentena. (MARANHÃO, 1986, p. 18-19)

Na Pandemia, mais do que nunca, o luto deve ser escondido, silenciado. As famílias foram impedidas de ritualizar a emoção da partida de um ente querido. A Iluminação dos Mortos aconteceu, mas de maneira controlada, quanto ao fluxo de pessoas e equipamentos obrigatórios como a máscara.

O que se presenciou no cemitério foi a tristeza, o oposto de anos anteriores. Na porta do campo santo, a Secretaria Municipal de Saúde estava presente através de enfermeiras e técnicas de enfermagem que controlaram o fluxo de visitantes, distribuíram álcool em gel e não permitiram a entrada sem máscara.

Ilustração 54 (fotografias) – Agentes de saúde controlaram o acesso ao cemitério São Bonifácio na pandemia. Enfermeiras e técnicas de enfermagem recebem, orientam e distribuem álcool em gel aos praticantes da Iluminação 2020.



Fonte: Autora, 2020.

O horário de funcionamento foi das 8h às 12h e das 14h às 20 horas. A Iluminação teve seu horário reduzido para visitas com o fluxo bem pequeno de pessoas naquele momento. Na Iluminação diurna, houve a venda de Manicuera em locais distantes do Bosque da Igualdade para não acontecer aglomeração.

Ilustração 55 (fotografias) – Iluminação diurna durante a pandemia 2020. Poucos praticantes realizando suas homenagens nos túmulos e alguns biscateiros trabalhando no cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA.



Fonte: Autora, 2020.

Ilustração 56 (fotografias) – Bosque da Igualdade e São Bonifácio na Iluminação durante a pandemia em 2020. A barraca das comidas típicas ficou sem reforma, no Bosque da Igualdade poucas pessoas acompanharam a missa do Dia de Finados, na frente do cemitério, a ambulância de plantão pela saúde dos praticantes e participantes da Iluminação.



Fonte: Autora, 2020

Na Iluminação noturna, somente a missa dos Finados, poucas visitas ao interior do cemitério, foram mais as famílias enlutadas recentes que iluminaram seus mortos. Os demais praticantes da iluminação, naquele momento, acenderam velas nos seus quintais e nos cruzeiros da cidade. Momento que trouxe à luz a consciência de que o mais importante era iluminar o caminho dos mortos, independentemente de ser na casa-túmulo, além do mais, existiu o medo de contaminação por haver mais de 50 vítimas de Covid-19 sepultadas naquele espaço.

Durante a Iluminação noturna de 2020, encontrei ao lado do túmulo do senhor

Ediberto (o Danguinho), a Família Magno, que estava em oração pela terceira vez naquela noite, foram 3 vítimas de Covid-19, três irmãos, que na sua maioria eram trabalhadores do comércio.

Ilustração 57 (fotografias) – Família Magno chora a perda de familiares para a Covid-19. Hítalo Magno reza, senta-se e chora diante do túmulo do tio, depois de ter iluminado o túmulo do pai e de mais um tio.



Fonte: Autora, 2021.

A Família Magno vive um momento difícil de luto, em que parte foi ceifada. Quatro famílias ficaram sem o patriarca, sendo três vítimas do novo coronavírus. A tristeza comungada traz fraqueza diante da situação, o que para muitos na Iluminação é festivo, para os enlutados recentes, é doloroso.

Toda morte tem suas desculpas. A gente fica procurando a justificativa da morte, mas... Nós sentimos muito a morte do papai... Ele era muito saudável, mais do que

eu... O tio Danguinho tinha comorbidades, já tinha passado por cirurgias, ele era o mais velho... O tio Edino, ele não foi do Covid-19, foi comorbidade... As mortes dos meus tios, a família já estava se preparando, não houve tanto sofrimento... O papai foi muito rápido... Estava naquela questão: Ah é o Covid... Não, está tendo uma virose... O papai não parava, pegava chuva, trabalhava no sereno, foi quando teve uma recaída... Não tinha protocolo, nem de atendimento, nem de medicamento... Aquelas discussões do Governo Federal, do próprio ministro, da OMS que ora saía uma coisa, ora saía outra, enfim... Até que veio aquela médica de São Paulo e falou do anticoagulante...

Depois a gente fica procurando... Se eu soubesse, adivinhasse naquele momento... Eu teria ficado com o papai no hospital... Mas mesmo assim, eles não deixavam... O que tudo indica... Ele teria morrido por conta disso... Um ano antes de morrer, o papai teve depressão e ficou com sequelas, ficou muito nervoso, com muita ansiedade, meio que desesperado com as coisas... O Covid te abala primeiro psicologicamente, antes de você sentir a falta de ar, se souber que está com o Covid já bate no psicológico... E o papai desesperado naquele momento, o pessoal mandando vídeo do povo desesperado na porta dos hospitais, sem remédio e as discussões, enfim... (Hítalo Magno, 05/01/2022)

A deflagração da Pandemia do novo Coronavírus no Brasil e novas regras municipais para conter a Covid-19, deixaram a população curuçaense com medo da contaminação ao sair de casa, reunir-se com conhecidos – devido à falta de protocolo sanitário, medicamentos e testagem para identificar um inimigo invisível e letal. As famílias isolaram seus idosos em casas distantes do centro da cidade, os parentes que estavam em Belém, isolaram-se em suas casas em Curuçá. Barreiras sanitárias foram colocadas nos acessos aos municípios e às comunidades.

Hítalo Magno ao relatar o que a família passou durante o início do isolamento social e os primeiros casos registrados em Curuçá, fala do desconhecimento sobre a pandemia e a contaminação do novo vírus. Os familiares dele vitimados pelo Covid-19, eram trabalhadores do comércio curuçaense e estão dentro das primeiras mortes registradas no município. A Família Magno toda foi contaminada, ele mesmo doente, teve que acompanhar o pai em seus últimos dias:

Pra tomar banho, era um terror... Eu saía do quarto, sentava na cadeira... Saía, sentava no vaso fechado, assim eu ficava descansando... eram etapas... para tomar banho, eu sentava na cadeira debaixo do chuveiro... tomava banho levemente com a vasilha, se eu fizesse um movimento brusco, eu passava mal... para sair do banho eram as mesmas etapas, sendo que ao sair do chuveiro, a porta deveria estar aberta e o ventilador ligado, porque eu já estava sufocado... Na verdade, eu pedi uma chance pra Deus, porque se eu fosse também, iria ficar bem delicado, as coisas em casa... Já tinha perdido o esteio que era o papai... A gente adoeceu junto... Mesmo doente, eu carreguei o papai... Carregamos o caixão dele, baixamos várias vezes dentro do cemitério, foi eu e meu irmão e os dois meninos da funerária, o papai pesado, tivemos que colocá-lo por cima dos túmulos, para ir passando aos poucos... Acho que o papai foi dentro dos cinco primeiros a morrerem no município... e naquele momento que ninguém sabia nada...

O papai costumava dizer: quem é desde ano, é deste ano... teve gente que estava dentro da casa isolado pegou... Muita gente pegou, muita gente ficou fragilizado... e a gente fica se perguntando: Por quê?... cheguei a perguntar para a minha avó: “a senhora já perdeu quatro, dentro de um ano já perdeu seis (filhos) e a senhora tá aí,

parece que é de ferro, o que move a senhora?... “o que me move é a fé, tudo está nos planos de Deus, nós não viemos para ficar neste mundo. Eu criei meus filhos, eduquei e eles criaram os deles e cuidam até hoje. Eu espero o dia que Deus precisar de mim, sabe? Eu não vou blasfemar contra Deus”... Quando eu perdi meu pai, recebi a notícia por volta das seis horas da manhã, eu levantei e orei... Eu agradei a Deus pelos anos que... eu pude conviver com ele... por ter sido educado por ele, por ter formado o meu caráter, por eu ter convivido com um cara incrível, sabe? (Hítalo Magno, 05/01/2022)

O sofrimento de Hítalo ao ser contaminado, perder o pai, sepultá-lo e ser impedido de viver o luto, de chorar, pois ficava ofegante, sem o ar necessário para respirar, foi a realidade de muitos nestes tempos. Na tentativa de entender o que motivava a avó a continuar vivendo, depois de perder os filhos em um ano, a fé em Deus surgiu como um alicerce para continuar acreditando que há um propósito em tudo:

Depois que o papai morreu, que eu vim passar toda essa luta... Eu não pude chorar pelo meu pai... Eu não podia chorar porque eu passava mal, se eu chorasse, ficava ofegante então eu “congelei” por quase quinze dias... Eu não gosto de falar do Covid, do papai, quando alguém pergunta eu corto logo o assunto, porque pra mim é muito difícil... A questão do EU VENCI O COVID... Eu venci? O Covid me levou três pessoas importantes, a mais importante da minha vida, mais duas e durante a pandemia mais uma muito próxima... Eu sempre fui muito apegado com meus tios... Eu não venci o Covid, eu tenho a sensação de impotência... Eu batalhei com o meu pai, estive com ele em todo o momento, perguntando como ele estava, ia lá (hospital), beijava, cheirava... Eu fui a última pessoa da família que viu o papai em vida, deixei ele naquele portão do hospital – eu queria entrar e não deixaram – conversei com ele pela última vez, passei o tempo todo ali com ele e assim, eu não vi o meu pai morto, não pude velar, não pude entrar em luto... Meu luto veio depois de quinze dias... Depois que eu fiquei bem que consegui chorar... Só eu sei o que passei... Até hoje eu tenho os meus momentos: eu me isolo, eu choro, eu sinto, só que eu preciso levantar e dizer: porque hoje eu preciso conduzir a família... eu puxei a responsabilidade da família pra mim, em muitas coisas. Tudo tem um propósito... No final haverá respostas para todas as perguntas. (Hítalo Magno, 05/05/2022).

A ritualização da morte foi negada por três vezes à Família Magno, o não poder se despedir do pai, vê-lo morto e realizar o velório, é um a ferida que ficará aberta por muito tempo. O luto do filho veio depois de quinze dias, a não aceitação da morte do pai – por ser forte, sadio – trouxe à tona a responsabilidade em conduzir a família, continuar os sonhos que sonharam juntos e o sentimento de derrota, o que para muitos foi vitória e comemoração com uma placa no peito “EU VENCI O COVID-19”, para o Hítalo que adoeceu junto com o pai e o perdeu, quem venceu foi a Covid-19.

Para os enlutados recentes, a dor impera, domina. Sendo o tempo, aquele que apaziguará os corações para que somente as boas lembranças permaneçam e há de se acender uma luz para que, com os caminhos iluminados, a conexão se reestabeleça entre ambos.

4.1 Velas, Preces e Solidariedade

“O verbo apagar-se pode fazer morrer qualquer coisa, tanto um barulho quanto um coração, tanto um amor quanto uma cólera [...] A vela que se apaga é um sol que morre. A vela morre mesmo mais suavemente que o astro celeste. O pavio se curva e escurece. A chama tomou, na escuridão que a encerra, seu ópio. E a chama morre bem: adormecendo”.

(BACHELARD, 1989, p. 31)

O acendimento de velas e a realização de preces, são elementos que conectam vivos e mortos. Do momento particular em iluminar com a chama da vela e as preces de conexão com os mortos, surge o coletivo – as interações sociais dentro e fora do cemitério entre vivos e vivos: a solidariedade familiar para não deixar o falecido na escuridão da morte; os vizinhos de sepultura que dividem a chama da vida com o túmulo ao lado que não foi iluminado.

A vela é acesa para um ritual de conexão, que deixa de lado a luz artificial da lâmpada (que pode ficar ligada por meses), para a iluminação vir do fogo, da chama que através do pavio e da parafina tem um tempo, a duração de uma conversa íntima com preces, lembranças e saudade.

É a Iluminação na “alteridade como potência que indica o sagrado” (PERLIN, 2016, p. 85), no cemitério com a conexão espiritual e no Bosque da Igualdade, na conexão sagrada com os vivos no momento do alimento, do estar junto para o fortalecimento do corpo em mais um ano de vitória sobre a escuridão da morte.

A secularização dos cemitérios no século XIX, o que seria a separação do sagrado, saindo das igrejas com as preces, missas... Chegando à base da propriedade, da casa dos mortos, em uma repetição do cotidiano vigente, perder-se-ia o sagrado. Contudo, por não se viver em um mundo de desencanto, o imaginário rebelou-se (DURAND, 2010). A crença da vida eterna do ente querido, move os enlutados em seus ritos para se reestabelecer a conexão com os familiares, sendo o afeto pelo ente querido falecido, o grande gerador de ações para que a memória deste não se apague, não morra, e suas evidências apareçam com o abandono da casa-túmulo.

Uma compreensão do símbolo, do mito e da imagem como substância da vida espiritual, sem que estes possam ser extirpados, mesmo sendo camuflados, degredados ou mutilados (ELIADE, 2013). O sagrado construído na simbologia da última morada, ficando a cruz para se estabelecer uma ligação do terreno com o espiritual, sendo a terra/cemitério/túmulo a nova morada do corpo, que com o tempo, estarão amalgamados, misturados, tornando-se único.

Essas múltiplas significações e vivências do sagrado são indícios de um reencantamento do mundo, pois “[...] aquele em que se retorna em religação com a alteridade. Ou seja, com o outro da proximidade (o social) e com o Outro do distante (a divindade). O “mistério” é o que une os iniciados entre si, aqueles que compartilham os mesmos mitos” (MAFFESOLI, 2018, p.14). Com o compartilhamento do sagrado, a luz posta pelo outro chega para ambos, os caminhos são iluminados na jornada familiar que se apresenta à nova geração com os cuidados necessários para se garantir as futuras conexões, assim, gerações que compartilham dos mesmos ritos não morrem.

Durante as pesquisas de campo nas Iluminações de 2017 a 2021, encontrei e conversei com várias pessoas enlutadas. Ouvei histórias que ficaram gravadas em mim e que se eternizam nas famílias. São relatos de saudade, alegria, pertencimento, ações rituais para, a cada Iluminação, tornar-se consciente da separação entre vivos e mortos no campo terreno e se estabelecer uma conexão no espiritual. Rituais necessários aos vivos para ultrapassarem o período de luto e vir a aceitação da finitude da vida terrena e renascimento da alma.

a dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado ou respeitado, isto é, “único”, mais a dor é violenta. Não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anônimo, que não era “insubstituível” (MORRIN, 1970, p.31)

Os rituais do velório, cortejo fúnebre, sepultamento e Iluminação, são necessários para a continuação da vida, preservação da memória do morto familiar, sendo um caminho de pertencimento. A dor está ligada à perda de alguém com um grau de importância, que possui uma ligação pessoal, sendo familiar, o ente é querido. Sem esse grau de ligação, importância ou pertencer ao seu círculo interno de afetos, não há a aproximação do luto, pois este não afeta o que não lhe pertence.

A Iluminação dos Mortos durante a Pandemia no ano de 2021, trouxe novos entendimentos sobre a situação vivida dentro dos protocolos sanitários do ano anterior, tendo uma diminuição das restrições aos locais públicos em que a população se acostumara ao uso de máscaras e ao distanciamento social. As famílias curuçaenses se organizaram para ir ao cemitério, voltar a cuidar dos túmulos e preparar suas homenagens guardadas desde o ano anterior.

Encontrei famílias em luto recente que se reestruturaram para realizarem os ritos fúnebres para os seus. A Família Gomes foi uma delas, entrou em luto no ano de 2021, primeiro com a morte do pai, o Senhor Manoel Gomes em abril, três meses depois, houve o

falecimento da mãe, Dona Nely Gomes, ambos acometidos por problemas de saúde. Com o falecimento dos pais, os filhos tiveram que aprender a resolver questões burocráticas da morte como: velório, sepultamento e rituais religiosos.

A família há mais de 60 anos morando fora de Curuçá (moraram em São João da Ponta e São Caetano de Odivelas), passaram por discussões a decidir o local de sepultamento: sobre seguir a vontade dos falecidos ou deixar o sepultamento na cidade em que a família se estabeleceu. Os filhos seguiram as questões práticas: velar em São Caetano de Odivelas e o sepultamento em Curuçá. Uma das filhas cogitou a ideia de ficar em São Caetano porque o pai morou, viveu, construiu a vida em São Caetano por cerca de 60 anos. Contudo, Ângela Gomes⁴⁹, foi firme em realizar o desejo do pai por pensar que assim ele estaria em paz.

Os filhos buscaram conhecer os rituais católicos para satisfazerem os pais que participaram dos movimentos religiosos. A família fez velório, sepultamento, encomenda do corpo, missa de 7º dia e em cada mês, 7 dias de terços em casa, o 7º dia no cemitério e 1 mês de falecimento da mãe, e 4 meses de falecimento do pai na igreja de N. Sra. do Rosário em Curuçá.

Os pais tinham uma relação de pertencimento pela terra natal, Curuçá:

Quando chegou o Dia de Finados foi meio que natural assim, todo mundo meio que só se organizou pra ir, ninguém questionou se deve ir ou não deve, se deve fazer ou não deve, todo mundo só se organizou pra ir... era um momento de conexão com a memória deles e também porque a gente foi criado dentro dessa ideia do que é o Dia de Finados, aí embora a gente achasse que antes não se tinha motivo para que esse dia fizesse parte, era apenas um feriado, mas agora com eles, a gente sabia exatamente o que fazer e porque fazer... a gente só teve que ir buscar lá na nossa formação como esse ser cultural que somos.

Está sendo uma experiência inusitada ter que lidar com a morte e o luto, porque pra gente foi muito tabu em casa, a gente não falava, não conversava sobre isso... sempre tinha uma coisa de medo da morte, medo de fantasma, medo de morto... eu nunca gostei, nunca foi tranquilo ir em cemitério, ir em velório, em sepultamento... só fui aos [velórios] de pessoas mais próximas que realmente eram muito importantes pra mim... inclusive quando a gente era criança tinha medo de cemitério que até na estrada, quando a gente passava na frente de cemitérios... a gente olhava para o outro lado, a gente baixava a cabeça pra não olhar... sempre foi incutido na gente esse tabu, esse medo, né? Uma barreira muito grande de lidar com esse tema... agora forçosamente, a gente tem que encarar tudo isso, a quebrar esses tabus, essas barreiras todas..., mas são descobertas também... no caso do papai e da mamãe, como são eles, esses medos não existiram, isso tudo caiu assim... essa coisa de entrar no cemitério, isso tudo caiu com eles... foi a primeira vez que entrei no cemitério no Dia de Finados, é um aprendizado que a gente tá tendo com isso tudo, em vários sentidos. (Ângela Gomes, 03/11/2021)

Os filhos estão enfrentando os medos dos rituais fúnebres e do cemitério, a morte sempre foi um tabu na família. Com morte dos pais, esse tabu caiu, os medos se foram. É um

⁴⁹ Depoimento coletado em entrevista com a autora em 03 de novembro de 2021.

processo constante de aprendizagem sobre os rituais da Iluminação, que os pais praticaram por tantos anos. Reverenciar a memória dos familiares que já partiram, exige uma preparação, que também inclui ver os familiares vivos, a festividade, a manicuera, os doces. Em 2021, foi um momento de conexão com a memória dos pais. Contudo, os pais eram praticantes da iluminação, os filhos não:

A questão da morte sempre foi um tabu pra gente... já para o papai e para mamãe era diferente, porque eles tinham os parentes falecidos em Curuçá... pra eles era muito sério, respeitar esse dia... era um dia marcante, forte de respeito aos antepassados deles... era um dia que realmente eles iam para o cemitério, eles mandavam preparar... enfim, tinham todo esse ritual de mandar preparar as sepulturas dos parentes... eles iam todo ano para Curuçá. Era sagrado o Dia de Finados eles irem para Curuçá acender as velas, fazeres as orações nos túmulos... Agora, mais recente, eles não iam por estarem idosos, doentes... mas era uma preocupação pra eles, sempre pediam para alguém ir, ou para alguém levar as velas... eles compravam as velas e separavam... eu lembro que era uma coisa assim, uma coisa certa todo ano de acontecer: papai e mamãe separar o dinheiro para comprar caixas de velas, caixas e caixas de velas, e separar para todos os parentes que tivessem... mandavam as coroas, as flores para esse dia... então a gente sabia que esse era o ritual deles e, aí esse ano, a gente pensou que agora a gente que tem essa missão.

Pra eles era o dia de reverenciar essa memória dos familiares que já foram e era todo um preparo, que eles esperavam por aquele dia, porque eles aproveitavam para rever os parentes... tinha a coisa da tradição lá que é meio festiva que tem lá em Curuçá, tem em São Caetano também... essa parte festiva onde tem a venda das comidas... a manicuera que eles gostavam muito, que fazia parte das raízes deles... era tradição eles virem com manicuera, comprar e trazer pra casa, comprar os doces, beijo de moça, biju de mandioca... ficou muito presente pra gente a importância desse dia pra eles... esse ano tivemos que fazer essa inversão, que não eram mais eles que iam ou compravam as velas, e a gente teve que fazer isso... em memória deles e do que representava pra eles.

A primeira Iluminação da Família Gomes foi organizada a partir do comprometimento dos filhos em continuar os rituais que eram realizados pelos pais. Sabiam que tinham recebido uma missão, mas que também era o momento de conexão com os recém falecidos e que se via como um dia estranho, diferente de tudo que eles viviam:

A morte sempre foi um tabu muito grande na nossa família...no nosso núcleo familiar mais restrito... o papai sempre nas conversas, meio de soslaio, assim, ele mencionava, para algumas pessoas... era certo que, quando ele morresse, ele queria ou seria... sepultado em Curuçá porque é de onde ele é natural e onde está sepultada toda a família dele... em nenhum outro lugar, ele tem parentes... Isso era muito natural, essa ideia pra ele... acho que ele mencionada, até com receio [risos] de que alguém cogitasse que isso não acontecesse... isso pra gente até que se tornou meio natural, essa ideia... então a gente nunca questionou sobre isso... quando aconteceu o falecimento dele, eu que estava mais próxima dele, eh... o que aconteceu foi tão inesperado, que realmente, não houve tempo para pensar sobre isso, porque a gente jamais imaginou que ele ia falecer naquele momento... porque a gente achava que ele estava com boa saúde e tal... e quando [suspiro]... inclusive no hospital com ele, em nenhum momento... estava no auge da Covid, a gente com medo desse, eh, da contaminação no próprio hospital, como ele já tinha tido e não estava com Covid... então tava uma agonia muito grande que ninguém tava

pensando direito... os médicos não falaram direito qual era o estado dele direito... só disseram “ele está mal e vai ter que ser entubado” e cinco minutos depois, tchau e bênção, não deu tempo de falar com ele, de me despedir dele... ele estava num situação que eu não acreditava que ia acontecer realmente... eu não tive estrutura pra isso, embora tenha passado pela minha cabeça que, naquele momento, que fosse entubado não poderia voltar, mas eu não admiti isso... fui lá conversei com ele, tomei bênção, mas não me despedi...

A morte como tabu na Família Gomes não os preparou para o Dia de Finado dos pais, não se imaginava que durante um exame médico o patriarca faleceria. Naquele momento, Ângela se preocupou em afastar os pais da contaminação do novo coronavírus, porém a morte chegou em enfermidades que transformou a família e os chamou para o estar junto neste momento de luto:

Ilustração 58 (fotografias) – Família Gomes ilumina pela primeira vez o túmulo da matriarca. Ângela e Gláucia Gomes deixam flores e acendem velas no túmulo da mãe no cemitério São Bonifácio.



Fonte: Beatriz Lispector, 2021.

A primeira Iluminação dos genitores da Família Gomes foi difícil para os filhos enlutados, momento sofrido de um luto recente. Estar no cemitério em um ambiente festivo, foi estranho e doloroso:

Pra mim esse Dia de Finados não foi nada bom, não foi nada legal, foi muito difícil... e não me senti bem, inclusive por ir nesse dia lá, ainda muito sofrida, mas num ambiente muito festivo... a Iluminação foi a primeira vez que fui... foi muito

estranho entrar naquele lugar e as pessoas felizes [choro engasgado], alegres, sorrindo, muita gente, barulho para todo lado e eu só queria silêncio [pausa, choro], então não foi legal!... então não sei como vai ser os próximos anos, mas a partir deste ano, eu me disse que não quero ir lá Dia de Finados, eu vou tipo um dia antes ou vou no dia cedinho, porque, não sei, meio que me atrapalhou, me incomodou, sabe? Muita gente, não consegui ter o meu momento ali, particular digamos assim, com eles, enfim, foi uma experiência estranha, sendo a primeira vez e num ambiente que parecia que o meu sentimento não combinava com aquilo ali naquele momento... o luto é muito forte... uma experiência estranha por esse ambiente de muita gente, embora estivesse num momento de pandemia tinha muita gente ali na frente, lá dentro, era muito trânsito, muita gente se esbarrando...

A entrada no luto é cruel, dilacera, há uma suspensão de sentidos. Realizar a primeira iluminação dos pais no cemitério São Bonifácio em Curuçá, foi um momento de estranhar o espaço fúnebre com os paradoxos da vida na morte, da alegria em um momento de tristeza. Para a Ângela Gomes, sua dor não combinou com as solidariedades festivas. Não conseguiu o silêncio e contemplação da conexão com seus pais, não realizou suas preces.

a prece é o ponto de convergência de um grande número de fenômenos religiosos. Mais do que qualquer outro sistema de fatos, ela participa ao mesmo tempo da natureza do rito e da natureza da crença. É um rito, pois ela é uma atitude tomada, um ato realizado diante das coisas sagradas. Ela se dirige à divindade e à influência; ela consiste em movimentos materiais dos quais se esperam resultados. Mas, ao mesmo tempo, toda prece é sempre, em algum grau, um credo. Mesmo onde o uso a esvaziou de sentido, ela ainda exprime ao menos um mínimo de ideias e de sentimentos religiosos. Na prece o crente age e pensa. E a ação e pensamento estão estreitamente unidos, brotam em um mesmo momento religioso, num único e mesmo tempo. Esta convergência é aliás bem natural. A prece é uma palavra. Ora, a linguagem é um movimento que tem um objetivo e um efeito; é sempre no fundo um instrumento de ação. Mas, age exprimindo ideias, sentimentos que as palavras traduzem para o exterior e substantificam. Falar é ao mesmo tempo agir e pensar: eis porque a prece pertence ao mesmo tempo à crença e ao culto. (MAUSS, 1979. p. 103)

O tempo das preces necessárias para a conexão com os pais, Ângela Nelly e seus irmãos, reservaram para outros dias sem o alvoroço e grande número de pessoas no cemitério. Eles ainda não estão preparados para encarar seus medos, o luto é inicial e profundo, precisa caminhar para o tempo da aceitação da partida. Para realizarem a prece será necessário o silêncio, a oração e a divindade da conexão, um caminho longo a ser iluminado pelo enlutado recente que só sente a dor da separação.

A segunda família que encontrei foi a Monteiro, eles iluminaram o túmulo da matriarca, que teve sua recente partida em agosto de 2021. O que me chamou à atenção foi o viúvo chorando e orando, sendo amparado pelas filhas. Seu Benedito Monteiro de 78 anos, em suas vestes desgastadas pelo tempo, chinelos e chapéu de palha. Lamentava a partida de sua companheira de uma vida inteira, Dona Maria da Conceição Monteiro com 69 anos de idade.

Seu Benedito me contou que sua falecida esposa era uma mulher muito bondosa, generosa, paciente, cuidava de todos, era um anjo. Nos dias antes de morrer, a esposa disse que iria partir. Foram dias estranhos e na véspera dela ir, Seu Benedito viu a morte entrando em sua casa, ela tinha nariz e orelhas grandes, os olhos eram esbugalhados. Então ele perguntou: “Tu é a morte?”⁵⁰ Sem responder a pergunta, o ser tenebroso deu as costas e saiu da casa.

Ilustração 59 (fotografias) – Família Monteiro iluminando o túmulo da matriarca. Seu Benedito e os filhos iluminam o túmulo de Dona Maria. Cansado de tanto chorar, o viúvo senta e observa as velas queimarem.



Fonte: Beatriz Lispector e a autora, 2021.

Em 2021, Seu Benedito chora sem a sua companheira, que em momentos de estar junto, como nas refeições e na hora de dormir, o vazio aperta e a saudade vem. Sentado de cansaço pela tristeza, o viúvo chora e reza pela alma de sua esposa falecida. A imagem do seu Benedito ficou na minha mente, aquele senhor cansado, exausto de tanto chorar, não sabendo

⁵⁰ Depoimento coletado em entrevista realizada pela autora no dia 02 de novembro de 2021.

o que fazer! Uma imagem improvável de um viúvo com suas vestes desgastadas e máscara, no túmulo simples com areia branca, velas e flores.

O encontro de Seu Benedito com a Morte não foi o único relato sobre histórias sobrenaturais que ouvi no ano de 2021. Helielder Ferreira⁵¹, relatou-me da situação vivida por sua família após a Iluminação dos Mortos:

Estava dormindo, eu e a mamãe, aí chega aqui [em casa], o meu primo, desesperado né? Com a esposa passando mal, era um espírito... ele falou: “Primo, me ajuda! Minha esposa está passando mal”... Quando eu abro a porta, ela entra na sala, logo o espírito se manifestou nela, começa a se bater... eu fiquei logo preocupado, bate aquele medo, né?... aí a mamãe falou “Pega pião roxo, passa alho”... E o espírito nada de sair, falei: deixa ela ir embora! Deixa ela em paz! O que você quer?... aí o espírito fala: “Eu quero a minha vela que ela pegou do meu túmulo!”... eu falei: vela?... “É, ela pegou de lá”... tá eu vou pegar uma vela e acender aqui e você sobe, tá bom?... “Não, eu quero a minha vela grande grossa que a minha filha acendeu pra mim!”... aí o espírito começou a se bater, dizendo que ia matar ela, matar o filho dela, que ela tá grávida... eu perguntei como é o teu nome?... “Eu não vou falar! Por que tu quer saber meu nome?”... “Eu sou o demônio!” [risos]... Jura, fofa que você é o demônio? Era contigo que eu queria conversar mesmo. Senta aqui! Quer um café?... Bora, bora, que estou com sono! Deixa de palhaçada, sobe! Que eu já estou [palavrão] contigo... aí teve uma hora que o espírito chamou nome [palavrão] e eu o repreendi... “Hum! Aqui não pode chamar nome [palavrão]!... Debochando da minha cara, disque! Ah, tu queres debochar? Bora, bora!... Comecei a soprar no ouvido dele... Como é o teu nome?... “É Samuel!”... aí a mamãe começou a cantar: “Samuel, Samuel, vai pro céu!” [risos]... “O meu nome não é esse! Tu achas que eu ia dizer o meu nome?” (Helielder Ferreira, 04/11/2021)

Helielder Ferreira relatou a situação vivida por sua família, em que um espírito se apossou do corpo de uma jovem grávida que, segundo o espírito, havia retirado uma vela acesa do túmulo dele. Essa possessão aconteceu após a prática de recolherem a parafina derretida dos túmulos e do cruzeiro para serem vendidas. O casal envolvido no encontro com o morto, não esperou a vela derreter, causando a revolta do morto. A confusão foi encerrada depois de muita conversa e uma vela acesa na intenção do morto invasor.

A história do morto que se revolta contra alguém que retirou algo de seu túmulo é conhecida pela literatura de Carlos Drummond de Andrade no conto FLOR, TELEFONE, MOÇA⁵², que narra a história de uma jovem que, ao morar próximo do cemitério São João Batista no Rio de Janeiro, sempre observava os enterros que passavam. Depois criou o hábito de passear pelo cemitério observando as lápides e as plantas. Um dia ao retornar para casa, começou a receber telefonemas insistentes de alguém pedindo para ela devolvesse a flor que havia arrancado do seu túmulo. Após a investigação de familiares e do envolvimento da

⁵¹ Entrevista realizada pela autora em 04 de novembro de 2022.

⁵² Carlos Drummond de Andrade, no livro “Contos de aprendiz”. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. In: <https://www.revistaprosaversoarte.com/flor-telefone-moca-carlos-drummond-de-andrade>. Acesso em 04 de jan. de 2022.

polícia para descobrirem quem telefonava, de consultas espirituais, da mãe da moça comprar flores e plantar em cinco túmulos no São João Batista para satisfazer o morto, nada deu jeito para cessarem as ligações de uma voz lenta e longe. Após longos dias de telefonemas, a moça faleceu de cansaço e loucura. Contudo, pelo menos, cessaram os telefonemas.

No imaginário curuçaense, os mortos convivem entre os vivos e alguns cuidados são necessários para que a energia dos mortos não os faça mal: pede-se licença para entrar no cemitério, pede-se desculpas quando é necessário passar por cima de túmulos ou levar algo que está no campo santo. Não se passa na frente do cemitério ou em encruzilhadas nas horas mortas (hora dos mortos): 6h, 12h, 18h e 0h, para não ser olhado, encostado ou seguido por mortos.

Com o retorno gradual à Iluminação no ano de 2021, houve um suspiro no que parecia um “quase normal”, contudo o anúncio da prefeitura municipal sobre o fechamento do cemitério às 18h no Dia de Finados, causou revolta nas famílias enlutadas, vendedores e biscateiros que ameaçaram invadir o cemitério para realizar seus rituais. Com a ameaça feita, às 14h Augusto Favacho (assessor da prefeitura municipal de Curuçá) anunciou, em suas redes sociais, o não fechamento do cemitério neste dia:

Ilustração 60 (screenshot) – Nas redes sociais a resposta sobre a restrição de horário da Iluminação 2021. Augusto Favacho em suas redes sociais, com um vocabulário típico curuçaense, anuncia o horário liberado da visitação ao cemitério e convida todos a gustarem a manicuera.

Augusto Favacho
2 de nov. de 2021 · 🌐

ATENÇÃO.
Horário de visitasões e homenagens no São Bonifacio; manhã, tarde e noite. Bora logo é dá_ lhe nessa manicuéra kié!!!

👍👍 38 13 comentários · 2 compartilhamentos

Diana Ellen Cabral e outras 37 ...

Joelma Nunes
🤔😂
8 sem Curtir Responder 1 👍

Augusto Favacho
E que toda hora é um papo que a manicuéra só vai até 18, télezué, não sei onde surge isso, espero que tenha sido cRaRU!!!
Mano, vai a hora que tu quiSÉ, mas não arruma mais um fake, égua kkkkkkkj.
8 sem Curtir Responder 2 😂

Rose Sousa
[Augusto Favacho](#) foi o que fiquei sabendo.
Coisa que não procede então né?
8 sem Curtir Responder

Lica Borges
[Augusto Favacho](#) eu ja até tomei e ainda vou levar pra tomar depois da minha cirurgia kkkk
8 sem Curtir Responder 1 👍

Fonte: Screenshot da rede social de Augusto Favacho, 2021.

Após burburinhos na cidade de que o cemitério seria invadido à noite pelos praticantes da Iluminação, devido a restrição de horário das 8h às 18h. Nas redes sociais, Augusto Favacho (assessor da prefeitura municipal de Curuçá) se pronunciou com um vocabulário bem popular entre os curuçães, dizendo que o cemitério ficaria aberto durante o tempo inteiro, acabando com a polêmica. Sendo que, esta não é a primeira e nem parece ser a última polêmica envolvendo o cemitério São Bonifácio. No ano de 2009, participantes e praticantes da Iluminação se revoltaram contra o poder público municipal da época, por ter pintado o muro do São Bonifácio de vermelho:

Ilustração 61 (fotografia) – Nota de Jornal sobre confusão causada pela pintura do muro do cemitério São Bonifácio no ano de 2009



Fonte: Jornal O Liberal, 02 de novembro de 2009, arquivo da autora.

A infinita disputa política em Curuçá chegou a cores e ao mundo dos mortos. Inconformados com a mudança por ordem do prefeito Fernando Cruz (PMDB) da tradicional cor preta pela vermelha na pintura do cemitério municipal São Bonifácio, para o dia de Finados, adversários do gestor resolveram na manhã de ontem partir rumo àquele campo Santo, onde, armados com pincéis e baldes de tinta preta, pintaram nesta cor onde havia sido pintado de vermelho. O gesto foi aplaudido pelos que viram a cena. "Consideraram uma afronta o prefeito ter mandado pintar de vermelho o cemitério", disse um senhor aposentado enquanto assistia ao ato. Cerca de meia hora depois da troca de cor, partidários de Fernando Cruz foram até o mesmo cemitério fundado em 1855, e voltaram a pintar de vermelho o que momento

antes tinha sido pintado de preto. Só que antes de terminar o trabalho, e sabendo do que estava acontecendo na cidade às vésperas do dia dedicado aos mortos, o juiz titular da Comarca de Curuçá, Procion Klautau, mandou que a escaramuça política cessasse, e que toda a frente do cemitério fosse pintada de branco.

O magistrado também marcou, para amanhã, uma reunião pública para discutir a situação que beirava o ridículo. Um detalhe que não pode passar despercebido é que as cores oficiais do município são o azul e o amarelo. Em contato telefônico com a reportagem, o prefeito Cruz disse que a cor vermelha foi adotada na sua administração e é ela que emoldura prédios e carros da prefeitura. “Não pintei túmulo de ninguém, apenas foi usada a cor oficial do nosso mandato, a marca do nosso governo. Agora vamos processar esses arruaceiros por dano ao patrimônio público”, disse.

Seus desafetos, porém, dizem que ele pintou o muro de vermelho “porque é a cor do partido dele”, e lembram que Fernando Cruz “quer conduzir Curuçá como se fosse um ditador”. Um dos organizadores do protesto contra o vermelho de Fernando Cruz, disse que o preto e o branco são as cores tradicionais usadas na pintura do cemitério. “O preto simboliza o luto e o branco a paz. Ele (Cruz) quis fazer pirraça com a cara dos curuçaenses, mas se deu mal, o povo não gostou do que viu”, disse Orlando.

(Jornal O Liberal, 02 de novembro de 2009)

A polêmica sobre a pintura do muro do cemitério São Bonifácio no ano de 2009 se deu por conta do prefeito daquela gestão, mandar pintar o muro de vermelho, o que para muitos curuçaense foi uma afronta, pois segundo os revoltosos, a cor da fachada do cemitério é preta e branca. O prefeito retrucou dizendo que ele não pintou nenhum túmulo, mandou pintar somente a fachada do prédio do cemitério, sendo que todos os prédios públicos também estavam pintados de vermelho. Depois de tanta confusão, briga entre os revoltosos e os simpatizantes do prefeito, todos saíram pintados de branco, preto e vermelho.

Depois da revolta pela restrição de horário de visitas ao cemitério São Bonifácio em 2021, houve uma Festa de Finados com uma totalidade de 80% do seu público, venda de comidas, bebidas, grinaldas de flores e velas, bandas de música tocaram dentro cemitério. Houve uma renovação das energias que motivaram o curuçaense a retornar ao cemitério São Bonifácio para zelar pelas casas-túmulo, reencontrar os vizinhos de sepultura, frequentar o Bosque da Igualdade, degustar a manicuera e comer o doce de tapioca em mais um ano que se venceu a escuridão da morte ao iluminar os caminhos de seus mortos familiares.



CAMINHOS ILUMINADOS



5 CAMINHOS ILUMINADOS

A trajetividade no doutoramento para compreender as espetacularidade entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA, deu-se em um mergulho no espelho do autoconhecimento, despertado no luto pela morte do meu pai. Processo doloroso em perceber minhas sombras, a partir da luz irradiada pela chama da vela que acendi para os mortos. Trajeto de um luto particular que depois vivenciei coletivamente em um mundo pandêmico. Um movimento espiralado de metalinguagem no amalgamento da etnocenóloga enlutada em alteridade no campo de pesquisa sobre ritos fúnebres e a vivência em um período de Pandemia.

Um metaprocesso de busca da poética da morte em um ato de escritura. Entre imagens-força, desenhos autorais, maquete do campo e descobertas de vocábulos que constroem a compreensão do fenômeno de pesquisa em uma escrita autoral da artista-pesquisadora embricada no texto reflexivo. Poéticas com o corpo-encostado das energias ancestrais no cemitério e na rua, nos Autos do Círio 2017, 2018, 2019 e 2021.

A dimensão espiritual da Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA, extrapola os limites do cemitério para o estar junto de amigos e familiares no Bosque da igualdade. É uma atmosfera festiva que envolve identificações com o espaço geográfico, com a ritualização de uma tradição criada em Curuçá após a transferência do cemitério-igreja para o cemitério secular. Envolvendo a mudança espacial cemiterial e as concepções sobre a morte de si mesmo e a morte do outro, em um movimento reflexivo de se compreender a morte de si mesmo na morte do outro.

Noções de pertencimento e afeto, envoltos do imaginário das simbologias vigentes ao participar e compreender o ato de reconexão com os mortos familiares, são energias geradoras de espetacularidades. Onde o particular das orações de conexão entre vivos e mortos, faz parte de uma ação coletiva com o sagrado.

Sendo um *Rito Espetacular Sagrado Secular*, a Iluminação dos Mortos envolve a alteridade entre concepções religiosas diferentes imersas no mesmo campo santo, administrado pelo poder público municipal e regido pelos praticantes da iluminação que tomam para si mesmos o cemitério São Bonifácio, como parte de seu território familiar habitado por seus mortos. Um espaço coletivo, não público. A casa é dos mortos, não da administração pública. Limite de entendimento que quando é ultrapassado pela imposição de horário de visita ou pintura que fuja à simbologia de paz e descanso eterno, sofre reivindicações dos zeladores de túmulos – os parentes dos mortos.

Quanto à estrutura espacial cemiterial curuçaense, houve uma mudança não somente de território da igreja-cemitério – igreja de N. Sra. do Rosário até 1855 –, para o cemitério secular – São Bonifácio, com o primeiro sepultamento registrado em 1856 –, como também, houve mudanças quanto às mentalidades sobre a morte. E para compreender as lacunas deixadas pela modificação estrutural do primeiro cemitério de Curuçá, cunhei a noção de *Campo Movente* em que movi minhas percepções para a igreja histórica da Ordem Terceira do Carmo em Sabará-MG, por conservar características de igreja-cemitério que esteve em atividade até o século XIX e sendo contemporânea da igreja-cemitério de Curuçá. Noção que ampliou o entendimento sobre o campo, possibilitando traçar seus limites espaciais e que almejo contribuir metodologicamente para novas percepções sobre campos de pesquisa.

Quanto à estrutura do cemitério secular São Bonifácio, apresento a noção de *Corpo-cemitério*: estruturado em formato de cruz, está disposto dentro das tradições fúnebres da posição corporal em que o morto chega na nova casa: pelos pés, contrário da posição do nascimento que é pela cabeça. A cruz do Corpo-cemitério está com a cabeça na entrada do cemitério e os pés está na saída. O meio deste corpo é o cruzeiro, o umbigo, fulcro de energia que conecta o mundo terreno ao mundo espiritual. O cemitério é o Cosmos que abriga microcosmos (casas-túmulo), sendo um corpo cuidado por um trabalhador exclusivo para realizar construções, pinturas e limpeza nas casas-túmulo. O *Biscateiro* em seu trabalho de respeito aos mortos e suas casas, é um papel social adverbialmente espetacular, dentro das Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados.

Dentro da dimensão simbólica da Iluminação dos Mortos há dois lugares de interações sociais: O cemitério São Bonifácio e o Bosque da Igualdade. O Corpo-cemitério é o local para as conexões com os mortos e o Bosque, para a interação entre os vivos. Quanto à dimensão Sagrada e Profana, ela aparece sem nenhuma divisão para os praticantes da iluminação, pois tudo lhe pertence, sendo tudo sagrado. Para o participante a linha de diferença aparece como o cemitério sendo sagrado e Bosque, a parte profana. Quanto ao observador, este irá elaborar uma divisão de acordo com suas convicções.

Para o praticante da iluminação, o afeto pelo ente querido e o pertencimento deste pelo ambiente, rituais, comensalidades e território, são energias que geram as espetacularidades *Zeladores de túmulos*, que se responsabilizam pela preservação da casa-túmulo e preservação da memória do morto familiar. Os *Vizinhos de Sepultura*, que convivem com a vizinhança de vivos visitantes do cemitério. O *Cemitério Fashion*, praticantes em alteridade na Iluminação que se arrumam para passear, namorar, encontrar amigos e parentes.

Para o Dia de Finados, os praticantes da iluminação preparam o espaço cemiterial, as

comidas típicas como a *manicuera*, que é a deflagradora do período dos mortos – uma bebida adocicada, preparada por gerações de mulheres que se reconhecem pertencentes ao ofício herdado de suas mães. É uma bebida da tradição em lembrar seus antepassados vivos ou mortos.

Durante as minhas vivências no campo de pesquisa, estabeleci conexões com biscateiros, vendedoras de manicuera, vendedoras de grinaldas de flores, de doces e conversei com praticantes, participantes e observadores das iluminações diurnas e noturnas. Nestes mais de quatro anos, algumas condições mudaram quanto a essas interações com a Iluminação. Uma mudança que percebi bem latente é o luto recente. Sendo o tempo o diferencial para os enlutados, como o que aconteceu com a vendedora de grinalda de flores, Juciara Rodrigues. No início da pesquisa em 2017, existia uma concentração de seu trabalho e participação voltadas para o Bosque da Igualdade, em interações sociais com toda a sua família, depois do falecimento de seu marido em 2020, ela passou a frequentar somente o cemitério e diz não conseguir ir para o Bosque, não se sente confortável naquela dimensão festiva.

Com a alteridade em campo com os praticantes da Iluminação, em um mergulho epistemológico na Etnocnologia, enquanto etnocnóloga de ritos fúnebres, compreendi as espetacularidades entrecruzadas de afeto, sentimento de pertença aos seus territórios, atividades, rituais com seus mortos e de si mesmos. Que o festivo está ligado ao sagrado das conexões entre os vivos e a conexão com os mortos. Momentos que mudaram de tom com a chegada da Pandemia da Covid-19, que trouxe uma suspensão das confraternizações na Iluminação. Contudo, fez saltar a importância de iluminar os caminhos dos seus, pois mesmo com a impossibilidade de ir ao cemitério, velas foram acesas em quintais e cruzeiros da cidade.

A Covid-19 vitimou mais de 660 mil brasileiros até março de 2022, além da separação provocada pela morte, trouxe a separação pelo distanciamento social, tirou o direito ao velório e despedidas... A não concretização das etapas rituais da morte, podem acarretar prejuízos para os enlutados quanto à saída do luto. Em 2020, fui grata por ter realizado todas as etapas de despedida do meu pai, pois poder velar seus mortos, realizar seus pedidos, vê-los pela última vez e se despedir com suas músicas preferidas, não tem preço! Reaprender a viver sem ter a presença de quem se ama, é difícil!

Em Curuçá, na primeira Iluminação durante a Pandemia em 2020, os protocolos sanitários foram respeitados, contudo na de 2021, não. Os Praticantes retomaram para si, o território de seus mortos e realizaram seus rituais. O distanciamento social provocado pela Covid-19, tem provocado o curuçense a demonstrar seu sentimento de pertencimento, na

maioria das vezes, de forma bem-humorada como fez o bloco de carnaval Pretinhos do Mangue em 2021 que publicou em suas redes sociais que não participaria do carnaval porque “os mariscos entraram em greve reivindicando o distanciamento na maresia, isolamento social na preamar, aumento salarial e exigem a volta do auxílio emergencial”⁵³. Como também já é de praxe, o curuçaense brincar com a morte até colocando apelidos em seus amigos, usando a lógica de que *Curuçá é a Terra do contrário*, pois “O pelado é cabeludo, o acordado é dorminhoco. O que chamam de Prefeito nunca foi nem vereador. O Padre não reza a missa, o Delegado é cobrador. O Morte e o Finado jamais pensam em morrer...”⁵⁴.

Nestes tempos pandêmicos, o autoconhecimento me conduziu a novas maneiras de me relacionar com temas que me emudecem. Uma boa reflexão vem de *Midnighth Gospel*⁵⁵ que discute vários temas ligados à vida, sendo a morte parte integrante dela. Com o ritual de conexão aos antepassados na Iluminação dos Mortos em Curuçá, compreende-se que, todas as vezes que se acende a chama de uma vela para iluminar os caminhos de alguém, a luz reflete em quem a acendeu. Logo, quem iluminar os seus, ilumina a si mesmo. Com a consciência clara desta prática, Marlon Ziel acende velas a si mesmo, realizando uma autoiluminação, pois iluminar é iluminar-se!

⁵³ Texto de Adal Favacho que se encontra nos anexos desta tese.

⁵⁴ Controvérsias curuçaenses. Banda Esquema Embaloê. Texto completo nos anexos desta Tese.

⁵⁵ *The Midnight Gospel* é uma série animada de ficção científica estadunidense, sobre entrevistas de temas filosóficos reais, criada por Pendleton Ward e Duncan Trussell, lançada na Netflix em 20 de abril de 2020. É a primeira produção animada de Ward para a rede de streaming. A série traz entrevistas entre Trussell e diversos convidados em aventuras fantásticas através do multiverso, ambientado em uma dimensão chamada *The Chromatic Ribbon*, uma nave espacial criada pelo personagem Clancy, que simula os planetas. Por onde viaja por mundos prestes a ter seus próprios apocalipses, onde entrevista alguns de seus residentes, que é exibido no podcast (chamado de *espaçocast*) que incluem Phil Hendrie, Stephen Root, Drew Pinsky, Trudy Goodman, Jason Louv, Caitlin Doughty, Michael Marcanio, Maria Bamford, Joey Diaz, David Nichtern e Deneen Fendig. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Midnight_Gospel Acesso em 04 de jan. de 2022.

REFERÊNCIAS

Livros

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o Luto**. Tradução: Fernanda Abreu. Companhia das Letras. Editora Schwarcz S.A: São Paulo, 2021. Versão digital. 978-65-5782-210-4

AIREY, Raje; O'CONNELL, Mark. **Almanaque Ilustrado Símbolos: origens, significados, utilização e revelação dos códigos secretos dos mistérios, magia e sabedoria de todos os tempos**. Débora Ginza (tradução). Escala: São Paulo, 2010.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARENZ, Karl Heinz. **“Fazer sair da selva”**: as missões jesuíticas na Amazônia. Belém: Estudos amazônicos, 2012.

ARIÈS, Philippe. **O Homem diante da morte**. Tradução: Luiza Ribeiro. Volume II. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).

BABA, Sri Prem. **Propósito: a coragem de ser quem somos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

BACHELARD, Goston. **A Chama de uma Vela**. Glória de Carvalho Lins (tradução). Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda numa perspectiva compreensiva**. Cruz das Almas/BA: UFBA, 2014. 112p. ISBN978-85-61346-62-1.

CHOPRA, Deepak. **O Efeito Sombra**. Tradução: Aline Klesck. Lua de Papel: São Paulo, 2010.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. [Tradução Rogério Fernandes] – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Trópicos).

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 4 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FERREIRA, Paulo Henrique dos Santos. **Fragmentos históricos de Curuçá**. 1ª Edição, volume I. Castanhal – Pará: Graf – Set, 2002.

FERREIRA, Paulo Henrique dos Santos. **Fragmentos históricos de Curuçá**. 1ª Edição, volume II. Castanhal – Pará: Graf – Set, 2005.

FERREIRA, Paulo Henrique dos Santos. **Fragmentos históricos de Curuçá**. 1ª Edição,

volume III. Curuçá – Pará: Edição do Autor, 2017.

GENNEP, Armand Van. **Os ritos de passagem**. Tradução Mariano Ferreira. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org.), tradução de Celina Cardim Cavalcante. **A invenção das tradições**. 13ª. Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

JUNG, C. G. **Sobre sentimentos e a sombra**: sessões de perguntas de Winterthur. Tradução de Lorena Richther. 2 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 2 ed. São Paulo/; Brasiliense, 1986.

MAUSS, Marcel. A Prece. In: Roberto Cardoso de Oliveira (Org.). **Marcel Mauss**: Antropologia. Tradução de Regina Lúcia de Moraes Morel. São Paulo: Ática, 1979 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

MONTES, Maria Lúcia. **As Figuras do Sagrado**: entre o público e o sagrado na religiosidade brasileira. 1ª edição. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2. ed. Mem Martins: Europa-América, c1970. 326p. (Biblioteca universitária, 19)

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica** – Uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

PEIXOTO, José Lins. **Morreste-me**. Porto Alegre: Dublinense, 2015

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além**: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006

SANTA BRIGIDA, Miguel de. **O Auto do Círio**: Drama, Fé e Carnaval em Belém do Pará. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/ICA/UFPa, 2014. (Série Arte e Pensamento).

SOUSA, Ricardo Luiz de. **A morte no Brasil**: representações e práticas. Curitiba: PUCPRESS, 2020. ISBN 978-65-87802-03-9 (E-book).

Capítulos de livro ou verbete assinado em enciclopédia

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Um trajeto, muitos projetos. In: BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. (org.). **Artes do corpo e do espetáculo**: questões de etnocologia. P & A Editora: Salvador, 2007, p. 21 -42.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Um léxico para a etnocologia: proposta preliminar. In:

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A gráfica e Editora, 2009a, p. 33-43.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma cenologia geral. *In*: BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A gráfica e Editora, 2009b, p 89-94.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Estética performática e cotidiano. *In*: BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio de Michel Maffesoli. Salvador: P & A gráfica e Editora, 2009c, p. 123-139.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Teatralidade e Espetacularidade. *In*: BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio Michel Maffesoli. Salvador: P & A Gráfica e Editora, 2009d, p. 161- 168.

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

VELOSO, Jorge das Graças; SANTA BRIGIDA, Miguel de. Trajetos e Narrativas: Entrecruzando Caminhos – Etnocenologia e Abrece (GT ETNOCENOLOGIA). *In*: **ABRACE 20 ANOS: CELEBRANDO A DIVERSIDADE**. Org. José Tonezzi, Luciana Lyra e Matteo Bonfitto, UFRN – Natal-RN, 2020, p. 169-185. ISBN 978-65-88507-00-1 (e-book)

Monografias, Dissertações ou teses

CAMPOS, Kleber Douglas Neves de. **Arte Funerária**: eternização social no cemitério São Bonifácio de Curuçá/PA. 2014. 57 f. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais- PARFOR). Universidade Federal do Pará- Instituto de Ciências da Arte, Castanhal, 2014.

CARVALHO, Ana Cláudia Moraes de. **Putá, Pistoleira, Dona de Cabaré**: a espetacularidade do corpo-cavalo-travestido de Dona Rosinha Malandra no Templo de Rainha Bárbara Soeira e Toy Azaka. Icoaraci/Pa. 209f. Tese. Doutorado Acadêmico em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA). Belém – PA, 2021.

CHAGAS, Eduardo Wagner Nunes. **O AUTO DO SANTO PRETO E A BÊNÇÃO DAS TRÊS FOMES**: A carnavalização-afeto das festividades jurunenses de São Benedito em Belém do Pará. 318f. Tese. Doutorado Acadêmico em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA). Belém-PA, 2020.

LACET, Juliana Lemos. **Os rituais de morte nas irmandades de Escravos Libertos**: Vila Rica, Século XVIII. 53f. Dissertação. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana-MG, 2003.

LUCENA, Sérgio Odilon Guimarães. **A Carnavalização da Morte no Rito do Frete em São João do Abade de 2016 – 2018**. 50f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Pará. Bragança-PA, 2018.

NEGRÃO. Marcus Vinícius Nascimento. **Illuminando os Mortos**: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis – Pará. 2014. 161f. Dissertação

(Mestrado Acadêmico em Antropologia). Universidade Federal do Pará. Belém – Pará, 2014.

RUIVO, Maria do Socorro Pinheiro. **Processos de conhecimentos tradicionais**: do plantio da Mandiocaba à degustação da Manicuera, em frente ao cemitério, no Dia de Finados em Curuçá – Pará. 2010. 42f. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial). Faculdade Integrada Brasil Amazônia – FIBRA. Belém – PA, 2010.

SALES, Valéria Fernanda Sousa. **Lágrimas e cachaça**: a espetacularidade do cortejo fúnebre do Frete em São João do Abade, Curuçá-PA. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2014.

SILVA, Filipe Dias Santos. **A Etnocologia no Brasil e suas espetacularidades**: encruzilhadas metodológicas e teóricas. 214f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

Artigo em Periódico

BONOMO, Júlia Resende. Alimentando o luto: uma pesquisa sobre as comidas servidas nos velórios de Entre Rios de Minas e Belo Horizonte. **REVISTA M**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 442-457, jul./dez. 2018.

DURAND, Gilbert. O retorno do mito: introdução à mitodologia. Mitos e sociedades. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 23, abril 2004, quadrimestral.

MAFFESOLI, Michel. Arcaísmo, cibercultura e reencantamento do mundo: as dobras do cotidiano tecnológico. Tradução: Eduardo Portanova Barros. **Comunicação & Informação**, Goiânia – GO. v. 21, n. 2, p. 4-18, jun./set. 2018

MOTA, Antonio. Formas Tumulares e Processos Sociais nos Cemitérios Brasileiros. *In*: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 24, nº 71, outubro/2009.
<https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000300006>

NOGUEIRA, R. DE S. Elos da Memória: passado e presente, cemitério e sociedade / Links of memory: past and presente, cemetery and society. **Vivência**: Revista de Antropologia, v. 1, n. 39, p. 81-90, 8 maio 2012.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

REESINK, Mísia Lins. Reflexividade Nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de Finados. **Mana** [online]. 2010, v. 16, n. 1 [Acessado 01 novembro 2021], pp. 151-177. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000100007>>. E publicado em 20 agosto de 2010. ISSN 1678-4944. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000100007>.

SANTA BRIGIDA, Miguel de. A Etnocologia na Amazônia: Trajetos-Projetos-Objetos-Afetos. *In*. **Repertório**: teatro & dança. Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro. Escola e Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Ano 18, n. 25 (2015. 2) – Salvador: UFBA/PPGAC. ISSN 1415-32-03. p. 13-23.

SILVA, Andreia Vicente da. RODRIGUES, Cláudia. AISENGART, Rachel. Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 13, n. 30, p. 214-234, set/dez. 2021.

Disputa política faz muro ser pintado de vermelho e preto em Curuçá. **O Liberal**. Atualidades 7, 02 de novembro de 2009. Jornal impresso.

Trabalho em Anais de Evento

BARBOSA, Jamille. O Equipamento Público Cemitério no ordenamento urbano dos séculos XIX e XX. In: **Anais do VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**. UNIRIO – Rio de Janeiro – RJ, 2015. p. 157-171.

BRITO, Paulo Lima de. Arte até na hora da morte no cemitério municipal São José (Parangaba). Fortaleza-CE. In: **Anais do VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**. UEMG – Belo Horizonte – MG, 2013. p. 256-267.

CAINO, Thaissa de Castro Almeida. Cidade, cemitério e memória: os casos de Cruz Alta, RS e Belo Horizonte, MG. In: **Anais do VIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**. UDESC – Florianópolis – SC, 2017. p. 163-172.

COSTA, Nayara Santana. SILVA NETO, Francisco Rodrigues da. Morte e Vaidade: Transformações das práticas de enterramento na sociedade belenense na década de 1850. In: **Anais do VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**. UNIRIO – Rio de Janeiro – RJ, 2015. p. 172-189.

FRANCO, Maria da Conceição Vilela. A Marca da Cruz: Introdução ao Estudo sobre a Simbologia das Cruzes na Necrópole Pública dos Campos Dos Goytacazes/RJ – Entre o Império e a República. In: **Anais do VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**. UNIRIO – Rio de Janeiro – RJ, 2015. p. 59-73.

HAGE, Fernando. Vestindo a Fé: o Círio de Nazaré em Belém. **Anais do 9º Colóquio de Moda**. ABEPEM: Fortaleza, 2013.

PERLIN, Sandra Terezinha. Alteridade: o meu profano é sempre o sagrado de alguém. In: **ANAIS DO III ENCONTRO PARAENSE DE ETNOCENOLOGIA**- Espetacularidades Etnocenológicas: alteridades, estéticas, poética. Maria Ana Azevedo de Oliveira, Miguel Santa Brigida, Otávia Feio Castro (Org.). Belém: PPGARTES / ICA / UFPA. 2016, p. 83 – 86. ISBN: 978-85-63189-51-6

RIBEIRO, Dimas dos Reis. O Poder da Secularização no Mundo dos Mortos. In: **Anais do VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**. UNIRIO – Rio de Janeiro – RJ, 2015. p. 207-215.

SANTA BRIGIDA, Miguel de. A Etnocenologia como desígnio de um novo caminho para a pesquisa acadêmica – ampliação do modo e lugar de olhar a cena contemporânea. In: BIAO, Armindo Jorge de Carvalho (org.). **V Colóquio de Etnocenologia**. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador: Fast design, 2007, p. 199-203.

SANTA BRIGIDA, Miguel de. Etnocorpografias dos Terreiros Afro-Amazônicos: imersões metodológicas da Etnocenologia. *In: IX Congresso da ABRACE – Poéticas e Estéticas descoloniais – Artes Cênicas em campo expandido*. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia – MG. v. 17, n. 1 (2016). ISSN 2176-9516.

SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. O Cemitério e seus artefatos como sustentáculo cultural. *In: Anais do VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais*. UEMG – Belo Horizonte – MG, 2013. p. 486-498.

SANTOS, Sara Jane dos. A arte Cemiterial como fator de distinção e eternização do status social no cemitério São Francisco de Paula. *In: Anais do VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais*. UEMG – Belo Horizonte – MG, 2013. p. 240-255.

SCHMITT, Juliana. Vestuário e Comportamento de Luto no Brasil Oitocentista. *Anais do 13º Colóquio de Moda*. UNESP: Bauru – SP, 2017.

TOMASI, Júlia Massucheti. Enterros, Velórios e Cortejos: O Patrimônio Imaterial Funerário no Município de São Martinho/SC. *In: Anais do VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais*. UNIRIO – Rio de Janeiro – RJ, 2015. p. 418-429.

Entrevistas

BORGES, Marta. Depoimento coletado em 10 de novembro de 2021. Curuçá-PA. Áudio. Entrevista realizada pela autora.

FERREIRA, Comendador Paulo Henrique. Depoimento coletado em 03 de novembro de 2019. Curuçá-PA. Caderno de Campo. Entrevista realizada pela autora.

FERREIRA, Família. Depoimento coletado em 02 de novembro de 2021. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Caderno de Campo. Entrevista realizada pela autora.

FERREIRA, Helielder. Depoimento coletado em 04 de novembro de 2021. Curuçá-PA. Áudio. Entrevista realizada pela autora.

GOMES, Ângela. Depoimento coletado em 11 de novembro de 2021. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Áudio. Entrevista realizada pela autora.

MAGNO, Hítalo. Depoimento coletado em 05 de janeiro de 2022. Curuçá-PA. Caderno de campo e áudio. Entrevista realizada pela autora.

MONTEIRO, Família. Benedito Monteiro. Depoimento coletado em 02 de novembro de 2021. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Caderno de Campo. Entrevista realizada pela autora.

MONTEIRO, Família. Prof^a Elza Monteiro. Depoimento coletado em 02 de novembro de 2021. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Caderno de Campo. Entrevista realizada pela autora.

MONTEIRO, Maicon. Depoimento coletado em 10 de novembro de 2021. Curuçá-PA.

Áudio. Entrevista realizada pela autora.

NASCIMENTO, Família. Depoimento coletado em 02 de novembro de 2018. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Caderno de Campo. Entrevista realizada pela autora.

NEVES, Marlon Ziel. Depoimento coletado em 02 de novembro de 2019. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Vídeo. Entrevista realizada pela autora.

OLIVEIRA, Carolina. Depoimento coletado em 27 de dezembro de 2021. Curuçá – PA. Entrevista realizada pela autora.

PALHETA, Celina de. Depoimento coletado em 31 de outubro de 2017. Curuçá-PA. Entrevista realizada pela autora.

PEREIRA, Arquelau. Depoimento coletado em 29 de outubro de 2019. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Vídeo. Entrevista realizada pela autora.

PEREIRA, Antônio Carlos. Depoimento coletado em 08 de julho de 2018 e 10 de julho de 2019. Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Sabará-MG. Vídeo, caderno de campo. Entrevista realizada pela autora.

RODRIGUES, Juciara. Depoimento coletado em 10 de novembro de 2021. Curuçá-PA. Áudio. Entrevista realizada pela autora.

RODRIGUES, Juliana Caroline de Souza. Depoimento coletado em 02 de novembro de 2017. Bosque da Igualdade, Curuçá-PA. Caderno de Campo. Entrevista realizada pela autora.

SANTOS, Ana Sérgia Rocha dos. Depoimento coletado em 31 de outubro de 2019. Bosque da Igualdade, Curuçá-PA. Vídeo. Entrevista realizada pela autora.

SILVA, Família. Depoimento coletado em 02 de novembro de 2018. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Caderno de Campo. Entrevista realizada pela autora.

SILVA, Família. Depoimento coletado em 02 de novembro de 2021. Cemitério São Bonifácio, Curuçá-PA. Caderno de Campo. Entrevista realizada pela autora.

Documentos

CARTA RÉGIA nº 18 (1801): Carta régia a Fernando José de Portugal, vice-rei e capitão-general do Estado do Brasil no Rio de Janeiro, proibindo os sepultamentos nas igrejas e ordenando a construção de um ou mais cemitérios fora da cidade do Rio de Janeiro. In: Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Acesso realizado em 23 de dezembro de 2021. <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/435993>

LIVRO DE ÓBITOS: Curuçá-PA (1826 – 1872). Arquivo Público Municipal de Curuçá-PA.

Sites

ASSOCIAÇÃO FOTOATIVA. BELÉM – PA. <https://fotoativa.org.br/Quem-somos>. Acesso em 22 de dez. de 2021.

ARMADOR FUNERÁRIO. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/armador>. Acesso em 23 de dezembro de 2019.

AUTO DO CÍRIO. <http://www.ica.ufpa.br/index.php/pt/ultimas-noticias/269-auto-do-cirio-2019>. Acesso em 14 de jan. 2020.

AUTO DO CÍRIO 2017. <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/672-auto-do-cirio-vai-as-ruas-com-o-tema-por-uma-belem-de-paz>. Acesso em 14 de jan. 2020.

AUTO DO CÍRIO 2018. <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/9112-auto-do-cirio-celebra-maria-diversidade-do-amor-nesta-sexta-feira-dia-12>. Acesso em 14 de jan. 2020.

AUTO DO CÍRIO 2019. <http://www.ica.ufpa.br/index.php/pt/ultimas-noticias/269-auto-do-cirio-2019>. Acesso em 14 de jan. 2020.

BODY ART. https://pt.wikipedia.org/wiki/Body_art. Acesso em 14 de jan. 2020

CEMITÉRIO DA SOLEDADE.
(https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemit%C3%A9rio_de_Nossa_Senhora_da_Soledade). Acesso em 22 de dez. de 2

CRIANÇA INTERIOR (<https://blog.psicologiaviva.com.br/nossa-crianca-interior-e-sua-influencia-em-nosso-eu-adulto/>). Acesso em 27 de dez. de 2021.

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ (Cabo de Santo Agostinho – PE)
(<http://wikimapia.org/7758746/pt/Igreja-de-Nossa-Senhora-de-Nazar%C3%A9>). Acesso em 27 de dez. de 2021.

E.V.A. https://pt.wikipedia.org/wiki/Espuma_vin%C3%Adlica_acetinada. Acesso em 14 de jan. de 2020.

FLOR, TELEFONE, MOÇA. <https://www.revistaprosaveroarte.com/flor-telefone-moca-carlos-drummond-de-andrade>. Acesso 04 de jan. de 2022.

TAMBOR – GRUPO DE PESQUISA EM CARNAVAL E ETNOCENOLOGIA (CNPq-2008). (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/16235>). Acesso em 22 de dez. de 2021.

ICOARACI. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Icoaraci> Acesso em 27 de dezembro de 2021.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE SABARÁ – MG
www.wikipidea.org/igrejadenossasenhoradocarmodesabara. Acesso em 22 de dez. de 2021.

MANDIOCABA. <http://portalparamazonia.blogspot.com.br/2016/04/mandiocaba-um-tipo-demandioca.html>. Acesso em 14 de junho de 2020

MANICUERA. em: <http://portalparamazonia.blogspot.com.br/2016/04/mandiocaba-um-tipo-de-mandioca.html>. Acesso em 14 de junho de 2020

MÚSICA NOITES TRAIÇOEIRAS. <https://cidadeverde.com/noticias/183438/musico-ganha-indenizacao-de-r-10-mil-por-plagio-em-noites-traicoeiras>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

MÚSICA TUDO É DO PAI. <https://www.letras.mus.br/banda-dom/167012/> Acesso em 10 de novembro de 2021.

NOSSA SENHORA DE NAZARÉ.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Nazar%C3%A9 Acesso em 27 de dezembro de 2021.

OBALUAÊ. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Obaluaê>. Acesso em 04 de jan. de 2022.

PEDIDO PELO FIM DA PANDEMIA. Apresentação artística do Auto do Círio 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=K2dhxCuiaOI>. Acesso em 31 de dezembro de 2021.

SANTUÁRIO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA (Pouso Alegre – MG) (<https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/pouso-alegre/santuario-imaculado-coracao-de-maria>). Acesso em 27 de dez. de 2021.

TRANSFER. <https://camisadimona.com.br/tecnica/transfer> Acesso em 23 de dezembro de 2019.

THE MIDNIGHT GOSPEL. https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Midnight_Gospel. Acesso em 04 de janeiro de 2022.

UNÇÃO DOS ENFERMOS. <http://www.novaalianca.com.br/index.php/catecismo/1505-uncao-dos-enfermos-cic-1512>. Acesso em 23 de dezembro de 2019.

VILIPÊNDIO. <https://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/1312/Vilipendio>. Acesso em 23 de dezembro de 2019

ANEXOS

REDE TURU VISÃO INFORMA

Adal Favacho

Uma profunda desolação abateu nas últimas horas nos bastidores do Pretinhos do Mangue. Devido ao surto de COVID-19 em seus integrantes, a produção dos abadá atrasou comprometendo o desfile do bloco no Carnaval do próximo domingo.

Se não bastasse a Pandemia, os mariscos entraram em greve reivindicando o distanciamento na maresia, isolamento social na preamar, aumento salarial e exigem a volta do auxílio emergencial.

O caranguejo após a quarentena é quem está à frente das manifestações e já anunciou que só desfilará após receber a segunda dose da vacina e o cachê para comprar o enxoval da D. Condessa, grávida de 3 meses.

Além do mais, o Quarto Comando de Tucumateua liderado pelo Siri e sua comparsa a Sirigaita, sequestrou o navio carregado de Cloroquina e Azitromicina, fugindo lá para as bandas da praia do Paxicu. A Gurijuba, a Tainha e a Pratequeira entraram em depressão ao descobrirem que são amantes do mesmo Bandeirado safado que está entubado no hospital do Arrombado. Para piorar, o Mexilhão, o Maraquanim, o Pacamum e o Sururu estão foragidos por suspeita de formação de quadrilha junina e envolvidos no tráfico de vacinas piratas e falsificação de Ivermectina, sem falar na ausência da Gó, da Piaba e da Arraia que também estão grávidas e viajaram para o Pauxis pra fazer exame de DNA pra aprovarem na justiça a paternidade do Peixe-espada, ou do Bagre, ou do Cação que juram de barbatanas e escamas juntas que não são os pais dos peixinhos, deixando a juíza da Comarca, Dona Pescada Branca, amarela de vergonha.

O camarão (vixi, Maria), foi internado na UPA do Rio Grande, devido à gravidade foi transferido, depois de ter levado uma pedrada do Peixe Pedra numa discussão no Rio das Pedras, pertinho do bar da Mãe Grande. Coitado, sobrou pro Tralhoto e para o Turu que testaram positivo e ainda assim tiveram que assumir o Sistema de Comunicação do Mangue para anunciar na entrevista coletiva aos prantos e com profunda tristeza o cancelamento do desfile do Pretinhos do Mangue e do Carnaval Curuçaense 2021.

Ainda bem que apesar de tudo Curuçá é um paraíso onde o maior mangue do mundo passa bem no fundo do nosso quintal renovado a cada dia nossa Fartura no infinito cio das águas em forma de cardume e soatá.

“Maré encheu, maré vasou
No Pretinhos do Mangue
Vou brincar com meu amor
Carnaval 2021

Usar máscara é a melhor fantasia

CONTROVERSIA CURUÇAENSES

Banda Esquema Embaloê

Vou contar, vou contar só não gosto de fuxico
Mas aqui em Curuçá nada a ver o apelido

Dona nova é idosa e o velho ainda é jovem
O café aqui é branco. O amarelinho é moreno
O infesa é muito calmo, o Namanha é arretado.

Dona Alta é baixinha e o Baixinho é alto.

A gorda é magrinha e o Siri-magro é gordo.

O pelado é cabeludo, o acordado é dorminhoco.

O que chamam de Prefeito nunca foi nem vereador.

O Padre não reza a Missa, o Delegado é cobrador

O Morte e o Finado jamais pensam em morrer.

E quem souber mais apelido vem cantar com Embaloê.

Vou contar, vou contar só não gosto de fuxico
Mas aqui em Curuçá, nada haver o apelido.

O Pintão é pequenino, o Maluco é normal.

O Motora não dirige, o Zinho é grande até demais.

O Padeiro é grangeiro, o Panema é garanhão.

Tia Biguta é um homem e um mulato é o Azulão

Aumento, mas não invento, não é papo nem conversa.

Também podera até no nome Curuçá há controvérsia.

Vou contar, vou contar, venham aqui ouvir pra crer

E quem souber mais apelido vem dançar com Embaloê.

(Emílio Ferrene / Noêmi Cunha)